

COMEDIA DO CAMPO

(SCENAS DO MINHO)

A nossa Gente

POR

TEIXEIRA DE QUEIROZ

(*Bento Moreno*)



LISBOA

PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA

(*Livraria-editora*)

50, 52 — Rua Augusta — 52, 54

1900

The Project Gutenberg eBook of A nossa Gente

This ebook is for the use of anyone anywhere in the United States and most other parts of the world at no cost and with almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away or re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included with this ebook or online at www.gutenberg.org. If you are not located in the United States, you will have to check the laws of the country where you are located before using this eBook.

Title: A nossa Gente

Author: Teixeira de Queiroz

Release date: March 5, 2022 [eBook #67561]

Language: Portuguese

Original publication: Portugal: Parceria ANTONIO MARIA PEREIRA, 1900

Credits: Pedro Saborano and the Online Distributed Proofreading Team at <https://www.pgdp.net> (This book was produced from scanned images of public domain material from the Google Books project.)

*** START OF THE PROJECT GUTENBERG EBOOK A NOSSA
GENTE ***

COMEDIA DO CAMPO



A NOSSA GENTE

Parceria Antonio Maria Pereira

(LIVRARIA-EDITORIA)

50, 52—*Rua Augusta*—52, 54

Obras de TEIXEIRA DE QUEIROZ
(*Bento Moreno*)

COMEDIA DO CAMPO
(ROMANCES)

I —Contos—1 vol. (ultimos exemplares)	500
II —Amor Divino—1 vol. (ultimos exemplares)	500
III —Antonio Fogueira—1 vol.	500
IV —Novos contos—1 vol.	600
V —Amores, amores...—1 vol.	600
VI —A nossa gente—1 vol.	500

COMEDIA BURGUEZA
(ROMANCES)

I —Os noivos—2 vol. (nova edição com o retrato do auctor)	1000
II —Sallustio Nogueira (exgotado) 1 grosso vol.	1000
III —D. Agostinho—1 vol.	600
IV —Morte de D. Agostinho—1 vol.	600
V— O famoso Galrão—1 vol.	600

Arvoredos—(Contos escolhidos, edição
diamante, com estampas) 800

As minhas opiniões—(Estudos psychologicos
e sociaes) 1 vol. 600

O Grande Homem—(Comedia, exgotada).

EM PREPARAÇÃO
(ROMANCE)
A Caridade em Lisboa
(*Comedia burgueza*)

COMEDIA DO CAMPO

(SCENAS DO MINHO)

A nossa Gente

POR

TEIXEIRA DE QUEIROZ

(*Bento Moreno*)

Imagem da editora

LISBOA

PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA

(*Livraria-editora*)

50, 52—Rua Augusta—52, 54

1900

La plupart des drames sont dans les idées
que nous nous formons des choses. Les événements
qui nous paraissent dramatiques ne
sont que les sujets que notre âme convertit en
tragédie ou en comédie, au gré de notre caractère.

H. DE BALZAC.—*Modeste Mignon*.

LISBOA
Typographia da Parceria Antonio Maria Pereira
11—Apostolos—11
1899

INDICE

Santa Margarida	<u>1</u>
Pastoral	<u>63</u>
Fogo do Céu	<u>95</u>
Voltou	<u>113</u>
Cresce o Mar	<u>155</u>
O Gamarrão	<u>171</u>
O Calvario do Amor	<u>187</u>

SANTA MARGARIDA

PRIMEIRA PARTE

I

Era adoravel no berço pela sua tranquillidade feliz: esse primeiro anno de existencia passou-o a mamar e a dormir, deixando de mamar para dormir, e interrompendo o dormir só para mamar. Nos curtos intervallos d'estas occupações sérias mostrava pouca vivacidade de character: para tudo e para todos olhava com tal incomprehensão, que se julgou que fosse doente, ou de somenos intelligencia. Pouco mais do que a planta que vegeta apegada á terra, e que só estima a terra que a nutre; pois o unico apego ou affeição manifestado n'este primeiro periodo de vida, foi pela ama, a Antonia, mulher do caseiro, e desdenhava os afagos da mãe verdadeira, preferindo-lhe os d'aquella que a sustentava de leite. A boa creatura ufanava-se com isto e no intimo julgava-se com melhor parte na maternidade de Margarida do que a propria D. Claudina, que a dá á luz. Este ciume levou-a a dizer ao seu homem, que mais queria aquella menina do que ao seu Zé, cuja criação entregara a uma irmã, para tomar conta da filha dos patrões, como estava assente e ajustado que fosse, mesmo antes dos dois partos. E justificava-se:

—Pois se ella é tão minha amiga, que não póde estar um só instantinho sem mim!... Meu rico anjo!... Se accorda e me não vê, logo chora que é grande matação. Lá o meu rapaz era muito mais bravo e até ruim. Dava-me cada dentada!... Havia noites, que eu não pregava olho por causa d'elle.

Assim correu o primeiro anno; mas quando se entrou no seguinte e pela volta dos quatorze mezes, começaram para a misera Antonia noites difficeis e tormentosas com o rompimento das presas. Tudo que até ahi fôra doçura de character, se transformou em rabugem

insupportavel. Quantas dôres não soffreria a pobre creança para chorar continuamente, de dia e de noite, que nem se comprehendia como tivesse folego para tanto!... A ama aguentava com heroicidade e lagrimas as mordeduras no peito, que chegavam a fazer-lhe sangue. Os medicos prohibiram o desmamme n'esta grave crise, que foi tão violenta e alarmante, como qualquer perigosa molestia. Esperava-se que isto passasse; decerto havia de passar e passou, depois de ter durado tres longos mezes, com a creança entre a vida e a morte. Não lhe faltaram com nenhuma coisa que podesse minorar aquelle soffrimento horrivel: além dos medicos que vinham ambos todos os dias, foram requeridos os mais afamados e milagrosos santos da visinhança; e consultadas as feiticeiras mais sérias, que predisseram com grande tino e sagacidade, sobre cueiros e camisinhas da innocente Margarida. Mas n'esse periodo atroz dos tres mezes tudo parecera infructifero: as convulsões eram aterradoras, a febre continuada, o emagrecimento implacavel! As honras da victoria, por fim, couberam a santa Margarida, padroeira da capella da casa, cujo valimento imploraram, adiantando-lhe uma illuminação de velas de cera em oito dias e oito noites contadas hora a hora. As primeiras reconhecidas melhoras declararam-se exactamente no fim d'este espaço de tempo, e por tal motivo houve depois missa cantada em acção de graças e sermão, em que o padre José Pitança disse coisas maravilhosas ácerca do incontestavel milagre.

Passara o perigo e com elle todas as afflicções n'aquella casa. A creança melhorou, entrando n'uma phase de saude regular. Voltaram-lhe as bellas côres do rosto. Acordou d'esta especie de lethargia com vivacidade irrequieta nos olhos e signaes de esperteza em todo o semblante, o que até ahi se lhe não tinha notado. Os paes viviam mais contentes do que nunca, pois que a filha lhes fôra restituída accrescentada em espirito e saude. Antonia é que não seria completamente da mesma opinião, visto que a sua querida menina já não era tão meiga e docil de character. Estava uma

insupportavel traquina: tinha muito genio, um frenesi permanente lhe dominava a vida infantil, custava muito a aturar. Os nervos ainda se lhe exacerbaram e o querer tornou-se mais irascivel, quando aos sete annos veio uma segunda crise de doença. Aquelle pequenino rosto, uma oval delicada que podia conter-se na exigua mão d'uma fada; aquella bocca pequenina e vermelha como um botão de rosa; os dois olhos negros como duas amoras... tudo se transformara a ponto de parecer um rosto feio, com dentes transitoriamente deseguaes e em posição cahotica, beiços grossos da inflammação, e olhares violentos e maus. A misera Antonia passou n'este periodo amarguras desconhecidas: eram mordedellas, beliscões e pancadas com que a mimoseava esta sua filha de leite. Não socegava, nem de dia nem de noite. O seu dormir d'agora, era tão vario e turbulento, que mesmo durante o somno seguia a encarniçada batalha da vida, com gargalhadas, choros, gritos, gestos e palavras de violencia, como se estivesse acordada. A paciente ama andava constantemente a pé com um frio de lobo, para a cobrir; pois considerava, que, se a pequena lhe apanhasse algum resfriamento, ella mais do que ninguem pagaria o mal com vigílias e canceiras. Durante essas longas horas de silencio, á luz tremula da lamparina que havia no quarto commum, escutando o vento que uivava nas carvalheiras da matta e a chuva que grazinava no telhado e nas vidraças, é que a humilde serva tinha os seus desabafos deante da imagem da Virgem, que estava no oratorio:

—Mesmo uma cabrita!... Não é do meu leite... não! Isto... trocaram-m'a por outra. Se esta Nossa Senhora a levasse para a sua companhia...

Mas vinham-lhe logo idéas de arrependimento, por causa de taes arrenegos. Creara-a ao seu peito e lembrava-se com amor das consolações, que Margarida lhe dera no primeiro anno de amamentação, quando era meiga como um cachorro recém-nascido, formosa como um anho de lã branca. Não se lhe desvanecera ainda da pelle a sensação deliciosa d'aquelle contacto setinoso; no mamillo sentia ainda o sugar angelico que lhe inebriara de caricias todo o corpo e até, por vezes, a tinha adormecido com deleites (como dizem que produz a cobra manhosa, que magnetisa

a teta ubere de que se sustenta ás furtadelas). Então Margarida era uma bolinha de carne, que dava gosto mostrar a toda a gente, e com quem appetecia dormir quando ella se mettia pelo corpo da ama dentro, feita n'um novello, os joelhinhos proximo do queixo, as mãosinhas agarradas na mamma com medo que lhe fugisse. Taes coisas nunca esquecem, deixam, na memoria de todo o corpo, impressão de suavidade e doçura tal, que impossivel é olvidal-as, mesmo quando surjam novos factos de natureza varia a contradizel-as. Foi por causa da primeira crise de dentição, que Margarida mammou muito para além do anno; e ainda para maior mal, Antonia continuara-lhe este vicio bem mais tempo do que se suppunha. Já o peito estava sêcco; a menina, que dormia com ella, não pegava no somno sem que tivesse a chucha na bocca e fazia-o com tanto geito e goso que a ama lhe dizia:

—Sua lambona! No dia em que se casar ainda ha de pedir d'isto... Caso é que parece correr-lhe...

E corria e ella deixava correr, pois que n'esse sugar improficuo e vicioso, a boa mulher, além de não querer contrariar Margarida, encontrava a lembrança de tantas meiguices passadas, que até lhe vinham lagrimas de contentamento. Se ao despegar a creança a bocca, por cahir em somno, ella reconhecia no bico do peito algumas gottas tiradas do seu sangue, vinham-lhe assomos de ternura, em que perdoava todas as rabinices do dia. Foram n'este viver defezo até aos cinco annos da pequenita, pois Antonia só assim encontrava meio de lhe dominar as crises de genio violento. Quando a via com o diabo no corpo, fechava-se com ella no quarto ás escuras e lá perpetravam o seu crime. Mal pensava a ama, que com tal proceder, concorria para tornar aquelles nervos (já de sua natureza vibrantes e sempre álerta para explodirem como centelhas electricas) exigentes e melindrosos, logo no começo da vida! Pois assim se formou aquelle cerebro excentrico e phantasioso: ora illuminado de alacridade estrondosa e communicativa, ora obscurecido por tristeza bronca e inconvivente; hoje da suavidade doentia da rola amorosa, ámanhã da rudeza do milhafre accommettendo com as garras e o bico. Quando presa de melancolia, procurava escuras sombras nos arvoredos da matta

contigua á habitação, secrestando-se assim do convívio de todos; n'outras occasiões, com a mente jubilosa praticava innumeras temeridades—subindo a arvores e a telhados, provocando os viçosos bezerros que pasciam no prado, soltando os sanhudos cães de guarda para accommetterem pacíficos transeuntes e os pedintes que vinham ao portal. Porém alegrias ou tristezas eram-lhe de pouca dura: simples fulgurações de nervos, que logo se apagavam após ephemero clarão. Appareciam frequentes e ligavam-se taes estados de sentir contrarios, mostrando, no emtanto, accentuado pendor para tudo que fosse bulha. Traziam tambem essas rebeldias de nervos character de contagiosas ou suggestivas para as outras creanças, que a imitavam e seguiam com enthusiasmo e obcecação, collaborando com ella em obras destruidoras contra animaes, flores ou mobilia. Esta pequena imperatriz da maldade impunha auctoritariamente a imitação do seu procedimento tyrannico e contundente. Os paes eram ricos, queriam-lhe muito e consentiam-lhe tudo; por isso encontrava sempre como victimas para esgotar a turbulencia da sua alma um velho creado paciente e tonto, um cão gottoso e indefeso que dormia juncto da lareira, um pobre jumento aposentado, que soltavam para comer nos vallados. Porém a passividade soffredora, que taes entidades lhe offereciam, mais lhe fazia refterver o sangue; não se ressentirem das suas provocações tomava-o como de pouca consideração pelo seu poder; o soffrimento alheio causava-lhe regosijos de que dava mostras com animo contente e satisfeito. Quem podia, evitava-lhe o contacto; mas os creados e dependentes faziam-lhe vontades e muitas festas deante dos paes; diziam-lhe palavras de carinho e agradaveis; louvavam-lhe a docilidade de genio e animo dadivoso; porém, não poucas vezes, Margarida lhes commentou os dizeres com esta que tal rabinice:

—Tu dizes isso para a mamã te ouvir...

E D. Claudina sempre a corrigia assim:

—Bem sei que és ruim como as cobras; mas és minha filha...

Os doze annos de Margarida, coincidindo com o domingo de Paschoela, em que se celebrava o orago da capella da casa, foram festejados com demasiada pompa. Quem primeiro lembrou o ajustado d'essas duas datas foi Antonia, e D. Claudina assignalou a importancia do facto, por serem os doze annos a idade que marca a transicção da inconsciencia infantil, para a responsabilidade de quem já repara na sombra. Talvez ambas tivessem o pensamento reservado de pedir a collaboração da santa, com o fim de conseguirem qualquer mudança favoravel no character irascivel da creança!... Tem-se visto milagres d'estes e maiores; nunca se deve desesperar da possibilidade da intervenção do poder divino nos destinos humanos. Posta a questão de assim conseguirem para a alma de Margarida uma correlação de belleza com a do seu rosto, que era, em certos instantes, d'uma belleza seraphica, não se pouparam os paes a larguesas. Formaram plano grandioso: haveria missa a tres padres, com Gloria e Credo cantados por côro escolhido; haveria sermão de circumstancia pregado por qualquer padre de nomeada, que viesse de Braga, onde os ha bons; haveria fogo preso e musica de vespera; romaria e procissão com anjinhos no dia. Isto pelo que toca ao divino: no que diz respeito ao profano, grande jantar com numerosos convivas, uma especie de baile no domingo á noite, que se realisaria na grande sala de ordinario destinada a estendal e armazem das fructas, batatas e feijão, que se guardavam para todo o anno.

Quanto mais se martellava n'isto, mais se estendia e melhorava a primitiva idéa. João da Costa assentou em que, para celebrar condignamente a junção da festa da padroeira da sua capella com os doze annos de sua filha, devia attrahir muito povo de perto e de longe e por tanto encommendou ao Zé Osti, o mais afamado fogueteiro do Alto Minho (onde se conhecem dos primeiros) um fogo preso chibante! Sabia elle muito bem que sendo conhecido este promenor, não ficariam em casa senão os muribundos; porque até os cegos e paralyticos haviam de concorrer.

Não se enganara: era de vêr como dos campos em lavrada, se levantavam alaridos de alegria no dia em que atravessaram as aldeias visinhas o proprio filho do Zé Osti, capitaneando uma duzia

de mulheres, que á cabeça transportavam as diversas figuras e o abundante fogo do ar. Tambem João da Costa se não esqueceu de mandal-os esperar pela musica que tinha contractada, e que á frente vinha annunciando o caso com o estrondo dos seus metaes, tocando grandiosa marcha. A galhardia dos trombones, figles e cornetins, lardeados pelos alegres clarinetes e flautas soprados com alma e coração, e tudo esfuziado por um soberbo requinta que fôra musico do tres de Vianna, formavam um tal conjuncto alegre e ostentoso, adeante dos bombos e pratos, que era de deixar bois, charrua e arado, para vir ao caminho gozar, admirar e applaudir! Tudo merecia a imaginação copiosa e deslumbradora do afamado fogueteiro! As formosas moçoilas que abandonavam, por momentos, as sacholas e vinham acompanhadas dos namorados ver as ricas peças, bem o demonstravam exclamando:

«Olha a chieira d'aquella macaca de chapéu de flôres! Veremos se terá a mesma, quando lhe rebentarem as bombas por baixo da saia de balão.»

«Olha o barbeiro a amolar as navalhas! No sabbado á noite é que as hade amolar depressa!...»

«Olha o janota de chapéu alto, que grande charuto leva na bocca! Aquillo é que hade esguichar fogo, quando lh'o accenderem.»

«E o painel de Santa Margarida cheio de lagrimas de côres á roda! É obra apilarada! Não vêdes gentes, como se parece com a morgadinha?!...»

Do fogo do ar é que se presumiam coisas de espavento, pelo que se vira na passada romaria da Agonia. Então deitaram-se foguetes com cabeças maiores do que as de gente, e houve por momentos receio de que pudessem estremecer e toldar os vinhos que ainda estavam envasilhados, ou aluir qualquer penedo mal seguro! Todos tinham tamanho respeito aos monstros, que o Zé Osti, não encontrando nas localidades homem bastante corajoso para lhes chegar a murraca, nas occasiões se fazia acompanhar por um especial, que tinha o craneo por forma duro e resistente, que não haveria receio de que lhe rebentasse o sangue pelos ouvidos, ou se

lhe voltasse a mioleira, se por acaso um dos foguetes não subisse e lhe estalasse aos pés.

Era um sujeito atarracado e musculoso, que para exercer o mister tinha de arroxar o craneo com tres lenços em volta. No intuito de prevenir desgraças esses foguetes gigantes, deitavam-se sempre longe do ponto da romaria, e para agora haviam escolhido o conjuncto especial de penedos chamados o Castello, com o fim de que o estrondo não encommodasse.

Á chegada da musica e do fogo, a creadagem de João da Costa, logo appareceu no largo da entrada a distribuir copos de vinho, por toda aquella gente que vinha suada. Foi um despejar como nunca se vira: «e vivam os senhores fidalgos, por muitos annos e bons», «e viva a senhora morgadinha que ha de arranjar um namorado de truz!». Em quanto houve mollete nos cestos foi estacinhar e beber; achando-se já fartos, recomeçou a musica com tanta furia, que até parecia que se estava no dia da festa. O fogueteiro para mostrar a sua fazenda descarregou-a ali mesmo no quinteiro, pondo as figuras em correntesa, para que todos as vissem e admirassem. Havia realmente progresso e modernice quer nas attitudes, quer no vestuario, pois tudo era mais humano e natural. Os corpos com outros geitos e menos rigidos; nas roupas, os papeis semelhavam fazendas—de seda pareciam as saias e os corpetes, de casemira as calças e casacas. Até era pena que tão bellas coisas fossem destinadas a rasgões violentos de bombas e a arderem no meio da alacridade do povo! Tudo tinha, porém, o fim de augmentar a magnificencia da festa em honra de Santa Margarida e dos formosos doze annos da sua afillhada. João da Costa desceu com alguns amigos a apreciar de perto tanta maravilha e perfeição e com um gesto orgulhoso de cabeça, indicando um monte especial de foguetes perguntou:

—São os taes?

—Sim, senhor—respondeu o Osti.

—Parecem cabeças de toiro! Subirão?

—Como perdises que encastellem, verá! Iriam ao ceu se fosse preciso.

Eram as faladas maravilhas, timbre e gloria do famoso artista. Os creados da casa, com as canecas vasias na mão pasmavam deante d'ellas, considerando absortos, que alma damnada teriam dentro, para com o estrondo ao rebentar, metterem medo a quem estivesse mesmo a grande distancia.

Como fosse dia de sexta feira a musica retirou-se depois do beberete, para voltar na noite seguinte, que era a do arraial. Antes havia a ultimar os trabalhos de ornamentação da capella e escolher bem o sitio do fogo preso, para que fosse gosado por toda a gente. Porém com o fim de não haver descontinuidade no entusiasmo pela apregoada festa, chegaram n'este dia pela volta das onze da manhã os tres zabumbas, as seis caixas e a respectiva gaita de folles, que João da Costa encommendara, e entraram na freguezia d'um modo ovante, tocando com verdadeira imponencia, para despertar a alegria nos corações. Atravessando o povoado em passo lento, solemne e compassado enchiam os ares com o estrondo magnifico dos seus instrumentos, e logo se dirigiram á casa de habitação dos festeiros para os saudar. Então ali é que foi o bom e o bonito, depois de despejarem mais de um cantaro de vinho sobre uma boa duzia de postas de bacalhau e brôa!... Como ficassem alegres e satisfeitos, quizeram mostrar melhor a sua gratidão e artes; por isso se propozeram a exhibir todos os segredos dos seus instrumentos. Bombos a um lado, caixas ao outro e gaita no centro, começou o grande apparato! Os zabumbas formavam um fundo de quadro de paisagem colossal e montanhosa; os seis tambores pareciam alegres comadres a chasquear e a ralhar; o da gaita de folles pavoneava-se desvanecido com ella nos braços, encostada ao hombro como um tropheu!... Veio a familia e vieram os convidados á janella; o rapazio gaudiáva dando cabriolas. N'um certo momento dois dos caixas, que andavam sempre em rixa, separaram-se dos companheiros para repenicarem com todo o primor, dobrando o rufo com elegancia e mestria. Era um florear de baquetas em tom cadenciado e tremulo sobre a pelle distendida das

fallecidas cabras. Mostravam prestesa, pulso rijo e flexibilidade de musculos. Havia em tudo aquillo enthusiasmo e coração de valentes, o que se tirava da energia facial com que se combatiam, procurando reciprocamente cançar-se. No mais vivo da sequestra, um dos de zabumba, que tambem presumia de sua fama, saltou para o meio do terreiro e principiou muitas variações, saltando e pulando com mil requebros. Era homem agil e physionomia viva de olhos bugalhudos. Com a baqueta da mão direita feria o instrumento em todas as posições imaginaveis: por cima da cabeça, com elle horizontal á ilharga, suspenso nas costas, deitando-se no chão com elle sobre o ventre! Os companheiros seguiam-lhe a destresa de athlecta, com sorriso sceptico e molle, tirando dos seus bombos sons mais baços.

O gaiteiro vendo applaudidos por todos os assistentes aquellas galhardias, não lhe consentiu o animo ficar em obscuridade. Era homem baixo e grosso, physionomia ossea, mas esperta. Filho d'outro de Compostella, herdara de seu pae o instrumento e a prenda de o tocar com distincção. Afastando-se dos zabumbas e caixas triviaes, principiou a rabear entre os tres que já se exhibiam com apparato e luxo de ademanes. Quiz tambem chamar sobre si a attenção dos festeiros. Com o ventre do instrumento impando, requebrava-se em passo cadenciado e dolente de dança gallega: tirava; ora sons plangentes e maguados como gemidos tristes; ora um psalmeiar monotono e roufenho, que ondulava no ar como o vôo pesado d'um ganço; ora guinchos agudos como estylêtes ou espinhos que entrassem nos ouvidos. Saracoteava-se com o instrumento ao collo, mechendo os dedos n'uma especie de canudo de flauta e soprando-lhe no ventre por um bico de cegonha.

Os bombos a falar grosso, as caixas a rufar certo, o gaiteiro a tocar variado, tudo n'uma paisagem primaveril de folhas tenras, um bom e carinhoso sol de primavera a aquecer, era deveras divertido e excentrico! Uma atmosphaera empregnada dos aromas de mil plantas, tornava esta sexta feira de Paschoela risonha e feliz, o que bem se reconhecia dos semblantes de toda essa gente, pois tinha alma para o sentir.

III

Por todas as disposições se reconhecia que este excepcional domingo e estes doze annos de Margarida viriam a marcar data na historia da familia. Os convidados, amigos e parentes de João da Costa, que já muitos tinham chegado para assistir ao arraial, mostravam-se interessados por verem tanta gente assim atarefada e remexida: eram todos os creados da casa, os armadores da capella com Zé Maximo á frente, que tambem mandava nas illuminações, o fogueteiro com os seus ajudantes a abrirem covas para o fogo preso, os dos zabumbas, os das caixas e o gaiteiro... todos a alarmarem a freguezia e redondezas. Uma balburdia, uma abundancia, uma grandeza sem par!... O amor, louco e incondiccional, d'aquelles paes por sua filha, explicava o turbulento apparato; mas, de todas as pessoas ali reunidas, uma parecia menos gostosa do que se passava e era a festejada creança. Agitava-se é certo, andava no meio d'aquellas coisas, com outras meninas e rapazes da sua equalha; porém reconheciam-n'a possuida d'uma das suas crises de tristeza e inconvivencia, como quando fugia para a matta, a esconder-se na espessura dos arvoredos, para evitar o contacto de gente, que lhe melindrasse a sensibilidade. A mãe, que a perscrutava, momento a momento, percebera, pelo arrepanhado das linhas faciaes, pelo seu olhar frenetico, que Margarida soffria uma sezão de impaciencia; no seio decerto lhe crescia um desejo inconstante, e logo que poudes tel-a entre os braços perguntou-lhe:

—Que tens tu, minha filha, que andas tão esquisita?! Falta-te alguma coisa?

—Não sei... Falta!...

—O que?...

—Não sei... Falta...—repetiu desprendendo-se, para se ir misturar aos que admiravam o fogo disposto no quinteiro. As creanças faziam os seus commentarios, comparando estas com outras figuras que tinham visto arder em romarias, e dirigiam as suas observações a Margarida em tom bajulador, que ella acceitava com sobranceira

de dona. João da Costa, homem prevenido, vendo-as assim zanzar, e temendo qualquer samsaboria, disse ao filho do Zé Osti:

—Olha lá. Não seria melhor recolher tudo na adega?! Póde estragar-se qualquer coisa, entendes?...

—Mais que isso, póde haver trapalhada. Um lume prompto, a ponta d'um cigarro dentro d'aquelle cesto (indicou-o com o dedo), levava tudo pelos ares, enquanto o diabo esfrega um olho...

Abriu-se a ampla porta, que tinha fechadura valente. Ali ninguém entraria sem consentimento e o morgado accrescentou para o fogueteiro:

—Tu que és responsável ficas com a chave. Ninguém mais tem que cheirar n'estas coisas.

O filho de José Osti, com o seu pessoal, é que collocou dentro dos dois lagares o fogo, arrumando-o pela sua importancia. A um lado o que era figurame, bem separadas as peças, para se não destruirer os enfeites que seriam o encanto da vista; ao outro o fogo do ar, as taes abantesmas com bombas do tamanho de cabeças de toiro. O cesto mysterioso e suspeito, já assignalado como coisa de circumstancia e perigo, foi collocado a um canto com a seguinte recommendação do Osti, dita em tom de grande preço:

—São os trincafios, a namite, as lagrimas, a polvora fina e outras coisas... Isso póde incendiar-se e será uma de mil demonios!...

As creanças, na presença de quem a recommendação fôra feita, ficaram maravilhadas, medrosas e attentas. Que coisas terriveis e bellas não estariam debaixo d'aquella toalha de branco linho, cobertura do modesto cesto!... Os grandes olhos de Margarida haviam-se illuminado de fulgor cupido e excepcional, logo ao primeiro aviso no quinteiro; agora fixaram-se com uma absorpção intensa no lugar onde haviam pousado o objecto defezo. Com um impulso que lhe guiava a vontade, a sua pequena mão dirigiu-se á toalha branca, para a levantar, mas o fogueteiro susteve-a, dizendo:

—Ó menina! Ahi não se bole! Não ouviu?!...

João da Costa incutiu-lhe maior curiosidade e pavor:

—Ó filha! Nem te approximes sequer!...

—O que aconteceria se eu bolisse?—perguntou com os olhos meigos e risonhos fitos no Osti.

—Podia-se incendiar tudo, n'um instante, como um relampago—explicou.

—Então havia de ser bonito...

—Isso como um ceu aberto!—encareceu o artista.

Todos saíram. O grande portão, por onde podia entrar um carro com uma dorna, fechou-se com estrondo magestático. João da Costa depois de, por sua própria mão ter dado volta á chave, entregou-a ao fogueteiro:

—Toma-a, que és o responsavel.

O rosto de Margarida soffreu nova transfiguração: não era de alegria, nem de tristeza o sentimento que exprimia, mas de reserva e idéa fixa que lhe obcecasse o cerebro. Fugiu para o seu quarto, abandonando os companheiros de brinquedos e ali se quedou com a vista absorta na cal branca da parede... Sorria deliciosamente a uma visão angelica, ou carregava o sobr'olho n'uma expressão voluntariosa. Sentada na borda da cama, o queixo levantado na pequenina mão, seguia miragem ou chimera, que lhe encantava a mente, levando-lh'a a voar pelos infinitos espaços. Como se houvesse tomado qualquer resolução, desceu de onde estava, bateu imperiosamente com o pé no chão e pronunciou:

—Pois hei de ir lá vêr o que é!...

Sabia perfeitamente como poderia entrar na adega, mesmo que a porta estivesse fechada. Quantas vezes, no jogo das escondidas com outras creanças, ali se sumira sem que ninguém a pudesse encontrar! Ensinará-lhe o caminho uma cadella, que lá dentro tivera a sua ninhada, e que a occultas a ia amamentar, entrando por um postigo da face poente, que conservavam sempre aberto para arejo dos toneis. Trepando pela parede, como muitas vezes praticara, entraria no antro do mysterio, e sosinha (como era seu desejo) podia admirar o que fôra prohibido a toda a gente. Deviam ser

maravilhas nunca vistas, deslumbramentos nunca apreciados!... Que intenso prazer lhe não dava, infringir ordens terminantes de seu pae e do fogueteiro! Um doce e longo efflúvio lhe percorria todos os nervos; antegostava com delicia incomparavel o instante de poder tocar de leve os encantos que lhe fizeram conceber! Descobriria o segredo d'esses deslumbramentos, que recamavam o negro manto das noites d'arraial, com estrellas de côres! Saberla o que eram em germen as lagrimas, antes de escorrerem em escadeas de luz e de maravilharem a imaginação! E era-lhe devido este goso pela posição especial que occupava em tal festa. Não era ella a senhora, a festeira, a pessoa que deveria mandar sem estorvos em tudo? Estremecia de contentamento, ao delinear na mente o furtivo accesso pelo postigo grande, por onde entrava a cadella, quando ia amamentar os filhos.

Realmente, ao lusco-fusco d'esse dia, no periodo em que as sombras principiavam a cahir solemnemente das montanhas com todo o seu poder de mysterio, Margarida sahiu de casa com a alma aguilhada para aclarar o enigma. Munira-se d'um coto de vela de cêra que tirou do oratorio, d'uma caixa de lumes-promptos, e foi sem ser presentida. Logo que se encontrou dentro da adega, diluido o seu corpo na treva, accendeu a luz para retomar a propria individualidade. Á vista do pequeno cesto coberto de toalha lavada e branca (qual pacifico e substancial merendeiro) o entendimento entorpeceu-se-lhe com a força da curiosidade. Seria possivel estarem ali escondidos os maravilhosos lumes, que, abertos no escuro da noite, offuscavam o scintilar das estrellas?! Fontes de luz, variadas no brilho e nas côres; descenso de adornos do firmamento, que duram instantes; maravilhas de pequenos meteoros, que, ondulando no espaço como espiritos angelicos, buscam repouso glorioso; rebentos da treva como flores luminosas de cristal; adereços de pedras preciosas jorrando do interior do céu... era o que ella presumia sob a modesta toalha branca... Quantas vezes os olhos do seu corpo não haviam cegado com os deslumbramentos d'essas lampadas sagradas suspensas sobre a Terra! As radiantes lagrimas, quando brancas, parecem chuva de claridades ou pranto celeste brotando como rozeiral de diamantes e morrendo, depois, suavemente como beijos; quando de côres semelham rosarios de

rubis, de topázios, de esmeraldas, que transformam a treva em interior illuminado de palacio encantado, habitação de fadas. Tudo isto, sabia-o Margarida porque lh'o tinham revelado na prohibição feita, e estava ali inerte sob a toalha branca. Não devia ver e averiguar o que fosse? Correria risco quem o tentasse... mas para aquelle espirito irrequieto e temerario, o perigo era um incitamento. Com a pequenina mão direita, tremula de commocção que não de susto, levantou a ponta da toalha alumando-se com a vela acesa... O que viram os seus olhos cubiçosos e egoistas?!... Nada, ou pouco mais: embrulhos em papeis; alguns pequenos frascos com liquidos e tigelas com agua de onde se mergulhavam coisas; meadas de torcidas de algodão impregnadas de polvora, com envolucro de papel, a que chamam trincafios. Seria d'isto que sahiam esses lampadarios aereos, que deslumbravam os olhos de tanta gente?! Mal se podia acreditar, pois toda a apparencia era de objectos vulgares, inertes e sem flammancia. Cheia de confiança em si e minada do desejo de averiguação, principiou com os seus delicados dedos a remexer todas aquellas miudesas, emprestando-lhes alguma vida, para d'ahi sahir a acalmação da febre que lhe exacerbava a mente. Talvez que, ao seu contacto, das substancias mortas nascessem vivas faiscas, inicio de prodigios! Talvez!... Quem poderia dizer o contrario? Aquelle algodão embebido em polvora e envolto em papel, muitas vezes ella o vira encendiar-se, se lhe applicavam a morraca... Se agora lhe achegasse a luz, talvez ardesse um boccadinho e fosse este um começo de fascinações... Nos olhos vivos e sequiosos apparecia o signal de que tal desejo lhe crescia no cerebro, como lavareda dominadora. Com mão timida ainda, mas guiada por força que não podia contrariar, foi ajuntando a chamma da vela com o ponto negro do trincafio... Apparece o primeiro brilho e logo Margarida retira promptamente a pequenina mão, para que não continue a arder... Mas esse ponto luminoso foi logo maior e grande, propagou-se por todo o cesto, como um vagalume rabioso... Alarga-se n'uma luz azul e viva de relampago, seguem-se estoiros e logo pavoroso e infernal ruido, que tendo começado dentro do cesto, se propagou com a velocidade a todo o espaço da ampla adega. Que scena phantastica, maravilhosa, deslumbrante e cahotica, esta de um horrido estrepito no meio de

lavaredas, que vomitavam raios, esfusiando de todos os lados!... Quem podera ver a graciosa figura de Margarida, n'esta confusão terrivel, consideral-a-hia apparição angelica, cheia de gloria e poder divino, dominando a confusão dos mundos, com a serenidade risonha d'um seraphim. Estava de pé na separação dos lagares, os braços levantados em prece sublime, olhos brilhantes e cheios de entusiasmo, como os dos martyres que a Deus glorificavam sobre fogueiras! Que se passaria no seu craneo n'este instante unico!... Talvez sentisse a alma arrebatada em fogo! talvez se julgasse levada aos infinitos paramos em ondas de luz! talvez que esse estranho grito que da sua debil garganta sahiu, fosse a primeira nota d'um canto de gloria!...

IV

O pavor produzido pelo estrondo de bombas e morteiros a rebentarem dentro da adega grandemente illuminada, foi cruel e estupefaciente! Reconheceu-se o que tinha succedido; mas o que se não comprehendera logo, era como o caso se poderia ter passado, visto a chave andar no bolso do fogueteiro. Só espiritos malignos seriam capazes de ali ter penetrado; pois só elles podiam conceber a execução de tamanha catastrophé! Como as aguas das montanhas, quando collidem para um valle, correu toda a gente para o perigo. N'um momento foi aberto o largo portão, que semelhava a bocca de enorme forno, com o seu ventre em chammas! O creado mais resolutto atirou-se ao meio do incendio, subiu celere ao lagar e, de pé na borda, disse em voz tremenda:

—Jesus!... A menina a arder!...

O seu arrojo, que fôra temeridade, tornou-se loucura: sem attender a risco, abre caminho por entre linguas de lume e estrondo de bombas, e tomando o debil corpo da creança, como quem abraça um feixe de lavaredas, sae com ella para o exterior, por entre gente apavorada. Logo acudiram com mantas e cobertores, conseguindo apagar as chammas dos vestidos de Margarida e do homem que a salvara. Porém a desgraçada creança, sem accordo, parecia morta! Levaram-n'a para casa no meio das afflicções de

todos, especialmente dos desditosos paes e logo a despiram com rapidez para se apreciar a extensão do mal. O debil e formoso corpo estava intacto, menos nas partes desprotegidas pelo vestuario. A face então!? Essa pequenina meniatura de face, que dois beijos poderiam cobrir, agora vermelha, empolada e disforme perdera a brancura nativa e a graciosidade de linhas, que a faziam comparar ao rosto das santas! Todos os delicados relevos de feições tinham desaparecido nivellados em massa confusa e pastosa, sem expressão humana. No que se transformava belleza tão delicada, d'uma correcção tão perfeita e harmonica!... Crestados os cabellos longos e finos, e os bem desenhados supracilios, e as formosas pestanas, que sombreavam as pupillas; avolumado pelas empolas o delgado e airoso pescoço... desaparecera toda a graça da viva cabeça de Margarida. Isso que fôra encantador, prendendo a vista da pessoa menos attenta, era massa informe e sem espiritualidade. Onde estava o riso gracioso de seus labios tantas vezes cheios de brisas de carinho, quantas de nuvens caliginosas de desejos?! Onde a expressão turbulenta e dominante das narinas, exprimindo appetites rebeldes, mas innocentes?! E as orelhas pequeninas, da transparencia da porcellana com veios escuros nas curvas complicadas, onde estavam?! E o breve mento, tão breve e gracioso como o da Venus de Millo?!... Tudo se desfizera e se confundira!... Essa interessante physionomia que era jubilo, que era rebeldia de sangue em fervura, que era signal de alvedrios intensos gerados no limpo coração e logo subidos aos labios e aos olhos... Os olhos!... É verdade, os olhos de pupillas inquietas, os olhos de iris escura, mas indefinida com laivos de ceu e de mar profundos, que tinham lampejos á noite, mysterio ao entardecer, alegria na alvorada, carinho á luz brilhantissima do dia... que era feito d'elles?! Jaziam sepultados sob a grossura das palpebras inflamadas. Teriam vista ao menos?... Ninguem o sabia. A mãe de Margarida, sem accordo, como morta sobre a cama; o pae, homem forte e vigoroso, diluia-se em pranto junto da filha adorada. Os dois medicos que tinham corrido ao toque d'essa grande desventura, davam consolações vagas, esperanças infundadas. O lindo rosto de Margarida poderia voltar ao que fôra, a ser outra vez pequenino e engraçado...— diziam. Ainda n'elle se havia de gosar a vista da mesma espiritual

belleza, que enchera de ventura o coração dos paes infelizes. Tinham-se visto curas completas mais extraordinarias do que esta, verdadeiros milagres no entender do povo. Os casos feios é que melhor assignalam as victorias da sciencia. Não era já circumstancia favoravel, que a vida tivesse sido poupada em perigo tão violento? O gentil corpo da creança estava quasi intacto na pureza das suas linhas, na elegancia do seu porte, na brancura da sua pelle, quando o natural teria sido ficar reduzido a um negro carvão. Só o rosto fora principalmente prejudicado... Certo é que no rosto reside toda a formosura. O de Margarida era tudo que havia de mais immaterial: a bocca pequenina e vermelha, tinha a graça; os olhos meigos e turbulentos, a inquietação infantil; na sombra das pestanas e no desenho dos supracilios, estava o inigma do pensamento; na pelle rosea, a mocidade; no arrojado do nariz a constante revolta; na curva serena do mento a tenacidade... Se isto viesse a faltar, ou se se transmudasse a rara combinação, que valeria o conjuncto, ainda que fôra dez vezes mais perfeito do que o da estatua grega?!... Porem como a esperanza é o riso da natureza humana, e o natural e o proprio dos que soffrem dores fundas, já os angustiados paes principiavam a escutar com bastante conformidade as palavras de quem os consolava. Os medicos, primeiro que tudo, pediram liberdade juncto da pequena enferma, para largamente applicarem os meios que a profissão lhes aconselhava. Certificaram desde o começo que Margarida não morreria, e tocados de piedade por aquelle incomparavel infortunio, ousaram affirmar que haviam de restituir á creança, a saude e a belleza. A longa falta de conhecimento em que após o accidente se conservara algum tempo Margarida, attribuiam-n'o a estado epileptico, despertado pelo assombro de scena tão extraordinaria, como teria sido a de se ver repentinamente cercada de chammas e de estoiros infernaes. Devia ter sido horrendo para uma creança de doze annos, que dentro de si só devia ter fontes de sonhos aureos e aspirações celestes.

SEGUNDA PARTE

I

Passaram-se dias e passaram-se mezes. O soffrer longo e tormentoso seguia lento. A physionomia de Margarida era toda uma postula. Porém de informe nos primeiros tempos, foi adquirindo longes de vida e expressão com os inicios cicatriciaes. Margarida queixava-se pouco; parecia que os nervos se lhe tivessem insensibilisado, ou que na catastrophe houvesse adquirido coragem heroica para supportar a dôr. Até os medicos se admiravam de tanta paciencia nos curativos, pois lhe applicavam topicos que a deviam mortificar. Notava-se-lhe fundamental mudança no character: antes sempre inquieta e irascivel, agora conformada e paciente.

O padecer raro e profundo, poderá transformar a sensibilidade e o pensamento? amollecem-se se eram duros, endurecem-se se eram ternos? Em Margarida parecia realmente ter-se operado essa metamorphose grave: na vida feliz e descuidosa de infancia mostrara-se sempre e sempre insatisfeita, nunca se lhe encontrando fim ao querer e ao desejo; chegada a desventura e martyrio excepcionaes, dormitava-lhe o espirito em calma angelica, como se gosasse de paz e doçura celestiaes. Alguns queixumes ainda se lhe ouviram de começo (murmureos de ave doente), em que recorria aos nomes de seus paes e da ama que a creara, como lenitivos e sacrarios de amor santo; porém, depois, entrou n'um periodo de resignação e calma e os seus doze annos mostravam o juizo e a conformidade das velhas experiencias. Em vez de confessar atroz soffrimento, dizia palavras de consolação e esperança aos que muito lhe queriam e eram ellas de tanto conceito e elevadas que nem pareciam da sua juventude. Entrara, pois, n'aquelle corpo alma nova com o infortunio: a tonalidade da voz mudara para submissa e melancolica, as idéas appareciam como florinhas correndo leves em veio d'agua limpida. Já não era a Margarida que sem motivo gritava, que sem razão chorava lagrimas, que martyrisava com goso os animaes e as pessoas, que se deliciava inventando collisões para

atormentar os com quem vivia. Accommodado o seu magro corpo no leito de doentinha, todos lhe apeteçiam o convívio pelo exemplo que dava de um existir sereno e venturoso no meio de penas. Quando a enorme chaga, que lhe abrangia todo o rosto, principiou a mostrar tendencias para cura, um phenomeno singular se verificou —o ressurgimento da expressão humana, que ia apparecendo lentamente como uma aurora. E o facto excepcional e maravilhoso dava-se, quando tudo ainda era informe e cahotico n'aquelle rosto: nem a pelle rosea e setinosa o purpureava, nem a bocca de gazella sorria, nem a graciosa linha do nariz o equilibrava, nem a perfeita oval o fechava, nem os formosos olhos... (não falemos agora dos antigos olhos de Margarida). O que se ia vendo era a cicatrização, que no seu progresso confuso já mostrava larga costura com manchas lisas, enrugamentos complexos, tecidos arrepanhados formando sombras. Assim estava a testa, a face, o nariz, o mento, as mimosas orelhas, o airoso pescoço... Porém de tudo isso que era sem fórma e sem graça, resaltava tal suavidade de expressão, qualquer coisa de ethereo e sublime, de suprahumano e bondoso, que só pelo transluzir d'uma alma candida e pura n'um rosto, se póde comprehender. E ainda lhe faltava a belleza dos seus olhos, vivos feixes de luz sempre em ardencia, e não tinha a pupilla nervosa e sempre movediça na iris, tão variamente colorida; porque esses olhos, absolutos senhores n'aquelle semblante expressivo, eram agora apenas dois globos leitosos, rolando senilmente dentro das orbitas, por traz das palpebras densas. Os medicos, para não desilludirem os atormentados paes e a ama Antonia, que lhe queria tanto como se fôra mãe completa, ainda agora os consolavam com mentirosas esperanças. As bellidas, simples pannos brancos lançados deante da vista, poderiam desaparecer com o tempo—diziam. Quando elles não podessem ultimar a cura, outros medicos havia especialistas de taes molestias, que operavam maravilhas, que pareciam milagres. D. Claudina escutava-os, porém muito mais se fiava do alto poder divino, do que de homens grosseiros e barbaros, que se limitariam a rasgar com ferros os olhos de sua filha! Por isso comprehendendo como indispensavel a intervenção superior do ceu (a unica forte e valiosa) continuou com mais fervor as promessas de romarias, de festas, de offerendas a todos os

afamados medianeiros celestes, que se nomeavam perto e longe do lugar onde viviam. Informações que aos ouvidos lhes chegassem de curas de pequena ou grande monta por este meio obtidas, serviam logo a D. Claudina e a Antonia de pretexto para proporem mais resas e penitencias, jejuns e novenas, oblatas ao divino e á Virgem sua mãe, que cumpririam verificado o beneficio. Isto não obstava á assidua frequencia da capella da casa, onde se demoravam em oração fervorosa ao orago, Santa Margarida, e a todos os santos da celestial côrte. E tamanha e tanta era a fé, que em cada manhã lhes renascia no peito a doce esperança e logo que sentiam a doentinha acordada do seu longo repouso, vinha a interessada mãe perguntar-lhe:

—Sentes-te melhor, filha?

—Sinto, minha mãe.

—E já me vês?

—Vejo.

—Com a tua vista?

—Com a minha alma e... e tambem um pouquinho com a minha vista—rematava sorrindo.

Era consolador ouvir-lhe isto, quando o sol raiava no ceu! Que affecto e que amor taes palavras continham! Porém amargava-lhes no final o desengano, ainda que suavizado pela ternura da voz. A dolorosa realidade permanecia. Era triste ver Margarida, com os dois olhos baços e leitosos como duas enormes perolas a moverem-se lentamente na busca de claridade e sem deixarem passar a vista, que estava por tras da nevoa! Compensava-os (bem insufficientemente) o reconhecerem que na larga cicatriz da ascosa chaga, havia uma vida nova e uma luz nova de vida superior. Quando a doentinha falava era de ver que as suas palavras semelhavam lampejos de luar n'um abysmo de trevas. Habito ou idealisação, certo era que esse rosto, sem feitio de rosto, tinha alguma coisa de raro e sublimemente espiritual. D'esta fórma suave, lenta e dôce, subtil como se fôra um sopro vital, em todos ia entrando a convicção de que a mente de Margarida, após a

cegueira se sublimara, illuminando-se de divinos clarões, que a predestinavam para altissimos fins. Denunciava-o os seus conceitos serem de sentimento e bondade infinitas, e isto maravilhava pela precocidade. N'aquella voz percebia-se musica de suavidade angelica, cheia de ternuras e modolações aprasiveis. Encantava estar junto d'ella, escutal-a, conhecer como ella recebia a inspiração divina, que vinha como pomba esvoaçar-lhe sobre a cabeça. Não balbuciava uma queixa, nem uma saudade do mundo de que se conhecia separada para sempre. Ao contrario: confessava-se mais feliz e ditosa n'esta densa noite, do que o era na luz do tempo em que irrequieta, nervosa, exigente rebentava em lagrimas de cólera, á menor contrariedade. Agora nunca chorava!... Não saberão os cegos chorar? As lagrimas são a belleza dos olhos, quando como diamantes deslisam pelas faces dos que morrem d'amor; porém, as lagrimas tambem são signaes d'infortunio, se, como pingos quentes de chumbo escaldam a pelle de infelizes atormentados. Margarida não tinha nem idade para amar, nem experiencia para os grandes infortunios; por isso não precisava de lagrimas. Aquella mente, lago sereno em calma ventura, não tinha a encrespal-a ventos que só entram por ambiciosas e prescrutadoras pupillas.

Dulcificavam-se, pois, para a convivencia dos seus achegados e amigos que a adoravam, aquella alma, o character, o temperamento. Lamentavel que taes olhos tivessem perdido o seu raro poder de fascinação; doloroso que a physionomia de Margarida, outr'ora tão harmonica das combinações que dão a formosura, se houvesse transformado em cicatriz... Existia, porém, pessoa que, por um lento labor, já conformada com o actual estado, a preferia como era e não a desejava como fôra. Quem? Antonia, a querida ama, para a qual esta fealdade era formosura, e que julgava a sua menina muito mais venturosa depois de feia. Coisa estranha e de maravilhar, que um rosto assim desfigurado, com manchas brancas n'um ponto, violaceas n'outro, liso e espelhento aqui, enrugado e baço acolá—um todo arrepanhado de linhas divergentes e crusadas—tivesse tamanha influencia e poderio sobre as almas; que esses olhos brancos, com um ponto cinzento, apenas, no sitio da pupilla, vissem coisas do ceu, que nenhuns outros olhos descobriam!... A sincera Antonia, que mais que ninguem permanecia junto de Margarida,

soffrera mais que os outros do potencial ascendente. Ouvia-lhe as confidencias do pequenino coração, seguia com a mente todas as maravilhas que ella descrevia do interior da patria celestial, onde domina a magestade do Grande Deus, no meio do esplendor e das harmonias dos anjos, archanjos e seraphins. Não podendo conter no rude peito a emmoção causada por tantas bellezas, dizia-as e commentava-as com pasmo deante de amigos e confidentes, exclamando com toda a sua alma nos labios: «Não vedes n'isto—ó gentes!—uma santa que ainda vos hade fazer milagres?»

Era realmente o que todos viam, com verdadeiro jubilo e devocção. Já na mente collectiva, o alto problema da santidade de Margarida se resolvia e fixava. Correu d'isso o clamor e a fama, com a velocidade dos ventos que varrem nuvens do céu e não tardou que se referissem resultados beneficos de supplicas que Antonia lhe levara. Ainda sua mãe procurava no valimento celestial de patronos afamados meio de lhe restituir a vista, e já Margarida era grande protectora de infortunios alheios, juncto do Altissimo. Antonia que appresentava em segredo os pedidos de suas comadres, recebia os agradecimentos e tambem se engrandecia aos olhos do povo, com o seu nome envolvido em assumptos de tanta maravilha. Não tardou que aos ouvidos de D. Claudina e de João da Costa chegassem os côros dos favorecidos, já com novos pedidos e rogos instantes. Não poderam obstar, tambem, a que pessoas gradas se viessem ajoelhar juncto do leito da creança, fazendo-se directamente ouvir nas suas queixas e tocando-a nos magros dedos com o melindre com que se devem tocar as coisas divinas. Esses que de novo chegavam, ao verem-lhe transtornada a formosura, não recebiam desagradavel impressão, não achavam aquillo hediondez, antes para elles se confirmava a opinião de que Deus escolhera Margarida, para entrar no seu côro celestial de Virgens, e que para a separar do mundo sensual e peccador, se servira d'um meio que para muitos pareceria infortunio, mas que fôra na realidade Grande Ventura. Assim se consolavam os corações dos amargurados paes, que n'estas palavras encontravam compensador lenitivo.

Haviam-se passado dois annos sobre o inolvidavel dia da catastrophe. A casa de João Costa estava sempre cercada de gente

devota, que vinha abrigar-se sob a influencia benefica de sua filha; á capella concorriam offerendas que depositavam aos pés da padroeira, com a ceguinha irmanada no nome e no celestial prestigio. Até esta epocha raras pessoas haviam sido admittidas á presença da piedosa creança; porém augmentando os pedidos vehementes e não podendo ser contida a onda que se avolumava, necessario se tornou adoptar o expediente de Margarida assistir, domingos e dias santos, á missa da casa, onde os interessados podiam concorrer a contemplal-a e impetrar directamente o seu valioso auxilio, perante os altos julgamentos divinos. Para melhor ser vista collocaram a cadeira em que a assentavam juncto do altar, do lado do evangelho, voltada para o officiante.

Assim todas as pessoas, recolhidas na sua fé, lhe podiam dirigir silenciosas preces, levantando-as fervorosas durante o santo sacrificio. Para a não fatigarem, pois a sua fraquesa era ainda grande, só áquelles que para isso tinham poderosos motivos, se consentia que no final da missa lhe beijassem o longo rosario e as santas reliquias que trazia ao pescoço. A esses dizia ella palavras consoladoras de promessa; e maravilhava aquella memoria, que a cegueira tinha tornado mais firme e vidente, pois aos antigos conhecidos mencionava circumstancias da vida e os nomes dos filhos, especializando cada coisa nas suas referencias. Aquella voz encantava, era carinhosa e suavissima como as dos coros sagrados, que se ouvem em sonhos. Melodia que vinha do alto, as palavras que proferia eram recolhidas com avidez, uncção e respeito. A todos promettia incluir nas suas orações ao Senhor, e com tal voto lhes lavava o coração dos sentimentos maus e peccaminosos, que por desventura n'elle tivessem medrado.

II

Os paes de Margarida já pareciam conformados e até orgulhosos de sua filha. Seguiam o movimento geral das opiniões, admittiam-lhe a santidade e o poder sobrenatural, que sobre ella tivesse vindo como emanação de Deus, n'esse dia para sempre memorado da catastrophe. A Providencia impõe os seus designios aos homens

pelos modos mais contraditórios: com uma penna d'ave mata, com um raio póde ressuscitar. Havia conformidade na crença geral: a cegueira de Margarida era irremediavel por ser de origem e vontade divinas. O não terem sido escutadas as supplicas endereçadas por intermedio dos mais famosos santos conhecidos, era prova e signal de que deviam submeter-se ao querer do Altissimo. E por ultimo—opinavam os confessores—o dom de santidade em vida, não vale mais do que a maior realleza da terra, ou do que todas as reallezas da terra junctas?

Concordavam e acreditavam-n'o os submissos paes, sentindo-se até enternecidos por haverem dado o ser a Margarida, ainda que se reconheciam differentes d'aquella carne, que depois que recebera o divino sopro, era de razão que tivesse mudado de natureza. Notavam tambem que Margarida vivia de cada vez mais encantada com os doirados quadros da sua imaginação, que lhe antecipavam a Bemaventurança, á morte. Tudo que dizia na sua voz dulcissima, encanto de todos os ouvidos, era risonho e alegre: via-se que d'uma grande desgraça, sahira a suprema ventura, a sublime pacificação da alma. Que encantadores esmeros de sentimento Margarida tinha para seus paes! E elles, os ditosos, escutavam-na, como se percebessem falas de anjos, ou sons de harpas divinas a desferirem hymnos no espaço! Tudo correu santamente em dois annos de vida gloriosa, que junctos aos dois primeiros de vida atormentada, formavam os quatro annos de reclusão, tanto de Margarida como de seus paes e de Antonia, que até os preceitos obrigatorios da religião satisfaziam na capella da casa. D'isto resultou que uma funda anemia, acompanhada de dôres craneanas e insomnias perturbadoras, se apoderou d'aquelle pobre e implume corpo. Os medicos impozeram então a necessidade de passeios ao ar livre, que a creança respirasse brisa balsamica de montanhas e pinheiraes. Era igualmente indispensavel a luz directa do sol para se não estiolar e morrer a mimosa e tenra planta. A ella mais do que a todos custou esta ordem dos medicos, pois todos e ella se tinham habituado a este existir sereno de vida santa, em convivencia de imaginação com o Ceu, de que Margarida dizia coisas de encantar. Antonia, tambem habituada á clausura da sua menina, vivendo sempre na contemplação do ente raro, que era o maior louvor do

seu leite abençoado por Deus, arremetteu em palavras contra o mandado dos facultativos. Temia dissipar-lhe o encanto divino, entregando-a á convivencia de todos que lhe quizessem falar nos caminhos por onde passasse. Comprehendia que assim já não a podia conservar tão intima, nem tanto para si. Era o egoismo humano a rebentar no mimoso jardim de sentimentos tão elevados... —a rude Antonia apavorava-se com a idéa de que aquelle affecto, que ella creara com uma sugeição e uma dedicação de tantos annos, podesse diminuir. Mas tanto ella como D. Claudina e João da Costa, porque amavam incondicionalmente Margarida, era justo que se opposessem ao parecer dos medicos e assim consentissem que se esgotasse esse precioso e delgado fio de existencia, que em tamanho preço tinham? Não, até o proprio egoismo, coisa diversa aconselhava, pois a separação que a morte carnal viria definir, ser-lhes-hia milhões de vezes mais custosa do que o era a cegueira, quando a julgavam uma fatalidade. Aceitaram assim, o facto, tomando-o como todos os demais conselhos attinentes á existencia de Margarida, pois os julgavam de inspiração divina, por tenderem a não enfraquecer o tenue vigor d'aquelle fragil e delicado corpo.

Estava-se na primavera: nos valados rebentavam as flores, os gommos enfeitavam já as arvores despidas e tristes. Tempo alegre e soalheiro, atmospha odorifera e excitante. Iam pelos caminhos pedregosos da aldeia, á procura de pontos altos, onde corresse viração. Margarida desaprendera de andar, trocava os pés como quando d'um anno principiara a correr na sala, queixava-se de que as pernas lhe não podessem com o corpo. O vestuario, apesar de reduzido ao minimo de agasalho, era-lhe d'um peso incomportavel. Fatigava-se e pedia frequentes repousos nas bordas da estrada, em muros baixos e sobre as pedras avulsas que encontrassem. Seus paes, ou Antonia, levavam-na pelo braço como uma convalescente, sentindo-lhe o contacto do corpo, leve como uma penna. E assim parecia pessoa vulgar que viesse trazer saudações á luz, amando-lhe o esplendor; que viesse visitar a paisagem que tencionava gosar

longamente. Cada dia seguiam destino differente; mas sempre para o alto d'onde se descobrisse o fertil e carinhoso valle. Após os primeiros passeios, sentindo-se mais vigorosa, pois tinha menos dôres e somnos mais tranquillos, Margarida, n'um resurgimento de memoria, é que mencionava os sitios que preferia visitar. Parecia este o caso trivial d'um ausente de muitos annos, que tornasse a viver nas paisagens queridas da infancia e procurasse confrontal-as com as sensações d'outr'ora... Passava-se n'aquelle cerebro um trabalho lento de rememoração, uma reviviscencia psychica. Nos pontos elevados, onde a respiração é mais livre, larga e substancial, todo o corpo se lhe aerificava, conhecia-se ligeira como qualquer ave voando. Amplificava-se-lhe o peito; excitada pela fragancia da brisa fresca e alpestre, vinham-lhe assomos de entusiasmo, extasis de commoção perante o renascimento das plantas, a côr afagadora da verdura, que não podia apreciar com os olhos. «Como estão bonitos os campos!—exclamava. Para ali o Ramisco, para acolá a Cerdosa, em frente Refuinho! Como estão bellos estes campos já semeados, as arvores em flor, os bois a pastar nas hervas!»

Parecia que tinham vista aquellas pupillas opacas, mas illuminante, como dois brancos seixos no fundo de limpida corrente. Se ellas estavam sem movimento, presas ao sol, o rosto de Margarida adquiria a inspiração do dos santos nos extasis contemplativos da magestade divina. Esses globos de leite coalhado, no meio das serzaduras das feridas, eram duas candidas cecens em terreno arenoso. O riso, meigo e attractivo, mais bello do que o das rosas ao abrirem, illuminava-lhe os sentimentos. As falas murmurantes, como agua correndo em regatos, passavam nos ouvidos e eram gorgeios de ave: «Oh! que bom cheiro o das serras e dos campos, como é suave o aroma das flores, minha mãe!» «Não sentes os passaros a cantarem nos arvoredos, querida Antonia?!» «Quando iremos nós ao Ramisco, meu pae?! Ainda voltará, o tio Frei Jeronymo, á sua casa de Preste?»^[1]

Falando assim quedava-se silenciosa, rosto erguido ao ceu, a expressão vaga de cegueira suspensa sobre os campos da veiga, que se alastrava no sopé da montanha. Este goso espiritual que se

adivinhou dentro d'ella ao contemplar o mundo material com a vista da memoria, enchia de prazer os carinhosos paes, que tinham n'esta filha um thesouro celestial, um tabernaculo de coisas puras e santas. Tão habituados já andavam a consideral-a um ser superior á misera contingencia humana, a ver-lhe na vida da alma uma vida transparente e etherea, que o doloroso acontecimento que a cegara, de desventura se havia transformado em obra de graça, pela santidade que lhe trouxera. Acreditavam piamente n'esse divino dom que sublimara aquelle corpo enfesadinho e anémico, que espiritualisara, com belleza nova, aquelle rosto transtornado pelas manchas de cicatriz, que dera áquelles olhos a visão de coisas sublimes. Enobrecia-os esta ligação carnal com quem já em vida pertencia ao Ceu. Por isso cercavam Margarida de esmeros e delicadesas devidas ás entidades superiores á rudes commum; pois que essa parte material do ser que nutriam, tocavam e aconchegavam era apenas condicção transitoria de passagem no mundo d'uma alma immaterial, já moradora dos paramos sem fim, em convivencia de Bemaventurados. Aquellas imaginações recreavam-se em acompanhar Margarida a esses mundos d'Além, onde presumiam que ella ia nos periodos de somno. Se ao acordar pronunciava palavras vagas de sentido obscuro, n'isso encontravam o final das palestras que tivera com os anjos, seus irmãos. E como verificassem que o seu falar era mais elevado e inaccessible, quando rodeada de muitas e muitas flores, traziam-lhe diariamente molhos das mais raras embellesando-lhe assim o quarto, como se fôra uma igreja. Era apenas uma antecipaçã das homenagens que de futuro lhes seriam rendidas, pelos numerosos crentes que se acolheriam á sua protecção. Para todos era de saber conhecido, que os santos apreciam muito os subteis aromas das plantas, que são essencias evolvendo-se ao ceu e excitam a imaginação, para comprehender melhor o sublime e o celestial. E nem os conselhos dos medicos tinham auctoridade para impedir que Margarida vivesse constantemente respirando os delicados venenos, que lhe proporcionavam noites deliciosas de encanto em que a mente, ebria de gozo, se lhe alargava em quadros deslumbrantes. Accentuavam-se-lhe, por isso, as turbulencias do coração e o depauperamento organico; porém o seu querer era terminante e exigente, para que a

não separassem das suas queridas flores. Comprehendia bem que eram ellas que a ajudavam a levantar a alma em preces fervorosas, e que lhe incendiavam a mente em extasis divinos.

Áquelles olhos que não viam, patenteava-se a celestial morada n'uma luz luarenga sempre igual. Mais que isto, os seus ouvidos escutavam n'esses instantes singulares, córos angelicos, em que a toada longa e plangente era como um balsamo, em que a alegria tomava fórma serena e augusta. E todos comprehendiam este viver de alma superior, esta sublimação dos sentidos para definir coisas ethereas, a descoberta do mundo dos encantos feita por uma creança em quem laborava a vontade de Deus. Esse dom subtil para comprehender era decerto a parte mais bella de tão gloriosa cegueira e para lh'o conservarem havia sempre abundancia de flores em volta do pequeno leito de Margarida. De longe e de perto chegavam offerendas copiosas—collocavam-nas em vasos, como nos altares, em açafates como aos pés da Virgem, no oratorio, em cima da commoda e juncavam-lhe com flores a propria coberta, que se lhe ajustava ao corpo doentinho. Assim podia ella sentil-as, com os magros dedos apreciar a maciesa das petalas, aspirar-lhes com mais avidez os energicos perfumes. E que riso de expressão tão estranha, illuminava aquelle semblante disforme, quando com o seu fino tacto, Margarida adivinhava as flores que ali tinha e as combinava em ramos e capellas, que pessoas de olhos sãos não saberiam entrançar com semelhante engenho! Se punha na sua propria cabeça essas corôas que fazia, todos notavam, quanto se parecia com as santas adoradas nas egrejas! Se dizia palavras de sentido transcendente, todos julgavam escutar sons que sahiam de mysteriosas nuvens. E ainda que fossem coisas que não comprehendessem, tal era a suavidade encantadora d'aquella voz incomparavel, tal o encanto musical da sua pronuncia maviosa, que os ouvidos profanos se sentiam magnetisados e as imaginações dos que escutavam iam voando, voando sempre, seguindo-a entre estrellas, n'uma região infinita e doirada pela vista fulgurante dos seres perfectos e bellos que a habitavam. Aqui era o paiz encantado da visão e do mysterio, n'elle habitam entes immaculados e perfectos! Vivia-se d'este modo na habitação terrena, fluctuando nas

azas da maravilha, creada hora a hora. Uma continua apotheose d'um sonho, que só a crença na vida eterna podia gerar!...

[1] *Amores, amores...*

III

Porém o estado melindroso da saude de Margarida aggravava-se de cada vez mais. Os facultativos que a vigiavam com a sua experiencia, assignalavam os progredimentos da molestia, cuja historia conheciam. Nunca funcionara bem aquelle pequenino coração: nos primeiros annos de vida fôra excitado pelos estovamentos dos brinquedos infantis e pela insaciabilidade da creança mimosa, que dava azas á imaginação inquieta; no terrivel dia da catastrophe quasi se quedara preste, talvez que no proposito de nunca mais funcionar, mas recommçou o seu labor; no longo periodo de soffrimento, que se seguiu, teve alternativas de resignação e desesperos, desalentos e esperanças vivas!... Os carinhos maternos e a dedicação nunca desmentida de Antonia apasiguaram-no e fizeram abrir na mente de Margarida os alvares d'uma aurora. O tempo trouxe o desengano, a certeza e o habito da cegueira, e o pequenino coração adquiriu definitivamente conformidade para o infortunio, n'uma submissão aos ditames de Deus, propria dos eleitos tocados da divina graça. Abrira-se para elle uma existencia nova, adornada de bellezas e de encantos: eram esplendores do ceu, não comparaveis aos terrenos, que são mesquinhos e transitorios. Tudo á mente vinha do coração, d'esse coração combalido, improprio para a vida commum, e no qual a morte se aninhara como em casa propria. Mas no rosto cicatricial em que os olhos baços se moviam como duas bolas de jaspe, despontava a luz que illuminaria a Margarida o caminho de Bemaventurança e ella desejava e não temia o final dos seus dias contingentes. No som da voz melodiosa, como será a dos anjos, e no sentido das palavras que pronunciava, já se reconhecia essa levantada aspiração, esse sentimento do divino, que linguas vulgares traduzem por santidade. Caminhava esta pobre existencia corporea abordoada a um coração doente e não podia prolongar

muito a sua jornada. Margarida acamou de vez e no aconchego do quarto concentrou-se na paixão dominante das flores, d'esses aromas que lhe povoavam a mente de sublimes visões e lhe faziam antegostar o ceu. Despertara-se-lhe, primeiro, este amor, nos passeios aconselhados pelos medicos para se robustecer, agudara-se depois, na existencia da sua mente recolhida em convivio de anjos. As flores são bellas e assim como em vida lhe adornavam a paisagem da morte, depois lhe enfeitariam a sepultura. Morte e sepultura, idéas risonhas, que assignalariam o seu voar definitivo á patria celestial. Não as chamava, estas escuras imagens, para não ulcerar os corações de seus paes e de Antonia, a quem o momento da separação custaria, ainda que a vissem erguer-se sobre nuvens á gloria de Deus. Porém os seus ouvidos apurados já sentiam os passos magestosos da Morte, que vinha n'uma comprida estrada enfeitada de todas as galas, juncada de palmas victoriosas, acompanhada de musicas alegres. Festa superior á da entrada da primavera, nos campos e nos montes cobertos de boninas, com o ar impregnado de balsamos humados da terra, a omnipotencia da luz descendo do sol para tudo engrandecer! O coração doente consolava-se com os aspectos d'esta vida sonhada, alagava-se n'uma paz doce, larga e consoladora, que era um vislumbre da que se gosaria na presença de Deus!...

Por isso ao presumir proximo o seu ultimo dia, sentindo por adivinhação que a alma se ia desprender do corpo em que reinara, que a materia resignava a força que a enobrecera, é que pedia mais flores, muitas flôres para embebedar com aromas a imaginação. Tinha a cama de virgem sempre coberta de rosas, de açucenas e de todas as flores campestres de belleza tão captiva e simples, de perfume tão casto e enebriante. Quando adormecesse no ultimo somno terreno, queria que fosse entre fragancias e côres, para nas azas d'essas coisas intangiveis subir ás alturas, onde habitam os anjos. Foi assim que veio para Margarida a feia morte, risonha amiga, como um carinhoso dom. N'esse dia assignalado cercavam-lhe o leito todos os queridos affectos que no mundo tivera. O bom cura Carvalhosa, de estola branca e oiro sobre a alva sobrepelliz, dizia-lhe em voz de uncção, palavras solemnes de esperança e ventura. O rosto sereno e quasi risonho do sacerdote espalhava no

quarto, que era um santuario, coragem e tranquillidade, em todos os espiritos. Os paes de Margarida e Antonia ajoelhados aos pés da cama, voltados para a Virgem glorificada entre flores e luzes, no oratorio, tinham as faces innundadas de lagrimas silenciosas e votivas. Outras pessoas intimas, amigos e parentes, seguiam este ditoso despedir d'alma ao despegar-se do mundo. A illuminação astral do rosto da moribunda, com os olhos gelados a procurarem claridade n'uma risonha ancia de sublime, a todos animava. Parecia-lhes este morrer, antes uma transfiguração da vida: não era o afastamento para sempre, pois acreditavam que esse espirito, que de muito pertencia ao ceu, continuaria a velar pelos que muito amara, para os proteger contra as miserias terrenas. Margarida entre elles, escutaria as suas supplicas, fortalecel-os-hia nos desalentos e como branca pomba espiritual, havia de pairar sobre o tecto que lhe abrigara o nascimento e a morte. Aqui se lhe despertara a alma para as coisas sublimes, para as visões eternas; ao cahir gradual do corpo todos lhe viram corresponder uma crescente sublimação do espirito; as suas palavras que se adelgaçavam na fortaleza, eram de cada vez mais cristalinas no som e tinham de cada vez maior sublimidade no sentido. É que já as pronunciava do limiar da Bemaventurança, cujas portas se lhe abriam de par em par. Tudo concorrera de longe, para que as lagrimas choradas em volta d'este pequenino leito de moribunda, coberto de flores rescendentes, fossem lagrimas mais de goso, do que de amargura, de conformidade e não de desespero.

Rompia a tranquilla luz da alvorada d'um dia d'Abril, que promettia ser alegre e soalheiro. Estava-se na mesma semana de Paschoela na qual, annos antes, começara o glorioso martyrio de Margarida. Havia cá fóra as pompas da natureza, a reviviscencia da terra subia ao azul em hymnos de aromas e cores. A doentinha chamara para juncto de si seus paes, Antonia, e os parentes mais chegados, as de Refuinho e as do Ramisco. Com uma voz que era um cicio de resa,

de todos se despediu com palavras confortativas, de tanta elevação e carinho e santidade, que bem se comprehendia que não fosse um espirito da Terra, que n'ella vivesse. Com os dedos magros de santa deixava a cada um a lembrança d'uma flor, beijava, amorosa e humilde, as mãos de seus paes e do cura, sorrindo-lhes com os olhos cegos.—E rematando a vida disse:

—Pedirei ao Senhor, por todos. Perdoem a quem os fez soffrer!...

Rebentaram torrentes de lagrimas e córos de soluços, quando viram que não mais pudera falar, e que reclinara de vez a resignada cabeça no largo travesseiro... Começara um longo e infinito somno: o rosto d'uma serenidade angelica parecia formoso e expressivo como nunca fôra! Ainda respirava o balsamo das plantas odoríferas, os brancos dedos ainda procuravam o setim das petalas de rosas e cecens; mas aquella imaginação, aquella alma diluía-se na amplidão infinita, subindo ao espaço como um subtil perfume. Margarida repousava na paz eterna do seu Deus! Terminara o ultimo anhelado do coração.

—Está morta—disse com sentimento grave o medico pousando-lhe a mão na testa.

—Está viva—pronunciou como em sonho, o padre Carvalhosa...

Lisboa, Abril de 1899.

PASTORAL

I

As cabras e as ovelhas, iam a meia encosta, todas n'um carreiro, como formigas. Tinha sido longa a noite d'abstinencia no curral e pelo caminho, ás furtadellas, aboccavam as hervagens avulsas, ruminando-as sofregamente. O Rabicho, sempre adiante, como explorador. Vivo e esperto, n'um relance conheceu a impaciencia da Tonia, por não andar mais depressa. «Lá p'ra riba, cão!»—gritáralhe a pastora, e logo elle subiu a um penedo, deixando passar todo o rebanho, que depois impelliu para a frente, com duas boas torquezadas de seus dentes. Os animaes correram á porfia, vencendo-se uns aos outros. A rapariga ficou distanciada, a fiar a sua lã, cuja tarefa, para um dia, levava na abada junta com o presigo. E para não auctorisar novas investidas do rafeiro berregoulhe de novo: «Tó, dianho! tens muito dente!...»

N'esse dia, encaminhava-se ella para o Guidon. Perto de lá, na bouça de João-Paz, deixára escondida a tigela das sopas de leite. No caminho encontraria o Chico, pastor seu amado, e ambos juntos e unidos iriam espreguiçar-se por baixo das fragas ou no interior dos frescos giestaes. O Guidon, quando o maio é soalheiro e formoso, tem as melhores pastagens dos arredores. O tojo, nos sitios onde se fez queimada, borbulha, tenro e verde, como herva nos lameiros. Os gomos d'urze parecem microscopicos pampanos. O rosmaninho, o trevo, o rico e nutriente feno desabrocham em aromas e enfeitam a serra. Leite filho d'estas plantas silvestres, delicadas e cheirosas, é o mais gostoso e substancial. Por isso, ao pasto das terras baixas e frias, que não sobeja da boiada, n'esta época de lavradas, é preferido o dos pincaros, alegres e soberbos. Coisas da bruta experiencia, que os seculos teem garantido.

Chegado o rabanho ao sitio onde na vespera o lobo roubára um timido cordeiro, a ovelha-mãe, na expressão de saudade, balou dolorosamente. Ao longe respondeu-lhe a voz tremula d'outra ovelha, como se fôra um echo. A pastora logo correu ao alto para alcançar mais com a vista. Imaginára estar p'r'áli aquelle a quem se votara. Ia ser um dia festival, ao encontrarem-se na suprema mudez da serra, protegidos do calor á sombra dos piornos, contemplando-se n'um vago absoluto. Em taes momentos accelera-se a imaginação; os ouvidos inattentos ensurdecem; a mente fica-se n'um pasmo; o mundo figura-se um lago tranquillo e morto; o azul do céu, onde se perde a vista, é d'um ferrete insondavel; o coração bate forte e rapido, como um bom potro, galopando solto na campina!...

Porém, o que veria a Tonia de suspeito e desagradavel?! A expressão do seu rosto suave e louco, carregou-se de sombras; o gesto foi de arremesso e contrariedade; os olhos faiscaram de subita colera!...

Ah!... Em vez do Chico, appareceu-lhe o outro, o Russo, um grande e forte, de cabellos vermelhos e physionomia diabolica. Coruscava-lhe a vista inquieta, pequeninas sardas picavam-lhe a pelle, a cabeça era uma tormenta de fogo!

Quão differente o seu namorado, rapaz franzino, d'aspecto juvenil, rosto comprido á Nazareno, cabellos negros e mal cuidados, formando sobre a fronte um tufo revolto d'anneis. D'aquelle todo sahia a expressão que a enlevava; da expressão desdenhosa ou indifferente a superioridade com que a submetterá; das palavras simples, a musica dos seus ouvidos e da sua alma inteira. Como era bello e encantador de costas sobre os penedos, a contemplar o céu n'um sonho de poeta! Como era amoroso e vago, quando tocava na flauta, coisas que não aprendera com viv'alma!

O Russo decerto lhe queria com mais gana, com mais aquella, bem lá do fundo. Ao enxergal-a, desabrochando com a aurora no alto do monte, como subita e incomparavel flôr, todo se alvoroçou. Nos olhos e em todo o rosto mostrou um pasmo tonto, um riso sem valor, como aconteceria ao cego, cuja retina morta sentisse

inesperadamente a gloriosa iluminação do sol. Correu para a abraçar no primeiro impulso; mas logo estacou contemplou-a a distancia. Ella, no alto onde se quedara, de roca á cinta, o lenço claro apanhando-lhe os cabellos, o recorte da sua figura desenhando-se no ar, era a pastora das lendas, calma e prophetica. O Russo percebendo o animo hostil com que a Tonia o recebia, accendeu-se-lhe n'alma a raiva e o ciume:

—Querias ir só com o outro? Não, que não!...

—Bem se me dá...—retorquiu desdenhosa. Tempo perdido, meu rico!

—Que lh'achas tu? Um lesma, um gomitado. Cá, sou um home. Elle...

A Tonia espertou-se:

—Mal comparado! Tu és um diabo, um porco bravo. Estafermo! Elle é lindo como um anjo do céu!

A furia do Russo cresceu:

—Sou capaz de o esborrachar na unha, como um piolho, demonios me nunca levem!

Tinha lagrimas de raiva, ao pronunciar a jura. Era paixão antiga e abrazadora. Desde os quinze annos, ainda aquelle corpo de rapariga era como um castanheiro novo, já elle a via constantemente na transparencia dos luares outonaes. As moles graniticas, penduradas eternamente dos pincaros, e resequidas pelo sol d'um infindavel agosto, não teriam mais firmeza, nem mais calor do que elle. O ciume era no seu corpo um moer lento e occulto, tal o fogo que mina a urze escondida na terra para a transformar em carvão. Condemnado por aquella repulsa constante, sentia-se desprezivel e desejava morte, em que soffresse muito. Comtudo não podia despegar a propria vida d'aquelle sonho malaventurado. Em presença da Tonia, a natureza ruiva e colerica aloirava-se-lhe n'uns cambiantes meigos e suaves. O mais tenro anho das suas ovelhas, não tinha para quem o aleitava tanto carinho e agradecimento, como elle mostrava áquella rapariga, n'uma submissão de coisa bruta. Comtanto que o amasse, se a sua vontade d'ella fôra vê-lo

apodrecer no fundo d'uma córga, para ser alimento das aguias e corvos, ir-se-hia lá deitar voluntariamente e nunca mais comeria! A preferencia pelo outro é que o humilhava na sua consciencia de homem forte e magnifico. Quedava-se a scismar de noite no que teria de superior, esse engelhado, tão magro e pequeno como uma lavandisca. O corpo não, que o seu era grande como uma torre e devia inspirar sentimento de força. A paixão que lhe refervia lá dentro, longe de ser mollarqueirona, mostrava-se vehemente e feroz, tal a das lobas a defenderem os filhos. Aquella rapariga airoza, divina imagem de qualquer santa, voz musical como a dos passaros, tranquillo olhar como o da lua, aniquilava-o com a sua nervosa malquerença. Até ahi, nada a pudera abrandar: nem lagrimas soluçadas de bruços sobre os penedos; nem supplicas mais ferventes do que orações; nem juras e promessas inabalaveis como o céu. Diante das vontades e caprichos da pastora, era humilde e cego. Quantas vezes lhe ficára com a rez, para a deixar correr monte, talvez á procura do outro?! Quantas vezes lh'a fôra buscar ao curral e lh'a apascentara durante dias, para que ella fosse ás romarias, com os ranchos que passavam?! Até sacrificava o seu rebanho, pois dirigia o da Tonia para as melhores pastagens. Se tinha leite novo, logo lh'o offerecia como um presente; se encontrava tortulhos assava-lh'os e ella comia-os: para que não bebesse agua dos ribeiros, onde ha porcarias e animaes mortos, ia-lh'a buscar longe, trazendo-a na sua tigela, escurpulosamente lavada, como para uma rainha. Quando a Tonia acceitava de boa cara estes serviços, já o Russo se entendia muito bem pago. As recusas ou o mau modo, é que eram fundos golpes no seu torvo coração.

Vivia uma vida negra e de sobresaltos continuos. Passavam-lhe incendios diante dos olhos e a sua imaginação ficava a trabalhar em desassocego. A fatidica *Pedra-suspensa* (essa antiga ameaça!) parecia-lhe, ás vezes, que se ia desprender lá do alto, rolar pelos montes e destruir o mundo inteiro! Oh! visão amedrontadora de todas as existencias!... Só para a afastar, quantas vezes elle consentira o Chico deitado ao lado da Tonia! A moça fiava a lã da tarefa, cantava ou escutava-o enlevada. O magricellas, o ninguem, de papo para o ar, não tratava da rez. E o desprezado é que fazia o serviço de todos, guiando caridosamente as cabras e as ovelhas

para a sombra das ramadas nos grandes calores, e á bebida antes de as recolher. Viviam assim pelos montes, perdidos entre tojaes e piornos, dormindo no verão debaixo das lapas e dos azevinhos. Havendo satisfação reciproca, tambem gostava de ouvir o tocador de flauta, que sabia muitas modas tiradas da sua cabeça. Era feliz nos momentos em que morava longe o ciume, isso a que não sabendo dar o nome, lhe queimava o peito, como tição ardente. Esquecia o desamor da Tonia n'essas horas gastas em somno tranquillo. A vida era visão suspensa dos ramos dos carvalhos, ou fluctuava brandamente como as folhas outonaes ao sabor d'um murmuro vento. Não havia quisilias, só desejo de felicidade, socego e gozo, em ventura calypsiaca. Raramente, porém, se passavam dias assim completos de ventura!...

II

Já tinham caminhado meia hora, n'um silencio inconvincente, quando chegaram ao ponto d'onde se descobria a Pedra-suspensa. Era o objecto da lenda mais famosa e conhecida nas povoações em redor. Visto de certo lado, aquelle granito, não se lhe encontrava o ponto de repouso, na lage subjacente; parecia um destaque de nuvem, no céu azul. Contavam, sempre em voz de medo, que logo no principio dos seculos, um mau genio e feio gigante, ali a depositara, como eterna ameaça a peccadores; porque a sua queda assignalaria o começo do fim do mundo. A instabilidade da Pedra-suspensa, tão reconhecida era, que ninguem duvidava de que uma creança de cinco annos a pudesse derrubar. Grande milagre, não a terem o vento e os trovões arremessado pelos espaços fóra!... O respeito que esse granito infundia, era o de um idolo vingador, ameaçando, dia e noite, as aldeias e o mundo!... Todos os dez annos se formava grande procissão de penitencia, com gente que partia de sitios mui distantes e ali se reunia afim de implorar misericordia. Recebida da tradição essa pratica, executavam-n'a com fervor d'alma religiosa e temente. Os homens ciliciavam as carnes, as mulheres erguiam clamores, as creanças berravam de amedrontadas, os bacamartes de bocca de sino troavam pelos

caminhos e por entre os penedos... tudo para distanciar o pavoroso castigo!...

Depois das preces, ficariam acalmadas as justas cóleras divinas? Ninguém o assegurava. A intangível crença em que a famosa pedra cahiria, para assignalar enormes desgraças, conservava-se viva e forte. Poucos tinham animo para a encarar tranquilos e serenos. Ninguém ousava approximar-se-lhe, muito menos tocar-lhe, com medo da responsabilidade n'um cataclysmo. Seria provocar inconsideradamente as cóleras do céu. Uma penha que bastaria o roçar d'uma corça para a fazer cahir! Pairava assim no ar, suspensa como uma aguia, por determinação da vontade divina. A não ser isto já as bategas da chuva, o impulso dos vendavaes, o degelo das neves a teriam arrastado. Pois não era um verdadeiro milagre a sua estabilidade?!...

A idéa de a escorar, diminuindo-se as probabilidades da catastrophe, fôra sempre repellida. Significaria desconfiança no alto poder que ali a conservava. Melhor é deixar o destino trabalhar por si. Está lá em cima quem tudo regula. O que tem de ser faz muita força... Pensavam d'este modo em palavras; mas no fundo, n'esse intimo sentir que até parece esconder-se á Providencia, se elles pudessem calçar a pedra para não cahir!... Contra as imprudencias brutas dos gados já se tinham prevenido, as gentes supersticiosas, sebanda-a em volta com ramos e tojos. Porém as aguias, que vinham de longe, no seu vôo arqueado e solemne ali poisar? E os lobos famintos, que preferiam aquelle sitio para comer as suas prêsas? Só milagre e grande milagre é que a sustinha n'aquella direitura. Acreditavam-n'o camponeses e serranos, todos os que se desbarretavam e persignavam murmurando qualquer reza, mal a viam. Foi assim que procederam a Tonia e o Russo. Ambos quedos, ella com o fuso parado, elle com o barrete na mão, ciciaram orações. Mas o pastor, logo depois ameaçou a rapariga apontando:

—Vêl-a? Ha de cahir. O mundo acaba-se e tu não serás p'ra mim, nem p'r'ó outro.

—A Senhora da Peneda não ha de deixar—disse confiada.

—Sou eu que a empurro. Verás.

—Cala-te, hereje, que t'abro a cabeça.

Irada, com os olhos em chamma, arremetteu-lhe com um pedregulho. Havia ancia de raiva dentro do seu peito soberbo. O Russo não lhe pôde supportar a vista de cólera e desprezo; curvou a fronte, os olhos marejaram-se-lhe. O seu destino era peor que o dos condemnados do Inferno.

—Perdôa, não olhes assim! Tu é que me fazes dizer todos estes peccados.

—Tenho culpa de não teres temor de Deus? Estás na caldeira de Pedro-Botelho, vestido e calçado! E é bem feito!—acrescentou vingativa.

O cabreiro queria humildar-se até ao rasteiro das cobras e lagartos, só para lhe merecer uma sombra de perdão. Affligia-o mortalmente a idéa de que mais uma vez desagradara á Tonia. Como, logo adiante a rapariga vendo umas cabras se principiou a affirmar, para descobrir o Chico, foi elle que, no intento de se reconciliar com a pastora apontou:

—Está acolá, em cima do penedo...

—Assobia-lhe para vir p'r'áqui.

—Bem nos vê, se quizer...

Mas obedeceu, assobiou com os dedos na bocca. O outro não se importava, apenas mexeu a cabeça conservando-se na mesma posição.

—Vae lá, que vamos p'r'ó Guidon,—disse-lhe a moça.

Foi, humildemente, como um perdigueiro. Sentiu gozo em ser mandado; mas de raiva torcia nas mãos a grossa carapuça. Distante, a occultas para esconder a sua fraqueza, limpou duas lagrimas ao canhão da vestia. O outro não queria ir para o Guidon, estava ali muito bem. O Russo pediu-lhe que obedecesse, para a Tonia se não zangar mais.

—Ora... se 'stou regalado!—respondeu o pastor. Vai tu mais ella.

—Vem, moço—exorou o cabreiro. Olha que ella hoje, sempre te está! Anda, levo-te a rez.

Consentiu o Chico em deixar ir o rebanho; mas elle ficou. A Tonia não se teve. Foi pressurosa tiral-o d'aquelle adormecimento. Com ligeiro sorriso de meiguice, pediu ao Russo:

—Ó aquelle. Junta-me tamem as minhas, que eu vou trazel-o.

III

E lá foi, doida, feliz, correndo de fraga em fraga. O Russo assobiou ao Rabicho, reuniu todo o gado e partiu... Chorava lagrimas como punhos, e voltava-se para vêr de relance a Tonia, que chamava o Chico, com acenos e gritos. Bem se importava o preguiçoso com aquelle louco amor da rapariga!...

—Eh! moço! vem-te d'ahi p'r'ó Guidon.

Elle respondeu-lhe:

—Eh! que 'stou' qui mui bem.

Tirou do seio a flauta e sentando-se no penedo, principiou a tocar. O sol illuminava-o de frente, prateando-lhe os cabellos negros. O destaque da sua figura magra e enfezada sobre o escuro penedo, fazia-se como o d'uma miniatura em fundo esmaltado. A Tonia chamou-o:

—Já lá vão as tuas cabras, maluco.

Não se importava, encolheu os hombros. A musica absorvia-o completamente, era o seu destino. A pastora, dominada por esse respeito instinctivo e sagrado, que se deve ás coisas elevadas, parou a distancia, para o não interromper. O Russo, que já ia longe, tambem subiu a uma rocha com o fim de ouvir melhor. Escutava triste e absorvido. O seu grande corpo, esbatendo-se no verde escuro do monte, ainda ensombrado n'aquella parte, percebia-se mal, como as figuras dos baixo-relevos, e tinha a mesma immobilidade captiva. Era moda triste a que o rapaz tocava. Finda ella, a Tonia approximou-se quasi respeitosa. Para subir ao penedo

onde estava o tocador e arrancal-o d'ali, teve difficuldades. A pedra era lisa e as tacholas dos sócos estavam gastas. Mas agarrou-se a um ramo de carvalho, inclinou-se para diante... Os magnificos e potentes quadris arquearam-se n'uma curva de mulher completa e fecunda, creada nos caminhos pedregosos. O Chico, vendo-a no empenho de subir, largou a flauta, tomou-a pelos braços roliços, attrahiu-a para o seu corpo e por momentos ambos ficaram unidos!... O Russo presenceava de longe tudo isto. Sahiu-lhe do peito um rugido de cólera e ciume que fez estremecer as montanhas. Os seus olhos, vermelhos de desespero, viram uma successão de calamidades sem fim, como as descrevem os missionarios para o dia de juizo. A Pedra-suspensa oscillara, já cahia pelos fortes declives d'um mundo em ruinas. Ennegrecera subitamente o céu azul, reuniram-se n'um instante nuvens prenhes de tempestades, os trovões abriram medonhas gargantas no céu de fogo, as pupillas dos raios rutilavam, as trombetas apocalypticas enchiam de pavor os reoncavos da terra, onde se escondiam desgraçados!... Tudo se ia acabar para todos!... O seu corpo miseravel, junto ao de outros reprobos, rolava pelos abysmos. A grita dos homens era pavorosa, formando um unisono infernal.

Isto o que viu e ouviu n'um instante aquella imaginação turbulenta. Mas o Chico e a Tonia já tinham descido do penedo. Elles lá vinham a caminhar, amorosamente unidos, ella apoiando-se-lhe no hombro. Riam e folgavam, como um casal de pintasilgos em março, resumindo em si todas as venturas pelos homens sonhadas. Ella offereceu-lhe do seu presigo uma racha de bacalhau, que o rapaz acceitou para offerecer ao outro, que era muito pobre, não tendo mesmo, ás vezes, a brôa sufficiente. Logo que se juntaram deu-lh'a.

—Toma—disse.

—Não tenho fome—rejeitou.

—É a Tonia que t'a dá.

Arrancou-lh'a da mão. Estracinhou-a raivosamente com os dentes, como faria á carne d'aquelles corpos felizes, se os pudesse trincar. Excandecido seguiu com os rebanhos, separado dos dois. O

semblante sombrio e transtornado, impressionaria quem lh'o encarasse. Os olhos gazeos expelliam chispas metallicas e tinham escurecido de cólera. Os beiços tremiam-lhe como signal da sua loucura. A pastora no momento em que se juntaram escarneceu-o:

—Que feia carranca... Santo Nome!...

O cabreiro voltou-se rapidamente para a aniquilar, com todo o poder da sua força herculea. Porém ao vêr aquelle rosto sereno e risonho, só disse:

—Hoje ha de ser falado!...

N'um relance pensou na famosa Pedra, symbolo de desventuras. Sahia-lhe do semblante uma expressão feroz: no craneo aninhou-se-lhe a idéa d'um aniquilamento geral de todas as felicidades terrenas.

Mas a rapariga é que não estava de geito para o aturar. Conhecia-lhe a maluqueira de bode raivoso e ciumento. Tinha meio de o curar, sem pau nem pedra: era deixal-o ir só. Um porco bravo assim, um bruto cujo aspecto causava medo, não servia para viver entre christãos. Fosse lá p'r'ós lobos, que eram seus iguaes.

Quão differente o outro, o seu querido! Timido e meigo como o cabrito d'um mez, assobiava e cantava modas mais bonitas que as dos melros e rouxinoes das mattas. Viver a vida com elle pelos montes, era o mesmo que passar os dias n'um céu. Ensinava tantas coisas, que não aprendera!... As cantigas da sua invenção produziam sempre tristeza branda e carinhosa. Descobria nas estrellas sitios de felicidade e apontava-os, convidando-a a voarem para lá. Podiam-se comparar os dois?... O Russo era escambroeiro aspero que rasgava as carnes; o Chico, ramo de giesta, bello, cheiroso, e flexivel. Por isso ella despediu o rude cabreiro, retorquindo-lhe á ameaça:

—Elle é isso?! Pois vae-te sósinho com Deus. Nós levamos hoje o gado p'r'á Ralada.

Chamaram o Rabicho e trataram de separar as suas cabras e ovelhas. O Russo, sob o castigo tremendo, mostrava-se submisso em todo o seu corpo. Pedia perdão, não dissera nada mau!... Se

alguma palavra feia, se alguma ameaça ou jura a sua bocca cuspira, estava arrependido. Fossem com elle que tomaria conta dos rebanhos todo o dia. A comida para ali era a melhor dos sitios. Encontrava-se tojo tenro, como bicas de manteiga. A herva, apenas nascida, era a unica do appetite do gado. Havia agua corrente para os animaes e até uma fonte para a gente... Aquelle grande corpo, espadaúdo e alto, fazia-se pequeno com a humildade. Uma criança mostraria mais imponencia. As lagrimas cahiam-lhe em cachos e todo elle era uma supplica, de curvado e abatido.

A Tonia foi cruel e inflexivel. Abandonou-o, desprezou-o como um trapo. Disse que os não acompanhasse para a Ralada, que isso os obrigaria a mudar. Fez-se imperiosa. O seu corpo d'ave, esbelto e franzino, teve coleamentos de panthera. O rosto de santa transformou-se pela cólera. A chamma do olhar e os cabellos mal juntos davam-lhe o aspecto d'uma leôa. O cabreiro tremia de medo, a cabeça sobre o peito, os braços pendentes. Separaram-se. Os dois lá foram, acintosamente abraçados. O Russo, desmoronada toda a sua existencia, dirigiu-se em passo tropego, adiante do gado, para o destino da sua má sorte!...

IV

Chorou longamente o seu infortunio, p'r'áli, a cara junto á terra. Do fundo mysterioso vinham-lhe palavras infernaes, que o aconselhavam a ser feroz e deshumano. Ergueu-se tendo o coração empedernido. Os seus olhos enxutos, viram nitidamente ao longe a Tonia e o Chico enlaçados, patenteando ás aves o seu amor. Era uma visão graciosa que sahia de entre as lavaredas da colina em fogo! Á sombra da fraga, sobre a qual estava a Pedra-suspensa, os loucos tinham-se ido deitar. Elle tocava flauta, ella contemplava-o, com o fio da roca parado. Justiceira a mão, que para lá os guiou!— pensou na sua rude mente o Russo.

Desencadearam-se-lhe diante da phantasia sanguinea todas as tempestades dos seculos sem fim. Só a grande Dôr poderia burilar n'aquelle rude cerebro taes florescencias tenebrosas. O seu corpo levantou-se n'um desespero formidavel. Um violento fremito rugia no

interior da montanha, chegando até ás nuvens. Era a voz torva do seu peito, a soluçar pelos reconvexos da Terra e do Céu!

la tombar a Pedra-suspensa—resolveu.

Os seus cabellos ruivos, atravessados pelo sol, faiscavam. Idéas de impiedade e vingança, como lh'as ensinára a religião e o ciúme, fixaram-se-lhe na fronte d'um modo definitivo. A ventura e a bondade não cabiam na sua alma desgraçada, pois em volta tudo era escuridão e rancor. Nem a saudade da serra que estava a florir, nem a convivência amável do gado, nem o abandono da mãe cega e pobríssima o detiveram. Não via os *outros* abraçados n'um gozo sem limites? Palpitando d'amor á face do sol, pensavam acaso nas ovelhas? Que viesse o lobo e elles não seriam capazes de o perceber!... Aquelle embevecimento reciproco, era um peccado mortal, e nem o temor do inferno os separava! O aniquilamento, a morte rápida era o que mereciam! Clamava do céu vingança, uma tal falta de vergonha.

Por isso ia elle empurrar a Pedra-suspensa!

Doido, perdido, correu como um cabrão, de penedo em penedo. N'aquelle peito arquejante escondiam-se sentimentos de tigre. Era um demonio bruto; porém o instincto e o desespero tornaram-n'o sagaz. Para ser mais ligeiro e imperceptivel, abandonou os tamancos no caminho. Uma força de vendaval levava-o pelo ar. Podiam merecer-lhe piedade a desgraça do mundo e a eterna condenação de todos os homens?! Algum vivente lhe mostrara sympathia, ou pensara em lhe prodigalisar carinhos?! O seu odio absoluto não distinguia a justiça da perversidade.

Já em cima dos penhascos, ao lado do rude instrumento de vingança, olhou em volta. Um leve impulso de sua vontade bastaria para se produzir o formidavel castigo. Conheceu a verdade da lenda:—simples sopro de gente moveria aquelle penedo tamanho como elle! Um resto d'esperança, porém, obrigou-o a reflectir. Deitou-se de bruços, arrastou-se para diante... A cabelleira fulva e farta como uma juba, excedendo o rebordo da lage, appareceu no espaço. Desvairaram-se-lhe subitamente os olhos:—viu com todas as minudencias irrefutaveis, aquelle terno idyllio, que resumia toda a

sua desventura. O Chico tinha a cabeça no regaço da pastora. Ella dava-lhe de beber agua fresca pela sua tigela de barro vermelho. Era o quadro da Samaritana, dessedentando o tranquillo Nazareno, junto do poço biblico, na velha Palestina. O rosto pallido do rapaz, emmoldurado em cabellos pretos, tinha a sonhadora expressão de Jesus. Embebidos um no outro, prolongavam a existencia, na intensidade do sentir!...

Porém elle tambem era homem, tinha direito á felicidade como todo o sêr vivente. Se a Tonia lhe não havia de pertencer, melhor era acabar com a propria vida, que lhe não prestava! Havia de elle aniquillar-se, e os outros haviam de ficar n'aquellas serras queridas? Não lh'o acceitava a mente perturbada!

Os miseros estavam mesmo por baixo da Pedra-suspensa! A vingança n'aquelle cerebro, tomou fórma exacta o real, sem poeira de lendas. Podia esmagal-os, como dois sapos nojentos!... D'esta maneira, acabariam n'um instante duas vidas incompativeis com a sua felicidade. A morte para todos tres era uma solução de suprema justiça. A fé supersticiosa das montanhas tinha-o abandonado; o pobre ficara só, recolhido na sua dôr infinita!

Mesmo de bruços, principiou a recuar. O seu olho calculador e vingativo vira, que impellido o penedo, os dois morreriam, estreitamente unidos, sem tempo para um ai! Havia de ser fulminante esse acabamento como o causado por um raio de cólera divina! Poz-se em pé, sobre a lapa, a paralelo do instrumento fatidico. Veiu de novo a visão sanguinea! O panorama em frente appareceu-lhe envolvido em linguas de chammas! Era o primeiro signal do tremendo castigo, ha seculos esperado! Um impulso de cyclone dominava-lhe a vontade. Decerto era Deus que assim o mandava castigar dois peccadores.

Com a força nervosa e a serenidade d'um illuminado, applicou ao granito o largo e potente dorso. Demorou-se ainda alguns instantes!... Seria indecisão?... Era o gozo de ouvir estranhas vozes

de coragem e applauso, bramindo-lhe dentro do craneo! Em volta, já começava claramente o desmoronamento do universo! E o impavido cabreiro, soltando um ronco selvagem—medonho grito de féra!—tombou a Pedra-maldita!

V

Não se descollaram do ultimo beijo os dois ternos amantes. A altura era enorme. No espaço produziu-se um som abafado e largo, que foi de quebrada em quebrada, pulsando até ao coração da Terra! O Russo conservou-se em cima da lage, firme, contemplativo, como o Stylita. Parecia tomado d'assombro! Os seus olhos de louco, viram pedaços de carne e o sangue atirados para o céu! Aquillo teria sido malvadez?!... Arrependeu-se de subito, ou quiz envolver-se no aniquilamento geral?!... Não poderia sobreviver a tamanho crime, ou eram os demonios que o reclamavam, como sua prêsa?!...

Approximou-se resoluta da borda da fraga! Em baixo o mundo cambaleante e confuso, era um grande incendio, surgindo de trevas absolutas. Diabolicas figuras cruzavam os abysmos, á procura de victimas e sinistros. Gritos infernaes sahiam das boccas escancaradas dos pincaros, como jactos de lava! Olhos vermelhos de demonios fixavam-no ironicos e cubiçosos! Abriu os braços n'um gesto de supplica e perdão, atirou-se ao espaço como um abutre de amplas azas e o seu grande vulto, rolando pelo ar, parecia vir da eternidade, na primitiva condemnação! Sobre a mole granitica impellida pelo seu desespero, esmagaram-se-lhe as carnes e os ossos! O sangue espirrou, tingindo de vermelho a relva circumdante. Era tudo quanto restava, d'uma paixão desesperada e selvagem!...

A manhã de primavera, tranquilla e sumptuosa de luz, alegrava montes e campinas. Enfeitavam as encostas, o codeço e o tojo, rebentados d'entre as penhas, cuja negrura avivavam d'amarello. As myriades de flôres dos urzaes, formavam tufos d'aljofares e

d'amethystas nas aridas córgas. O feto novo era como uma extensão de relva, pelo verde claro. O modesto trevo e o alegre malmequer, salpicavam a terra. Góttas d'orvalho como lagrimas, rebrilhavam penduradas das flôres da giesta. As mattas silenciosas iam acordando com o gorgueio dos passaros. Nos fundos abysmos das montanhas, formavam lagos os pardacentos nevoeiros. Passado o primeiro momento de susto, os rebanhos continuaram a retouçar nas hervas, diante da gloria do sol deslumbrante. As aguias pairavam magestosas, ao longe, sobre os mais altos cumes. Toda a natureza palpitava e se engrandecia, sob a acção impulsiva do calor. Nas serras, nas brandas, nos ribeiros, nos cabeços, nos valles... uma tranquillidade pathetica de vida natural. Sobre os telhados das aldeias levantavam-se os fumos domesticos, brandamente, como fumos de incenso sobre os altares. Em volta a muda altivez da soberba e impassivel montanha!...

Só uma voz lamentosa se ouvia na socegada amplidão: era a do rafeiro, o amoravel Rabicho, que em redor da Pedra, chorava a pobre Tonia.

E chorava a cortar a alma, como se fôra um christão, ganindo, uivando, aos saltos em volta dos cadaveres!... Amoravel rafeiro, pobre Tonia, desgraçados amantes!... Ah!...

Lisboa—Novembro de 1888.

FOGO DO CÉU

(a Sousa Martins.)

I

A meia encosta da montanha subia a estrada de macadam, qual longa facha branca collada em fundo escuro. Tarde nevoenta, atmospheria pesada e electrica! As pessoas nervosas sentiam-se impacientes, com desejos fulgurantes e insaciaveis de imaginações inquietas. A necessidade de movimento, a agitação do corpo tornava-se imperiosa. Cada um procurava o esgoto rapido da sensibilidade que o affligia, o aniquilamento do proprio ser, com o fim de se encontrar no remanso bonançoso de uma vida serena e repousada, como as aguas de uma lagoa. Mary logo de manhã se levantara mal disposta, a carne em sobresaltos, uma intensa vontade de chorar. Pediu de tarde a seu pae que a acompanhasse n'um largo passeio a cavallo, galopando para longe, á descoberta de novas sensações, em horisontes infinitos, onde a vista se perdesse.

O velho cedeu apesar da ameaça de chuva. Mary precisava do rosto açoitado pelo ar fresco, sentir o arripio do vento nos cabellos, escutar o ribombo da trovoadas desenvolvendo-se a distancia.

Lá iam os dous, pela estrada de macadam, a par como namorados: elle com a sua barba branca collada ao peito, Mary olho febril, o rosto em desafo, o véu azul fluctuando como flammula. Os cavallos ás upas, garbosos, correndo ao desafio: *Joe*, o de D. Francisco, calmo e magestoso; *Luck*, o de Mary, franzino, mais audaz, resfolegando impaciente.

—Mary. Quando vier a chuva?!...—disse o receioso velho.

Que importava! Não lhes tinha succedido isso d'outras vezes? Era um episodio, uma diversão da monotonia ordinaria da vetusta casa,

entre carvalheiras, com o som plangente do órgão espraçando-se sobre os campos desertos. Os nervos imperiosos exigiam-lhe commoções, fortes balanços de galope, sacudidellas nos musculos entorpecidos, uma boa molhadela enfim...

Continuavam intrepidamente para o cimo da montanha, distanciando-se do povoado. O horisonte de cada vez mais largo, a paisagem variando em cambiantes de luz; na ribeira os terrenos, ermos de cearas, ás arvores tristonhas e outomnaes, os fumos domesticos erguendo-se lentamente no ar, como louvor religioso.

Era no mez de novembro: as folhas sêccas accumulavam-se nos recantos dos caminhos—despresadas depois de ephemera vida, e de terem com o seu viço de rebentos novos alegrado a encosta. Á maneira que os cavalleiros subiam para o alto, as montanhas desenrolavam-se-lhes n'um aspecto mais uniforme e esbatido, pela distancia de muitas leguas, como se fôra ondulado de mar subitamente solidificado n'um instante mais calmo. Os bosquesinhos de carvalhos, nascidos das aguas a rebentar nas quebradas, eram nodoas attestando a sensibilidade da vida, a circulação da seiva n'aquella aridez arrogante de terrenos ingratos, cobertos de tojo e de alcantiladas penedias. Os campanarios destacavam-se pela brancura da cal, tristes e solitarios, os sinos mudos. De cada vez se encastellavam mais nuvens no horisonte, tomando aspecto torvo de ameaça. O ribombo do trovão enovelava por cima das cristas dos grandes outeiros. Havia no ar um sentimento de anciedade, uma como paralyção de vida, um spasma em toda a natureza! Respirava-se mal, a accumulção electrica opprimia o peito:

—Mary; seria melhor voltar!...

—Só até lá cima, meu pae!...

Os cavallos excitados pela corrida, de cada vez consumiam maiores distancias. Luck, delgado e nervoso, parecia o hippogriffo lendario, voando por sobre geleiras, levando a vaporosa fada n'um sonho scandinavo. Sentia a febre da mão que sustinha a redea; ao seu dorso arqueado communicavam-se as correntes nervosas do gracil corpo de Mary. Joe, o do fidalgo, apesar de mais pausado era valente, e acompanhava-o garboso.

Caminhavam subindo sempre, no parecer ao desafio com as nuvens grossas e plumbeas, grávidas de trovões e raios, que passavam no espaço, n'uma jornada apocalyptica.

Para onde iriam essas nuvens de tempestade? Onde pararia Mary, loira, o rosto animado, impetuosa, franzina, a imaginação ardente a pedir largas paisagens, o coração oprimido a desejar atmosphaera mais leve, que os pulmões respirassem desafogadamente?!...

Chegaram ao vertice da estrada. Para a esquerda havia montanhas sombrias e estereis; porém era completa a solidão e o desamparo!

Descobriam aldeias e casas, a muita distancia, n'um ajuntamento de defeza contra os perigos dos ermos. Haviám caminhado em largo galope além de uma hora, distanciando-se sempre do povoado. A antiga morada d'onde tinham partido, só pelo tino acertariam onde ficava! Mary quedára-se a olhar com ousadia, para o céu e para a terra, o corpo mais livre, o querer amplo, a imaginação em maior tranquillidade. Esta uniforme paisagem de serranias que se pegavam umas nas outras, com um tom azulado e vespéral era de immensa pacificação. Porém as nuvens caliginosas condensavam-se já perto, o regougar do trovão aproximava-se a olhos vistos, a propria natureza parecia preocupada, enquanto Mary sorria deliciosamente ao céu plumbeo, ás montanhas ondeantes, ao valle cheio de arvores amarellentas, que levantavam para o ar braços em supplica.

Dous pequenos pastores, de certo irmãos, desciam apressados dos pincares, trazendo o seu rebanho. Receiavam chuva grossa e trovoadas, eram muito pequenos e supersticiosos, vinham com ancia de se recolherem á protecção de Santa Barbara bemdita, e de lhe resarem junto da lareira, onde arderia o canhoto do natal, amuleto contra as iras do céu. Irmão e irmã, teriam dez a doze annos, rotos e pobrissimos, aspecto triste e desconfiado. Os cabellos em desalinho, descalços, as pernas arroixadas do vento cortante dos montes! Desciam espavoridos, correndo pela encosta abaixo, acompanhados do cão e do rebanho, tudo juncto em grande

confusão. A sua pobre choupana coberta de colmo estava no sopé da montanha. Conheciam o tempo, não havia que esperar, a trovoadra aproximava-se, não tinham valor para a aguentar sósinhos lá em cima. Mary, com os olhos pregados n'elles, vendo-os a rebolar aos saltos pelo monte, encarecia, na sua boa alma, a conformidade, que adivinhava n'aquella vida humilde:

—Meu pae, aquelles pastores, aqui sósinhos!...

Já saltara do cavallo, esperava-os para lhes fallar, interrogal-os ácerca da sua pobreza que devia ser incommensuravel, dar-lhes alguma cousa para o agasalho do corpo.

Cahiam ruidosamente as primeiras gottas de chuva. Grossas como landes varejadas de carvalheiras por ventania aspera, espapavam-se no pó da estrada. Havia forte ruido no ar; ao parecer, mão herculea impellia de grande distancia punhados de areia: era o bater secco do granizo sobre os terrenos, sobre as penedias e nas folhas amarellentas dos raros carvalhos. A turbação atmospherica augmentara subitamente, escurecera tudo em redor. Os trovões roncavam perto, semelhando o unissono cavo e amedrontador de milhares de carroças rodando juntas.

—Onde nos havemos de recolher, Mary?—disse D. Francisco.

Em qualquer parte. Sob aquelle frondoso castanheiro, que ali perto nascera isolado n'um tenue veio de agua que resumbrava na base de um penedo. Os cavallos tinham na pelle tremuras de susto; levavam-nos pela redea para o designado abrigo. Os miseros pastores chegavam n'esse momento á estrada, inquietos, receiosos de que as ovelhas se lhes trasmalhassem e como a chuva engrossasse rapida e subitamente, recolheram-se com o gado n'uma grande cova, de proposito aberta no flanco do monte, para estes casos, ali frequentes. Mary e seu pae, protegidos pelo velho castanheiro olhavam silenciosos e contristados para aquelles rotinhos e humildes, em monte com as ovelhas, cheios de inquietação com medo que o trovão apavorasse os animaes. E do interior da cova consideravam cheios de admiração aquelles senhores de aspecto tão rico e maravilhoso, mais bello do que o dos santos da igreja.

As bategas de agua cresciam em força, o ribombo troava com arrogancia por cima dos pincaros eminentes. O fidalgo observava o ar com serenidade receiosa, a solemne barba branca de patriarcha biblico cobrindo-lhe o largo peito. O vento soprava com violencia, os movimentos ondulatorios da atmosphaera formavam vagas, como n'um mar aereo. Tinham desaparecido as povoações, os campanarios, os cimos das montanhas por traz da densidade da chuva. Restringira-se-lhes a muito pouco a área visual, tudo estava coalhado n'uma densa nevoa, o aspecto das cousas era indefinido e vago.

—Durará muito?—disse Mary apprehensiva.

Estava a vêr que sim.

Fizera mal em não ter cedido ao aviso de seu pae. N'aquella vasta solidão principiava a sentir-se n'um desamparo tenebroso. Ennegrecia-lhe o espirito com a apparencia lugubre das penedias suprajacentes. D. Francisco vendo-a pallida e contrariada, apparentava agora conformidade e riso, para a fortalecer. Tinha medo de algum desanimo, de qualquer crise de nervos. Era esta a querida filha da sua alma, o seu unico enlevo, a alegria, o conforto no despovoado da viuvez e da velhice. Mary sentia na alma a amargura de ter contrariado a providencia do bom velho, de quem era a luz dos olhos. O aspecto do céu de cada vez mais orgulhoso e ameaçador.

Os sons medonhos reforçados nas quebradas dos montes, rolavam como grandes e implacaveis penedias, que viessem lá do alto para tudo aniquilar. Já os trovões concorriam de todos os lados, arrogantes e magestosos, rebentando perto em estalidos breves e seccos, como milhões de taboas a baterem umas contra as outras. Laminas de fogo de coriscos rasgavam o ventre das nuvens e esta luz luarenga cobria a paisagem de um tom funereo. Havia no ar uma escuridão de caverna sem que a noite já começasse a abraçar o mundo no seu amplexo triste. A natureza em combate tinha olhar terrificante. Nem o conjunto de toda a artilheria do mundo, cem vezes augmentada, vomitando ao mesmo tempo granadas e

materias inflamaveis pela bocca redonda dos seus canhões, daria ideia d'esta formidavel batalha, ferida nos paramos sombrios do ar.

—Meu pae!... tenho medo!...—confessou a corajosa Mary.

As ovelhas conservaram-se junto dos pastores mettidos na sua cova, como timidas creanças perto de sua mãe. Os pequenos de joelhos, as mãos erguidas, em lagrimas de receio pediam misericordia em altos gritos dirigidos a Deus clemente. Desejava D. Francisco animal-os, soccorrel-os, trazendo-os para juncto de si; porém não lh'o consentiam as catadupas de agua, que já vinham pelas gargantas dos montes sahir ali perto, em formidaveis ribeiros. Elle ainda conservava Joe pela redea; porém Mary já havia abandonado Luck, que de olho allucinado, e tremendo em todo o corpo, resfolegava com estrondo pelas narinas largas. O pavor crescia, o formidavel estalido do trovão rebentava quasi sobre o castanheiro, innumeros relampagos fuzilavam ao mesmo tempo pondo-lhes o espirito em confusão.

—Tenho muito medo, meu pae!—confessou Mary, tremula e agitada.

Como poderiam sahir d'ali? Impossivel!—ponderou o coração amargurado do velho. Esperava que a furia da tempestade diminuísse, que o horror do trovão abrandasse, que o fogo dos relampagos lhes não tirasse a vista, que a chuva fosse menos copiosa... A pobre Mary já o não ouvia, pallida e assustada, sentiam-se-lhe ranger os dentes, a ella que sempre fôra a ousadia, o denodo, o vigor moral de seu pae.

Os dous corações batiam n'um ambiente de terrores, os ares incendiados por chammas infernaes, os ouvidos surdos por causa dos pavorosos sons que desciam do céu, ou resurgiam das corcovas da montanha. De toda a parte o mundo parecia ameaçado por castigos e invectivas de morte. No bojo largo e mysterioso das nuvens parecia esconder-se, ainda silenciosa, a suprema voz da infinita maldição! Vencendo espaços com o desespero dos demonios escorraçados do céu na noite biblica, essas nuvens pareciam que accarretavam do começo dos tempos a punição de crimes accumulados por seculos de perversidade!...

Os aterrados pastores continuavam de joelhos, as mãos supplicantes, pedindo misericórdia em agudos gritos. A convulsão do franzino e esbelto corpo de Mary communicava-se ao tronco do castanheiro frondoso e para ella todo o mundo se sentia abalado e trememente. D. Francisco abandonou-a, por um momento, enquanto procurava colher as redeas de Luck, que se ia separando encolhido e agitado.

A confusão de todas as cousas attingira n'este instante imponencia d'assombrar! Um forte e vibrante estampido, acompanhado de illuminação subita de raio, rebentou sobre a arvore protectora. Luck então fugiu espavorido; Joe repuchou fortemente o braço do fidalgo, que se sentiu cahir, as pernas sem vigor. Instinctivamente, D. Francisco, lança os olhos para o castanheiro, e vê no rosto funereo de Mary extinguir-se a vista, o tronco flexivel como um vime inclinar-se, todo o corpo, qual estatua de alabastro, cahir sobre a terra n'uma compostura sepulchral!!...

II

Fora fulminada? estava morta?!... O rosto de seu pae era de um pavor dantesco!... Luck despenhara-se pelo monte, em saltos infernaes! Joe, menos nervoso, tremia humilde junto de seu dono.

O desditoso velho atirou-se com desespero sobre o corpo livido de Mary, que vira pender como uma açucena, impellida por vento maldito. Encontrava-a sem energia corporea, o aspecto de completa ausencia de sensibilidade, os olhos meio cerrados. Queria aquecel-a com os seus carinhos, dar-lhe o movimento do proprio sangue! Estreitava-a nos braços, agitava-lhe o corpo, sacudia-a para lhe dar vida. De apavorado emmudecera, não tinha lagrimas para exprimir tamanha dôr; mas por fim a sua voz rugiu formidavel como a do leão, como a do mar, como a da tempestade:

—Mary!... Mary!... Accorda, Mary!...

As creanças tinham corrido n'um instincto de soccorro. Augmentavam a dôr do quadro com o chôro desesperado, que

acresciam ao do inconsolavel pae, que chamava sua filha em altos brados dirigidos ao céu cruelissimo.

D. Francisco erguera-se, com o corpo de Mary intimamente unido ao seu. Que loucura esta! Pensar em reanimal-a communicando-lhe o seu calor, dar-lhe sensibilidade com o vigor do affecto, fazel-a soffrer com a grande e immensa dôr que o suffocava! O corpo estava exanime; pendiam-lhe os braços, cahia-lhe a cabeça, as pernas sem energia, o tronco vergando-se como um junco. O ribombo do trovão continuava atroz: os relampagos successivos illuminavam as serras lugubres, as altas penedias de uma grandeza cyclopica, as humildes aldeias e campanarios, as veigas de uma passividade mortal.

—Chamae gente!... Chamae gente!...—gritava D. Francisco aos pastores, que d'elle se tinham acercado n'um intento piedoso.

As creanças identificadas com aquelle soffrer incomparavel, gritavam inutilmente! Quem as ouviria? O logar ficava longe, a sua casa distante, a magestosa garganta da tempestade engulia-lhes a voz.

Talvez o velho cabreiro esperasse a primeira aberta para lhes vir em auxilio!... Unica e misera esperanza!...

Os enxurros desciam ovantes em catadupas pelas gargantas dos montes: os caminhos eram ribeiros, nas fundas corgas sussurravam as aguas como grandes rios, a ira do céu parecia crescer a todos os momentos.

—Chamae gente!... Chamae gente!...—repetia o fidalgo com o corpo de Mary estreitamente abraçado, exprimindo no semblante a maior dôr que no mundo possa existir.

Clamavam as creanças com maior desespero e força; porem as suas vozes perdiam-se no infinito espaço. Um instante houve em que esses gritos foram triumphaes, como se um soccorro afortunado viesse espavorir a desgraça.

—Pae!... Pae!...—exclamaram com alvoroço.

Era o robusto montanhez que despresando perigos, subia em corrida a encosta, para proteger os filhos, e livrar o rebanho das correntes impetuosas.

Ao deparar com a scena horrivel que os pequenos lhe apontavam, como produzida pelo fogo sinistro do raio, a sua mudez e espanto eram formidaveis. Obedeceu como automato aos monossylabos de D. Francisco, ageitando-lhe o cavallo para elle montar.

E emquanto montava, as suas rudes mãos e os braços negros de rachador, sustentaram por instantes o franzino e gracioso corpo de Mary, para o entregar ao velho, que o recebeu com sofreguidão e ainda com esperança!...

D. Francisco voltou n'um galope desesperado, a filha amantissima achegada ao seio caloroso. A sua ideia era alcançar em minutos o portal da querida habitação, mandar uma legião de criados á procura de soccorros que lhe restituissem Mary. Joe parecia identificado com a grandiosa tragedia que se passava na alma de seu dono! Era uma corrida de phantasma, atravez dos espaços do primitivo cahos! Um homem robusto, ainda que velho, cabelo e barba sujeitos ao vento, despresando chuva, trovões e relampagos, galopando furiosamente com o corpo de uma donzella estreitado nos braços, era o que viam passar attonitos os raros viandantes. Paravam tranzidos de espanto, ninguem se oppunha a esta marcha do desespero, e só exclamações se ouviam:

—É o fidalgo!... É o fidalgo!...

Joe sentindo a força da alma lugubre que o guiava, vencia caminhos, voltava com lucidez, transpunha ribeiros aos saltos. O inconsolavel pae, ainda na crença de que d'aquelle deliquio Mary poderia acordar, animava-lhe com monossylabos energicos a vertiginosa carreira, na direcção da antiga morada de seus maiores. Ali chegou finalmente com o espolio querido. Portal largamente aberto, porque de longe os criados já tinham notado a infernal corrida. O corpo exanime de Mary foi estendido sobre a sua cama

de donzella, e logo veio o medico que a olhou com aspecto dolorido de desanimo!...

Ali estava como n'um leito de morta: a face pallida; os braços molles; o corpo exausto, acceitando passivamente todos os impulsos. Não respirava, não lhe batia o coração, não lhe foi encontrado o pulso. Era desgraça irreparavel, todas as tentativas seriam infructiferas! Para que haviam de enfermeiras conspurcar aquelle corpo gracil, se Mary estava morta, definitivamente morta?! Um raio do céu fulminára a formosa donzella, flexivel como um vidoeiro novo, candida como o lyrio, risonha como um cravo! O medico que a vira nascer, e lhe queria como a propria filha, agarrou-se a D. Francisco, chorando, chorando, sem poder falar!

É que Mary já não existia, o pavoroso raio consumira no seu fogo aquella rosea existencia! Nunca mais aquelle coração palpitaria de amor, nunca mais os seus dedos sublimes acordariam sons de musica religiosa no orgão antigo, nunca mais aquella voz clara como um veio d'agua pura, se levantaria em preces fervorosas.

D. Francisco não lhe tornaria a ouvir dizer: «Meu pae! meu pae!» Mary estava morta, definitivamente morta, fulminara-a a colera das nuvens!...

VOLTOU...

I

Bons velhinhos os que moram n'aquella casa! N'este domingo sereno de março, lá se veem sentados á porta, com o sorriso dos modestos e felizes a florir-lhes no rosto; tem as cabeças protegidas contra o mal da soalheira e os pés, fóra dos tamancos, para os aquecerem. A veiga, onde pastam bois, é tranquillá; a subida da encosta, onde rebentam urzes e codeças, está vistosa. Aquelles bons companheiros, casados ha cerca de cincoenta annos, tem um para o outro o mesmo olhar confortativo e amoroso do tempo de moços. Miguel conserva impressa na retina a imagem de quando Luiza era nova: não lhe percebera o nascer das rugas; nem o desmaiar da pelle; nem a queda dos dentes, que no riso ainda lhe appareciam como uma fiada branca e igual de rosario de pinhões. Os cabellos (talvez pela vista enfraquecida) eram as mesmas longas tranças, negras e colleantes, como lampreias no fundo de rio arenoso. O corpo de sua mulher mantivera para elle, sempre, a mesma puresa de linhas—consolidara-se na graça e gentileza da juventude, não o tinham abandonado os elementos de frescura e mocidade.

De igual modo, Luiza, via seu marido. Quem estava ali, a seu lado, com os joelhos ao sol e o lenço de Alcobaça na cabeça, era o mesmo rapaz valente, trabalhador e sadio, ligeiro como um lobo, que a namorara quando ella tinha vinte annos. Nem as molhadellas lhe tinham engrossado as articulações com o rheumatismo, nem as barbas e cabellos eram da brancura de linho sedoso, mas acastanhados e lustrosos como outr'ora. Não tivera a idade poder para lhe diminuir a vista: logo que o emperramento das pernas passasse, vel-o-hiam como o primeiro malho nas eiras, a primeira enxada no morder da terra, a melhor roçadoura para derrubar silvedos. Ella que o amparava da cama até a lareira e da lareira até

ao sol, vivia na fé de que o seu Miguel tornaria a ser o mais celere e desembaraçado homem de todas as redondezas para atracar um touro que fugisse em descampado, para vencer, d'um pulo, o ribeiro da freguezia, para pôr em debandada uma feira de troquilhas bulhentos. Não o vira ella ludibriar magotes de adversarios, ora afastando-os para longe com um talho de varrer, ora safando-se-lhes com um salto, para fóra da muralha da gente com que o cercavam? Assim mesmo, meio entrevado, ainda se não poderiam chegar a elle, nem tres, nem quatro pimpões, se Miguel tivesse nas unhas o seu pau de carvalho e estivesse bem encostado a uma parede para só poderem atacal-o de frente. Experimentassem, querendo, e ver-se-hia se ella não dizia a verdade.

À porta da casa estavam ambos silenciosos, n'esse secreto e intimo goso d'uma perpetua conformidade moral, imaginando-se na força do sentir e sem recearem a morte que podia separal-os, levando um e deixando o outro a vaguear no mundo, n'uma existencia de lamentos e saudades. Não pensavam n'este horror, visto que no céu havia um Deus, justo e bom, que não permittiria tal iniquidade. D'aquella somnolencia feliz, despertou-os o padre Clemente Carvalhosa, que ora vinha pelo estreito caminho rente á casa de Miguel.

—É o senhor cura—disse Luiza, falando como se só comsigo falasse.

—Ah! hoje demorou-se mais. É que os rapazes não sabiam a doutrina. Calaceiros!...—pronunciou o velho, sem levantar os olhos dos joelhos.

O sacerdote adeantava-se com o seu habitual ar benevolente. A batina ecclesiastica dava-lhe solemnidade ao parecer, e só o passo energico era signal de que não vinha em boa disposição de espirito. Luiza, logo que o viu á voz, levantou-se para o saudar; Miguel que tinha, ao lado o pau a que se amparava, ia a fazer o primeiro

esforço para se erguer, quando o cura, já com a mão na cancella para entrar, disse alto:

—Eh! lá! Para doentes não ha ceremonias!...

—Muito bom dia, senhor. Hoje mais tardinho. Os rapazes não a sabiam, está de vêr...

—É verdade—informou o Carvalhosa com voz irritada. Talvez peor que no domingo passado e estamos no fim da quaresma.

—Uma palmatoria senhor! Olhe que isso não vae sem lhes doer.

—E é que o faço!—asseverou com energia o ecclesiastico. Se me obrigarem a sahir de mim, irá o diabo n'aquella sachristia.

—Vossa Senhoria não é capaz d'isso...—opinou ironicamente Luiza.

—Não sou capaz!? Estás enganadissima! É que vocês nunca me viram pelo lado do forro. Se me volto do avêso, vae ahi o dia de juizo.

Miguel offerecendo-lhe o bordão de paralytico aconselhou:

—Com este é que elles se ensinavam. Já lá andam taludos, dos que não vão a palmatoria.

—É o que elles mereciam, é—applaudiu Luiza.

—Isso tambem não, mulher!—entendeu o cura. Um pau molesta de mais, pode fazer sangue ou quebrar algum osso. É bastante uma palmatoria puchada com valentia, como eu o sei fazer. Mando logo chamar o Corcunda para lh'a encommendar. Deixa que se elles virem, pendurada na sachristia, a santa Luzia de cinco olhos, não tornam a apparecer sem trazerem o recado na ponta da lingua.

—Vossa Senhoria—commentou o Miguel—para essas coisas de bater... O senhor abbade, quando por ahi vinha, sabia-os tosar melhor, se os garotaços faltavam á obrigação...

O Carvalhosa retomou a sua energia:

—Estás parvo, homem! A questão é fazerem-me chegar a mostarda ao nariz. Mas vamos ao que serve—disse mudando de

tom.—Do vosso Luiz, não tem havido noticia nenhuma... nenhuma?...

—Nenhuma... nenhuma...—responderam os dois n'um unisono triste.

—E tendes perguntado?

—Se temos!—disse Miguel. Sempre que sei de alguém que chega do Brazil, se as dores das juntas me dão licença, lá vou ter com essa pessoa... Mas até agora nada, nada!...

Luiza commentou chorosa:

—São terras onde ha animaes que comem gente!... Quem sabe se alguma serpente me deu cabo d'elle...

—É celebre!—entendeu o cura. Eu tambem tenho feito esforços para saber noticias, mas tudo em vão!... É celebre! Pois ainda ha dez annos vos mandou o dinheiro com que arranjastes esta casa e comprastes os bens por ahi abaixo e não torna a dar accordo de si! É celebre! muito celebre! Quem será o ladrão que disfruta, a esta hora, o que elle tanto lhe custaria a ganhar! Sim, porque elle fortuna havia de ter ganho!

—Isso é o que menos importa—interferiu Luiza. Aqui ha que farte para elle e para nós. O que queriamos era vel-o vivo e são.

—Pois apegate com Nossa Senhora da Boa Viagem, que ella t'o trará. Eu vou-me até casa que são horas de minha irmã ter o caldo na tigella. Adeus e devoção, Luiza.

—Ah! isso tenho eu, senhor! Promessas e resas olhe que as faço todos os dias.

II

Havia muitas pessoas na freguezia que se lembravam da partida do filho do Miguel. Era um rapasinho carinhoso, serviçal e bem comportado. Delgado de corpo, tez morena, sorriso sempre conformado, fazia gosto vel-o ajudar á missa; porque procedia com

grande promptidão e esmero. No character era a mãe, sempre boa e humilde; no desembaraço o pae, sempre agil e resolvido. De quatorze annos não havia, por ali, outro para mandar á villa n'uma pressa de chamar o medico ou buscar um remedio. Quer fosse de dia ou de noite, quer os caminhos estivessem cheios de neve ou de lama, o Luiz nunca se escusava, nunca procurou uma desculpa. Nem o medo do lobo, nem o das trovoadas o impedia de ser prestimoso. Miguel todo se ufanava com este brio do rapaz, e com a atmospheria de sympathia de que o via cercado. E quanto a estudo? Isso dizia o mestre que nenhum lhe levava a melhor nos desafios á taboada, e na doutrina. Até era uma pena não ser possível ordenal-o em Braga, para um dia vir ali dizer uma missa nova, e verem-no do pulpito lançar a voz da religião. Porém, o Luiz, ainda que o pudesse conseguir com esmolas, lá para essa vida de padre não o chamava a inclinação e toda a sua idéa era embarcar, para tirar seus paes da pobreza em que viviam e da labuta constante em que se amofinavam. Apesar do Brazil ser a commum ambição da gente d'aquella provincia, isto não tinha prognostico favoravel das pessoas que lhe conheciam o genio perdulario, o gosto que fazia, já em creança, em dar tudo que possuísse. Um pedaço de pão e presigo com que lhe pagassem qualquer serviço prestado, logo o repartia com os rapazes da sua equalha, ou com algum pobre que encontrasse, ou mesmo com qualquer cão esfomeado que estivesse a olhar para elle quando comia. E não era porque em casa lhe sobrasse, pois Miguel, n'esse tempo, tinha mais tres filhos vivos e era elle só a trabalhar, moirejando nas terras que são ingratas para compensar o esforço rude do homem, que só tem a sua enxada para as servir. Estava na indole de Luiz dar tudo, repartir com quem quer que fosse. O coração não lhe soffria o possuir coisa de que os outros não compartilhassem. Os unicos motivos de zanga de sua mãe para com elle, vinham de conhecer que lhe roubava pão para os pobres que passavam, quando ella não tinha bastante para si.

—Tu és tolo, rapaz!—reprehendia-o. Vês que esta fornada me não chega até á outra, e tiras-me a brôa da masseira! Olha que ainda podes andar como esses mandriões de pedintes, que só tem por seu mal, não se quererem chegar ao trabalho.

Luiz ficava triste, por, a santa creatura que era sua mãe, não comprehender o intimo goso que elle sentia em fazer bem. Amargurava-o esta idéa, pois não admittia maior consolação do que a de dar, mesmo aos que não tivessem necessidade. O rosto de agradecimento que os beneficiados faziam ao receber, era o premio unico a que aspirava. Mas havia mais alguma coisa n'este animo dadivoso: era o pouco geito de possuir em proprio, o que quer que fosse. Angustiava-o a preocupação de guardar. Viver sempre na abstracção, na inconsciencia do que valem as coisas materiaes, era a caracteristica do seu coração. O prestar serviços sem idéa de interesse ou recompensa completava-lhe a indole bondosa. Sua mãe estava sempre a prégar-lhe:

—Nunca hasde juntar coisa que se veja. Como é que tu queres ir para o negocio com esse genio?

E porque assim o entendiam todos na freguezia e os proprios paes, é que muito os maravilhou o receberem, na pobre casita onde os dois velhos moravam e viviam sós, a visita d'um amigo de Luiz, que lhes trazia uma ordem para receberem no Porto uma grande somma de dinheiro—uma somma, para elles tamanha, que os lançava repentinamente na opulencia. Porém, Luiza, ao apparecimento d'esse senhor todo aceiado, já homem grisalho e enegrecido na pelle da face pelas soalheiras dos sertões brazilicos, não se importou nada com a riqueza que elle annunciava e tomando-o como o precursor de seu filho, logo inquireu:

—E o senhor conhece-o, o meu Luiz? Está um homem assim alto como é o pae? E quando é que o temos a consoar com a gente?

A todas as perguntas o mensageiro respondeu de maneira a arrancar-lhe lagrimas de contentamento. Miguel que, chamado, viera offegante da labuta dos campos, perguntou, primeiro que tudo, em voz meia reprehensiva, mas cheia de coração:

—E elle não tem idéa de vêr a gente antes que nos levem para a cova? A riqueza estimamol-a muito; mas antes queremos a companhia.

O amigo de Luiz enterneceu-se com esta insistencia e consolou os paes fazendo-lhes graciosamente promessas para que não estava auctorisado. O dinheiro enviado era o melhor signal de que o filho os visitaria em breve—disse. Trazia tambem recommendação de lhes lembrar que transformassem a casa de moradia para o receberem condignamente, e de que empregassem o restante na compra de algumas terras, que lhes garantissem uma mediania repousada e sem cuidados.

—Isso—confessou Miguel—até vem a calhar, porque andam em bocca de venda estes bens aqui em redor.

Para designar a grandeza das terras estendeu pela encosta que descia brandamente até ao ribeiro, um olhar commovido, acompanhado d'um gesto de opulencia. Fôra esta a ambição de toda a sua vida. Muitas vezes, só com Luiza, quando junto da lareira comiam o magro caldo da ceia, elle reprimia o prazer que o filho lhes daria se enviasse dinheiro para comprarem aquelles campos, que toda a vida haviam cultivado como caseiros. Era o seu suor d'elles accumulado sobre a terra, que os fazia fructificar e lh'os tornava queridos, como uma parte viva e nobre da propria existencia. Possuir a bella quinta que em volta do seu pequeno eido se estendia, abrir a agua das poças com a arrogancia de proprietario, levantar as videiras com a certeza de que eram seus aquelles braços flexiveis, e ao enterrar a enxada na terra negra e humosa sentir a convicção de que remexia no que ninguem lhe podia disputar, de que preparava o solo para resultados que não partilharia com outrem, era o maior goso que a boa fortuna podia trazer a Miguel. E tamanha commoção os dois manifestaram, na sua mudez, deante do hospede, quando designaram com o olhar essas terras, que o recémchegado perguntou:

—São estes os bens que vocemecês trazem de casa?

—Sim, senhor, aquelles mesmos em que Luiz trabalhou connosco, indo á sogá dos bois, quando lavravamos. Elle falou-lhe n'isto?

A um signal affirmativo, os consortes, choraram copiosamente. Até parecia mal ver um homem sadio e forte, como era então

Miguel, limpar os olhos á grosseira estopa das mangas da sua camisa e soluçar com a cara escondida. Porém aquelle contentamento era mais forte do que elle; em coração humano não presumia outro equal. Para se desculpar, perante o amigo de Luiz, ia dizendo por entre lagrimas:

—O senhor não pode comprehender o que isto é. Se soubesse o que me vae cá por dentro... Estou capaz de estoirar de alegria.

O feliz mensageiro sentia-se transitoriamente envolvido na mesma atmosphaera de felicidade que respiravam os dois casados. Ligando-os a si n'um só abraço disse:

—O que desejo é que por muitos e largos annos gosem o que tanto amam, e que isto seja na companhia de seu filho, que estou certo se não demorará muito.

Depois combinou com elles a maneira de receberem o dinheiro que estava no Porto, á ordem de Miguel. Para lhes facilitar a empresa já tinha tractado da transferencia da quantia para a villa proxima, onde da mão de negociante honrado podiam recebê-la toda d'uma vez, ou parcelada, conforme melhor conviesse. N'esse mesmo dia, Miguel acompanhou o amigo de seu filho para pessoalmente ajustarem com o tal negociante o recebimento em questão.

III

Este notavel successo trouxe á memoria dos do lugar o bom rapasinho que Luiz sempre fôra; como era geitoso no ajudar á missa, como, com desinteresse sympathico, se prestava a servir toda a gente. Não podia deixar de ser feliz, quem logo no começo da vida se mostrara tão diligente e bondoso. Deus, que é justo, ajuda de preferencia aquelles que o merecem, os que desde o principio se mostram attentos e respeitosos pelas coisas da religião. Entendiam-no assim e mostravam como exemplo d'isto a fortuna que acompanhara Luiz para poder alegrar a existencia de seus paes, garantindo-lhes um magnifico bem-estar, e proporcionando-lhes o gozo de possuirem as terras que sempre haviam trabalhado.

A proposito recordavam o bello dia de maio em que elle partira. Muitos faziam o aparato de mencionarem meudas circumstancias, que agora representavam como se as tivessem deante dos olhos. Repetiam palavras, apontavam pessoas, e reproduziam detalhes. Que formoso sol o d'esse tempo! como elle aquecia o corpo e alegrava o espirito! O padre Clemente Carvalhosa, já então curava a freguezia e, por assim dizer, era o parochio, pois que o verdadeiro estava frequentemente em Braga, junto do senhor arcebispo de quem era amigo, e havia annos que por ali não apparecia. Como Luiz não tivesse vocação para o estado ecclesiastico, fôra o Carvalhosa quem influira para o mandarem para o Brazil, ver mundo, fazer-se homem, ganhar a riqueza com que voltasse a engrandecer a sua familia e a sua terra. Se o bom velho fosse egoista, forcejaria por conserval-o para o ajudar á missa, tratar das coisas da egreja e auxiliar o mestre escola. Mais tarde poderia mesmo conseguir-se que ficasse substituindo José Fortunato, o que era alguma coisa de representativo. Porém, reconhecendo que aquella intelligencia naturalmente viva se acanharia na estreiteza d'uma aldeia, o bom cura é que promoveu, entre a melhor gente da freguezia, uma colheita de donativos para vestirem o Luiz do Miguel e pagarem-lhe a passagem para esse Brazil, terra prodigiosa, onde o oiro rebenta das arvores com a bondade dos fructos que alimentam o homem. Sentia no fundo do seu generoso coração, que era uma boa obra a que emprendia. Quem sabia se não estava trabalhando para o esplendor das festas da sua egreja, para reformar e accrescentar materialmente a riqueza do templo, attenta a vocação que Luiz mostrava para as coisas santas? Não seria amesquinhar as bellas promessas de character de rapaz tão bom, tão docil, tão intelligente, o prendel-o entre aquellas montanhas de limitado horisonte?

—Mas, senhor,—entendia a mãe—olhe que elle para conservar dinheiro não lhe serve. Quanto ganhar, quanto dá!

—Cala-te, mulher,—contestou Miguel—deixa ir o rapaz que no mundo é que elles se armam gente. Tenho-lhe amor, pois é meu filho, mas o senhor cura é que diz bem.

Aquelle que assim falara com desapego, é a quem mais custou o desprender-se de Luiz, no assignalado dia da partida, n'esse bello maio em que o sol aquecia o corpo e alegrava o espirito d'um modo differente do actual. Luiz com o seu character submisso ia de vontade; mas não tinha n'essa occasião, propriamente idéa de ambição ou opulencia, nenhum proposito de no futuro deslumbrar os simples da sua aldeia. Commovido e sem fala, as lagrimas rebentavam-lhe dos olhos, como pingos de seiva d'uma arvore quando chora. Se seu pae se não podia desagarrar d'elle, tambem elle se não podia desagarrar de seu pae, nem de sua mãe, nem dos rapazes que ficavam. No fundo da sua retina estampara-se indelevelmente e para sempre, toda aquella paizagem da sua alma —a modesta egreja, com o campanario exterior d'um só sino; o musgo das paredes dos caminhos estreitos; a largura dos campos onde rebentava a herva; a sobranceria dos montes altos, artilhados de penedias temerosas! Sentira que a alma, n'esse dia de sol encantador, se lhe dividira em duas partes: uma ali ficava pendurada dos galhos das arvores que se enfolhavam, dentro da pobrissima casa onde nascera, e nas encostas a escutar o gemer das fontes e dos regos d'agua; a outra, a mais dura e resistente levava-a consigo. O cura Clemente Carvalhosa, ainda no vigor da vida e saude, abençoara-o no limitte da freguezia, até onde o acompanhara, e n'esse momento, Luiz, supplicante e com as mãos erguidas pediu-lhe:

—Quando a Russa tiver a cria, senhor, peço-lhe que a deixe crescer e que a não venda, que eu mando dinheiro para a pagar.

A Russa era a egua do cura. O rapasito tinha-lhe grande affecto, adquirido no habito de a levar a beber, e de a acompanhar quando o sacerdote ia para algum officio, no que substituiria o creado Simão.

Na villa é que se apartou de sua mãe e de seu pae, pois d'ali em deante seguia na companhia d'outros emigrantes que levavam identico destino. Na volta, a excellente Luiza, veio considerando se aquella dôr que soffrera no apartamento incluiria a redempção da sua pobreza. Valeria a pena tental-a, para quem desde o nascimento fôra destinada á vida do trabalho e das privações? Quando ella o dera á luz, bem como aos outros que lhe tinham

morrido de bexigas, já fôra na perspectiva de os prender á terra negra, cavando-a com a enxada, para d'ella tirarem o pão duro de que se alimentariam. Isto era a vida assente na pobreza e conformidade: o que Luiz ia buscar longe, o que seria? Com os olhos razos d'agua, a pobre mulher, só percebia o esbatido d'um mar ennevoado e sem fim, a negrura d'um mysterio lugubre que formava esse porvir incerto...

IV

Nos primeiros tempos d'ausencia, receberam frequentes cartas repassadas de affecto e saudade, ás vezes com signaes de lagrimas que ennodoavam o papel a ponto de se tornarem inintelligiveis algumas palavras. Porém, passados tres annos, a correspondencia cessou quasi de repente e espalhou-se o boato de que Luiz morrera, sendo depois isto desmentido por outros dizeres, igualmente sem base. N'estas alternativas, de luto e contentamento, passaram-se os dias longos e as noites infinitas, limitando-se os dois paes a reverem-se no seu passado, modesto e feliz, acreditando Miguel na eterna formosura de Luiza e esta no garbo e valentia perpetua de Miguel. Até que um dia chegou esse bom mensageiro, que lhes trouxe os meios para reformarem a moradia e comprarem as terras, e com este facto lhes voltou a esperança, sempre risonha e carinhosa, de que seu filho havia de chegar em breve. Além das palavras de bom agouro, que o desconhecido deante d'elles pronunciara, receberam, logo após, carta de Luiz, em que lhes falava com ternura do possivel regresso e insistia especialmente na velhice tranquilla e abastada que procurava garantir-lhes. Porém, depois d'este promettedor acontecimento, que lhes deu annos de prazer emquanto reedificaram a casa, levantando-lhe um andar, emquanto plantaram videiras e enfeitaram a quinta, com arvores novas e um bello muro em volta; Luiz nunca mais escreveu, estabelecendo-se completo silencio, semelhante ao primeiro que parecera de morte definitiva. Fartou-se o padre Clemente Carvalhosa de lhe escrever sentidas cartas, falando de tudo quanto podia haver de mais amavel e

terno no coração: a velhice dos paes, que não poderiam aguentar-se por muitos annos; a commodidade da habitação, que elles tinham arranjado ostentosamente para o receberem; a belleza e transformação dos campos em que elle labutara e brincara quando creança. Até lembrava a recommendação, que Luiz fizera no dia da partida, para não vender a cria da Russa: a esse proposito notificava-lhe que, tanto esse animal como a mãe, haviam morrido de velhos, em grande tranquillidade e ventura; mas que na mesma côrte da residencia havia outra egua descendente da segunda, que era a estampa viva das saudosas extinctas. Nenhuma d'estas amoraveis e longas dissertações teve resposta, o coração de Luiz tinha-se de certo ressequido, pois já não vivia para tão commoventes memorias. Receberia elle as cartas? Não lhe seriam entregues por ter mudado de terra?!... É no que assentavam, afastando sempre a hypothese da morte, como castigo cruel e immerecido. Mas ao fim d'um crescido periodo de annos, sem noticias de nenhuma especie, experimentados por muitos e successivos desenganos, atormentados pelos pensamentos negros que traz a velhice, Miguel disse, um dia, em voz sumida, para não assustar a companheira:

—Talvez elle morresse... talvez....

Quem sabe?! Ha diversas maneiras de morrer. O corpo póde andar, no mundo, aos solavancos e encontrões, e ter desaparecido a vida com a alegria da alma. N'este domingo de março soalheiro, os dois velhos estavam á porta de sua casa, serenos e meditativos, mas conformados; foi o bom cura que lhes veiu incautamente turvar o coração, recordando-lhes o filho morto, ou eternamente desaparecido, o que para elles valia o mesmo. E quando ambos retomavam a tranquillidade em que estavam antes da chegada do sacerdote, ficando mudos, com os pés extendidos ao sol e a cabeça resguardada para que o calor os não adoecesse, sentiram passos no caminho que bordeja a quinta e viram que um estrangeiro se encaminhava para elles. Quem seria? Era um homem andrajoso, qualquer viajante pobre em caminhada para longe. O seu aspecto de miseria commovia... Trazia as botas cambadas, a camisa suja, as calças roidas; n'um saquito enfiado n'um pau, levava ás costas, toda

a sua riqueza. Que ar esmorecido e doente! que longa barba mal tratada! como vinha dorida dos pés! Ao approximar-se da cancella, que dava ingresso no quinteiro, parou saudando com o chapéu esburacado. Miguel, com vista mais fraca do que Luiza, perguntou a esta:

—O que é?

O recémchegado é que respondeu em voz de cançado:

—Um pobre viandante que pede uma sede de agua. Dão-m'a senhores?

A velha disse com expressão de carinho:

—Entre, faz favor?... Quanta agua quizer!...

Não mostrou medo, nem repellencia, nem suspeitas d'aquelle homem roto, que podia ser um ladrão assassino. Foi ella mesma que veio levantar a caravelha da cancella, para que elle entrasse, pois que o via sem forças para tão pouco... Conhecia-se que estava enfraquecido pela fome e pela longa jornada. Quem seria este misero de aspecto tão soffredor? Algum d'esses infelizes que vivem afastados durante muitos annos de todas as affeições e carinhos, e voltam ao seu lar depois de longa e dolorosa penitencia. O recém-vindo sentou-se n'uma tosca pedra que estava perto de Miguel, pousando ao lado o pobre saquito, que era a sua riqueza. O penoso suspiro que do peito lhe sahiu ao descançar, condensava, de certo, uma vida aspera de soffrimento e exprimia talvez o desejo d'um periodo de socego, ainda que fosse na sepultura. Quando Luiza veio de dentro de casa, com a malga, branca de jaspe, cheia d'agua limpida e fresca, elle tomou-a nas duas mãos, emborcou-a com satisfação, tendo no fim de beber um respirar de saciedade. Os seus olhos amortecidos pela desgraça, tiveram brilho carinhoso e contente ao restituir a malga. Agradeceu este favor com um sentimento que lhe veio do fundo d'alma:

—Deus-lh'o pague!—disse.

Conservou-se silencioso durante muito tempo, a cabeça curvada para o peito, como um vagabundo que na alma procurasse o seu destino. Os dois velhos contemplavam-no compadecidos: nos seus

corações amovaveis e bons apparecera um sentimento de infinda piedade. Não tinham elles tambem um filho, que assim andava perdido no mundo, vagueando por longes terras? O bem que elles, a este desconhecido, podessem fazer, outrem, no ponto distante onde estivesse Luiz, o retribuiria, soccorrendo-o se elle necessitasse. Com o instincto dos que são captivos do infortunio alheio, adivinhavam que junto d'elles estava um infeliz precocemente avelhentado. Não procuravam, com perguntas desnecessarias, perturbar-lhe a paz que elle parecia ter encontrado sentando-se n'aquella pedra, a olhar meditativamente o chão do quinteiro. Adivinhavam-lhe, pelo aspecto, soffrimento que na sua vida obscura e modesta, elles nunca tinham sentido. Por esse mundo fóra, as desgraças engrossam, ás vezes, tão rapidamente, como o ribeiro que passa no fundo da aldeia, quando recebe as torrentes pluvias, vindas a roncar pelas encostas e pelos caminhos. Que significaria o silencio dolorido d'este desgraçado, que nos restos do seu vestuario deixava perceber signaes de que no mundo tinha sido alguma coisa mais do que aquillo que ora apparentava?!...

O viandante levantou lentamente a cabeça. Primeiro fixou a vista agradecida, amovavel e sem reservas nos que lhe tinham morto a sêde. Apesar da estranheza d'aquelle semblante, não causou aos dois velhos impressão, de que fosse o de algum doido que andasse desgarrado pelos caminhos da aldeia. O seu olhar era absorto, mas tranquillo e bondoso. Ainda que estranho ali, não lhes causava receio, nem pavor. Ao contrario: do imo da sua sensibilidade subia-lhes, a favor do misero, um formoso grito de benevolencia e compaixão. Aquella testa sulcada pela desventura, o rosto macerado pela desgraça, dizia alguma coisa de pacifico e sublime, como a luz sahindo de entre nuvens caliginosas no meio de rude tempestade. Os dois septuagenarios reconheciam que a apparição de tal infortunio estava tomando sympathico logar na sua pacifica existencia... «Este desconhecido —pensavam—ainda que em qualquer tempo de sua vida, tenha sido mau e perverso, agora só parece ser desventurado!» Isto originara-lhes no seio a mesma piedade que sentiriam se áquella casa se viesse recolher um lobo ferido, ou mesmo, se um abutre lhes cahisse exanime junto da capoeira de que fóra o flagello. Esses animaes, tantas vezes

escorraçados com alaridos de colera, teriam elles animo de os acabar, quando os reconhecessem indefezos e supplicantes nas vascas da morte?! Não: o findar da vida merece sempre compaixão; a desgraça redime de todas as culpas perante os corações bons e sensiveis.

V

Mas este pobresinho não era perigoso e não poderia nunca ter sido perverso: tamanha era a unccção maguada e soffredora que exprimia o seu rosto retalhado pelas rugas, o seu olhar extinto pela longa miseria! Havia n'elle tanta meiguice e affecto que só lhes provocava misericordia e caridade. Se o pedisse não lhe recusariam agasalho em sua casa. Que valia um logar junto da lareira, uma manta para cobrir os lassos membros sobre um pouco de colmo, uma tigella de caldo para aconchegar e fortalecer o estomago? De mais tinham elles, sem pessoa a quem o legassem. Uma obra de misericordia, offerecida por intenção d'aquelle que lhes dera o bem-estar de que gosavam, era acto meritorio que lhes consolaria o espirito e teria certo apreço perante Deus. Uma voz interior affirmava-lhes que ali estava um infeliz digno de piedade: e sem muito saberem porque, ia-lhes despertando sympathia o sorriso lento que na sua expressão se abria, á maneira que contemplava os dois velhos, que examinava a casa toda caiada de fresco, a latada que cobria o quinteiro, e o saudavel aspecto dos campos da propriedade em redor. A horta, ali mesmo ao lado, estava opulenta de couves e grellos; as borbulhas das videiras principiavam a engrossar; a temperatura era tepida e carinhosa; o misero parecia respirar, n'este ar, felicidade nova e paradisiaca. Semelhava um cego, desde muito privado do goso da vista, que readquirindo-a de surpresa, entrasse gradualmente n'um periodo de enthusiasmo lento; ou então, o homem que recolhido, por longos annos, em lugubre masmorra, fosse restituído á liberdade e á luz durante um somno, achando-se incredulo pela ventura reconquistada.

Este silencio demorado, e o demorado exame que o estranho estava fazendo de tudo quanto em volta se via, principiava a

enredar em pensamentos vagos Luiza e Miguel. Primeiro passeara em volta com os olhos do corpo; mas depois, uma alegria crescente, lhe fôra desabrochando no rosto escalavrado, a custo, como rebenta a bonina em terreno duro. Os velhos, apesar de suggestionados por aquelle todo de bondade e infortunio, houve um instante em que na mente lhes passaram receios, julgando-se agora na presença d'um louco. Pois que podia significar esta mudez, quasi familiar, da parte de quem ali era estranho e entrara sob pretexto de pedir uma sêde d'agua? Não se atreviam a interrogar-o, pois grande é a timidez da decrepitude. Annos antes já tudo estaria aclarado: pois que Miguel sempre fôra homem de grande desembaraço e não teria papas na lingua para perguntar quem era e o que queria do mais. Agora, porem, a idade e o corpo paralytico influíam no acanhamento do animo. Os septuagenarios entreolharam-se, volvendo ambos, depois, a vista para o peregrino ao qual Luiza disse:

—Parece gostar muito d'este sitio...

—Oh! muito!—exclamou. Tudo isto lhes pertence?

Circumdou de novo o olhar pelo eido e pelos campos, extendendo-o até ao pinhal que se erguia n'uma ligeira collina.

—Em quanto Deus quizer—respondeu Miguel. E vocemecê d'onde é? para onde vae?

O desconhecido teve no rosto uma expressão de infinita paz e tranquillidade, que não deu idéa clara do seu pensar e destino. Sorria ligeiramente, com a incomparavel doçura d'uma creança a sonhar. Olhou os dois como se olham amigos e, Miguel, animado por esta expressão confortativa, ponderou:

—Sim; porque vocemecê ha de ter por força uma terra...

—Tenho, tenho uma terra...

E ficou attento para o chão inculto do quinteiro, como se sentisse difficuldade em designar o ponto do globo, onde essa terra se talhava.

Recahiu no silencio carinhoso que até ali conservara, mas com rosto tão aberto em bondade que, de todo, deixou de causar

receios. Examinou a limpeza da casa em que os velhos moravam, e pensou na conformidade de existencia que dentro d'ella se passaria. Reinava, decerto, n'aquelles entes, a feliz paz da consciencia; desconheciam as perturbações agitadas da vida das cidades. Não pensavam em alardes, nem tinham ambições: talvez durante todos os seus annos, nem uma só noite tivessem abandonado aquella ditosa morada. Quem sabe o que o estrangeiro estaria calculando na sua mente, que pensamentos de felicidade o estariam a encantar!?... Talvez, depois de vida desventurosa, viesse encontrar n'aquelle quadro simples o primeiro refrigerio para as suas dores, a primeira idéa clara do que é a ventura. Os pacificos septuagenarios, pareciam comprehender, que o seu viver ditoso estava reconfortando a alma do misero que tinham na sua presença. Além de não ser rasoavel negarem-lhe um tal balsamo, encantava-os que assim fosse. Por isso, orgulhosos da sua modestia, deixavam que o homem andrajoso tudo apreciasse, sorridente e sem inveja. A casa juncto da qual se encontravam tinha aspecto de nova, as janellas com vidraças viam sobre a latada do quinteiro, o alpendre, debaixo da varanda deitava para o lado do caminho, uma escada exterior mostrava ingresso ao andar de cima—acrescente feito para a chegada de Luiz, se a Deus prouvera, guial-o um dia para ali. Como fossem inimigos de grandezas, apesar da casa assim reformada, nunca abandonaram a parte terrea conservando ahi a sua moradia. A cosinha, á porta da qual estavam, era a mesma em que viveram com os filhos; ao lado havia o quarto soalhado em que dormiam agora, como sempre. As transformações n'este pavimento consistiam em que o que d'antes fôra côrte de gado servia agora para adega, salgadeira e casa de recolher a lenha no inverno. Ao fundo d'um telheiro, armado cá fóra, é que guardavam as duas juntas de nedios bois, os mais bellos do logar. O chiqueiro do porco e a capoeira das gallinhas ficavam encostados ao muro, rente com a casa. Tudo designava certo bem estar, conforto, e até opulencia, dentro da modestia de camponeses.

Para onde iria o infeliz, que tinham deante dos olhos não o sabiam, visto que elle o não quizera dizer; mas o que sentiam, com a intuição das almas simples, pouco habituadas a luctas, é que sendo a sua figura, quando o viram entrar a cancella, a d'um infeliz

retorcido pela miseria, agora, ao fim de pouco tempo, e depois de reconfortado na contemplação de todas aquellas coisas bem arranjadas, parecia mais alliviado do soffrimento que lhe aquebrava o corpo e a alma. Era outro, tinha-lhe feito bem o repouso sobre a tosca pedra, refrigerara-o a malga de agua limpida, consolara-o o aspecto feliz dos velhos que estavam ao sol, esperando, n'este santo domingo, a hora do jantar parcimonioso, apesar de na panella haver carne e salpicão que elles ambos comeriam regalados, agradecendo a Deus tamanho beneficio na velhice. Ao quinteiro chegava o suave odor do caldo gordo e fumegante, e não tardaria que Luiza se levantasse para ir á adega buscar o excellente vinho, para o beber de parceria com o seu homem e pela mesma infusa. Como elles seriam felizes, se n'esse bello e glorioso dia podessem compartilhar com o seu Luiz, que uma voz intima lhes dizia ainda viver, este bom jantar! Se tal felicidade lhes fosse dado poderem gozar morreriam contentes, não duvidando de que iriam direitinhos para o céu!

VI

O descanso sobre a pedra tosca; o sabor da agua com que o tinham alliviado da sede do caminho; o banho de luz e tranquilidade em que todo o seu ser se mergulhara durante longos minutos; e principalmente a ventura que adivinhava na existencia sempre igual d'aquelles casados de tantos annos, haviam transformado em pouco tempo o aspecto do infeliz. Sorvia deleitado o ar que aqui se respirava, sorriam-lhe os olhos na contemplação d'esta paisagem carinhosa e melancolica, desfaziam-se-lhe as rugas da face ao renascer-lhe na alma a alegria que, por certo, n'elle se finara havia muito. Como Miguel o visse mais tractavel e familiar no aspecto, ponderou:

—Vocemecê estava tão moido, que decerto vem de muitissimo longe.

—Oh! de muitissimo longe!...—repetiu o forasteiro com accento de grande amargura.

—Talvez d'essa Lisboa!...—entendeu o paralytico.

—Muito mais para lá!...

E fez um gesto largo, d'uma amplidão infinita, acompanhando-o com um olhar que fôra até aos confins do mundo.

—Do Brazil?—indagou Luiza com ancia e soffreguidão no rosto inquieto.

Um simples aceno affirmativo de cabeça, deu resposta á pergunta. E logo os rostos dos dois septuagenarios se alegraram, como se em crepusculo matinal vissem surgir d'entre as penedias o sol nascente. Ao mesmo tempo tiveram a mesma lembrança. «Quem sabe se este desconhecido nos poderá dar noticias do nosso Luiz?!...»—pensaram. Porém, antes de o inquirirem, sustiveram-se n'este pensamento triste: «Como se pode voltar do paiz do oiro, da opulencia e da ventura, assim pobre, mal trajado e n'um aspecto tão miseravel e desvalido!» E Luiza, compadecida, considerou com as lagrimas a rebentarem-lhe:

—Então é que não foi feliz, por lá... Nem todos o podem ser...

—Nem todos... nem todos...—disse o estrangeiro, apparecendo-lhe no rosto um fulgor de alegria velada por amargura.

—E conheceria por lá o nosso filho?...—perguntou a velha.

—O seu filho! Tem um filho no Brazil?—indagou, o mal trajado, n'uma voz que se esforçava por ser corajosa e serena.

—Temos—esclareceu Miguel inclinando-se para o interlocutor. Chama-se Luiz da Silva; mas lá puzeram-lhe o nome de Luiz da Tóca, por ser o nome d'este logar em que nasceu. Foi e nunca mais voltou—concluiu o velho, por sua vez, com os olhos rasos d'agua.

Um rubor de incendio subiu á face do desconhecido, que com fingido esforço, como de quem se recorda disse:

—Luiz da Tóca... Luiz da Tóca... Lembro-me muito bem; vivi muito com elle, e somos amigos.

No primeiro momento, os velhos quasi se julgaram ludibriados com esta resposta: tão grande era a inverosimilhança do que

escutavam! Pois não haviam dado resultado as instantes e repetidas diligencias do cura Carvalhosa, para descobrir o paradeiro de Luiz, e o acaso trazia-lhes ao pé da porta uma testemunha, que em tudo os podia esclarecer! Porém, a crença de seus corações n'uma Suprema Vontade, providencial e divina, era forte, e não duvidaram de que Deus e os santos com quem se tinham apegado, pudessem mais do que o virtuoso sacerdote. O accento de sinceridade com que aquellas palavras foram ditas, a expressão de bondade e espontanea satisfação do rosto do homem que tinham deante d'elles, excluia a possibilidade de qualquer ignobil mentira. O velho Miguel, apesar de meio paralytico, logo se abordoou ao seu pau, para erguer o corpo doente, com a energia dos antigos tempos; mas a commoção tornava-lhe insufficiente o esforço. Mesmo sentado ainda poudo dizer:

—Pois, o senhor, é que já não sae d'esta casa. Se conhece o Luiz, se é seu amigo, fica aqui comnosco para nos ajudar a saber d'elle e a encontral-o.

Luiza, apesar de a lingua se lhe recusar a exprimir tudo quanto lhe ia na alma, attonita como estava, perguntou em voz tremula:

—E em que terra encontrou vocemecê o nosso filho? Sabe onde estará agora?

O estranho não respondeu logo. A sua phisionomia denunciava excepcional perturbação de contentamento, que os velhos não podiam apreciar por causa da nevoa de lagrimas que tinham nos olhos. Approximando-se, porem, dos dois, que uniu no mesmo abraço, disse soluçante:

—Seu filho está aqui, meus queridos paes!...

E passada que foi a primeira onda de alegria accrescentou:

—Mas venho muito pobre! Só possuo estes farrapos que me cobrem. Se soubessem quanto tenho soffrido!

—Pobre!—bradou Miguel com a sua antiga energia, sahindo-lhe a voz do peito, como o ronco d'um trovão do interior d'uma nuvem. Então de quem é tudo quanto aqui temos? Não fostes tu que o ganhastes, homem!?

E n'um gesto do seu braço revigorado pelo acontecimento, mostrava a riqueza que havia: a casa afidalgada, a horta abundante, os campos relvados que se extendiam para além, as videiras em promessas de rebentação, e o bello muro que circumdava a quinta todo caiado de novo.

Luiza, voltando os olhos ao céu, pronunciou com as lagrimas a correrem-lhe em fio:

—Nossa Senhora do Amparo ouviu as minhas rezas. Já podemos morrer em paz.

CRESCER O MAR!...

(a Antonio Candido).

Tarde calma e deleitosa! bella tarde de outono! Azul amortecido no ceu e a briza leve como o pensamento a perpassar na superficie da areia e a arripiar-se nas penedias que debruam a praia. Baixamar socegado! Balançam-se nos ares as brancas azas das gaivotas, que vão para o norte; e as velas dos barcos dos pescadores parecem ao longe outras gaivotas a emergir das aguas. Está deserto o areal; principia a nascer o marulho do vago infinito, que vem rolando á superficie como voz cariciosa e meiga. Avoluma-se de momento para momento, uiva, no começo como um leão pequeno, principia a dar côr ao silencio, que desce com a tarde lá do infinito céu. O magestoso sol fulgura, inclinando o facho de luz sobre as aguas; a poeira d'ouro que o cerca, forma-lhe a fofa cama, onde repousará durante a noite.

Tarde calma e deleitosa! bella tarde de outono, que, gerando sensações amovaveis em toda a natureza, attrahiu duas tenras creanças á admiração do mar argentado, e do mysterio formado de tranquillidade e luz, que no ar pairava. Eram dois irmãos, filhos de uma viuva, cujo marido o mar escondera para não mais lh'o restituir, e que morava em frente das ondas, na esperança de ainda ouvir a voz que a enamorara. O rapasito teria sete annos, e a pequena talvez cinco... não mais de certo. Enlevados na serena paz do universo, os leves corações palpitando de satisfação intima, viviam juntos nas sublimes regiões do absoluto, os innocentes, olhos pregados no reverbero prateado das aguas, os ouvidos attentos ao marulho cantante que os chamava como se fôra a voz de seu pae. Não era a primeira vez que na praia se encontravam escutando aquella voz suave, d'um rythmo dominante pela dolencia; e até já em muitas occasiões, a carinhosa mãe os prevenira contra as incontestaveis maldades, que as ondas encerram. Porem todo esse pavor artificial se tinha apagado na convivencia do mar, essas ondas que de longe vinham crescendo em ameaças, desfaziam-se

impotentes contra as penedias dentadas da praia e a espuma branca e leve, como uma illusão, vinha-lhes lamber a elles, humildemente, os pequeninos pés enterrados na areia.

N'essa tarde calma e deleitosa, enquanto a mãe se demorava na sua labuta de camponeza, Tone e a Zefa, contemplavam o mar, o pavoroso mar que lhes prendera o pae, e reconheciam n'aquella tranquillidade bondosa um amigo que lhes sorria para os namorar. Mostrava-se carinhoso e terno, as aguas claras deixavam vêr no fundo branco as mais bellas das suas joias: seixos semelhantes a ovos de pomba; pequeninas conchas vazias e cavas, como petalas de rosas; algas multicores e rendilhadas; molluscos boiando agarrados ao musgo das penedias uns, outros presos á pedra formando com ella um só corpo inabalavel e insensivel. O anteparo dos rochedos negros, que elles costumavam respeitar nos dias de nevoeiro como phantasmas que se erguessem do abysmo, e que nas noites tempestuosas ali permaneciam afrontando impavidamente o perigo, n'este dia e n'esta tarde calma e deleitosa, eram serenos e fortes arrimos que os defenderiam contra as ciladas das ondas. As repetidas provas que tinham da sua estabilidade e solidez afoutavam-nos a consideral-os como protectores devotados. Pois não era instavel a luz que desapparecia, o céu que desmaiava, as aguas que se remechiam, a movediça areia que cedia ao peso dos seus pequeninos pés? Era. Só a rocha, a rocha escura e aspera, lhes merecia confiança; só ella reconheciam como bastante forte para resistir ao mar e á furia das tempestades. Para aquellas consciencias nascentes e timidas as pedras feias eram arrimo unico e protecção contra os receios escondidos nas palavras de sua mãe, que sempre procurara inimisal-os contra o mar.

No areal extenso, branco como uma longa teia de linho, Tone levava Zefa pela mão. Principiava o sol a avermelhar no horisonte. Mais uma vez os seus inexperientes olhos soffreram o singular deslumbramento de vêrem no meio da gloriosa chama, os anjos do paraíso com toda a sua bella legenda; era para lá d'aquella entrada em fogo que existia o céu, o lugar escolhido para o Maravilhoso e Innarravel. Assim o indicou Tone com a magnificencia do seu saber:

—Olha Zefa: é o céu onde estão os anjos de Nosso Senhor.

A pequenita ficou mais uma vez presa na contemplação da patria celestial. O seu olhar azul prolongou-se para o infinito, n'uma visão sublime de candura. O seu imaginar via todas as maravilhas na athmosphera subtil e impalpavel, no doirado da luz, na angelical brancura de figuras meigas como a sua alma innocente.

—Como é lindo!—exclamou Zefa.

Foram caminhando, pela branca areia, as mãos reciprocamente apertadas, sentindo n'este contacto amoravel realidade de existencia e protecção mutua. Dirigiram-se a um rochedo que se lhes offerecia em suave e branda subida e d'onde podiam intemeratamente gozar tudo que os maravilhava.

No mais alto d'essa pedra escura, roida pelas ondas, a grata aragem agitava as leves camisinhas de pobre linho com que cobriam a sua nudez. Como o dia estivera calido, sentiam agradavelmente a benefica sensação de frescura passar-lhe nos cabellos, a amaciar-lhes a pelle. Do alto da enorme penedia, que lhes era pedestal, lançavam olhos ao largo e aspiravam o cheiro acre e forte que vinha das aguas que sussurravam. Impavidos e cheios de toda aquella grandeza que se lhes impunha, reconheciam-se enlevados nas maravilhas, que os sentidos percebiam nas ondas e no céu. E Tone disse com effusão:

—Olha o mar Zefa! É ali que está o pae!

Apontou vagamente para esse infinito d'Além, que o olhar azul da pequenita abraçou n'uma sombra de tristeza e saudade. Havia na sua expressão de limpidez seraphica, alguma coisa de dôr ou meiga ternura, que se espalhou pelo ar fóra escurecendo-o. Era ali que estava o pae! E o que seria *ali*?!...

O sol semelhava fogo voraz que incendiasse o céu. Parecia um instante de perigo, tremendo para o universo, esse em que a immensa chamma irradiava do horisonte. Só o grande poder de Deus, com um gesto formidavel e onnipotente, poderia extinguir o brazido ameaçador! Se assim não fosse, o que poderia acontecer á terra, ao mar e ás estrellas se essa cólera de lume se estendesse a toda a amplidão infinita? Seria uma grande desgraça reduzir a Nada

tudo quanto era bello e grande e os maravillhava enchendo-lhes a alma de grandiosas aspirações. A briza agitava-lhes as camisinhas de grosso linho, os cabellos incultos fluctuavam e as duas creancinhas viveram um momento em grande terror!

Porem a intervenção providencial manifestou-se: o que era incendio foi-se apagando, a luz tornara-se d'um deslumbrante alaranjado primeiro, depois d'um roxo terno que franjava o azul. Uma nuvem que ao longe estava suspensa sorria-lhes do alto com o seu roseo carinho. Parecia um resto de tunica d'anjo, que andasse perdida no ar.

Tamanho encanto sentiam as duas creanças, que nem davam pelo marulho das ondas, que já se agitavam perto. E quando os seus bellos olhos sobre as aguas desceram, entertiveram-se a contemplar o redomoinho variado que ellas faziam, subindo lentamente até ao sopé do rochedo, para depois se retirarem com humildade. Havia n'isto carinho e não cólera; a espuma, tão bella e tão branca, vinha tremendo sobre o dorso da vaga até se desfazer; as algas vermelhas, verdes e azuladas fluctuavam dormentes como n'um berço; os lindos seixos que formavam mosaico no fundo encrespavam-se, como se fossem de cera molle. Muito unidos, encontrando no corpo um do outro mutuo apoio, observavam interessados aquelle crescer do mar, posto que muitas vezes tivessem visto um tal phenomeno que sempre os encantava. A onda é constantemente nova: nunca tem a mesma força em dois momentos successivos, nem o seu enrolar é de forma igual, em duas d'estas irmãs gemeas nascidas par a par; o facto de se fazer e refazer perpetuamente dá a sensação d'um inicio de vida que surge. Por isso Tone e Zefa, mudos e risonhos, vendo uma vaga avolumar-se sobre outra vaga, consideravam quanto havia de carinhoso e amigo n'estes beijos da espuma á penedia onde estavam. O marulho grosso que vinha lá de longe inchando sempre, até rebentar na praia, entorpecia-os deliciosamente, deixando-lhes nos ouvidos uma ressonancia plangente. Era musica suave e rara, cuja melancolia se casava de modo admiravel com esse gradual escurecimento do céu, da terra e do mar, que os envolvia como n'um mysterio.

A tenue sombra que vinha do horizonte em redor, diluida em tenue orvalho, cercava-os d'uma atmospheria de goso triste que lhes desmaiava a expressão por sentirem muito.

Crescia o mar, a luz do sol apagava-se, já o pestanejar das estrellas no céu apparecia. Perto, mui perto, conheciam o bater das ondas na base do rochedo e o galgar das aguas pelo areal acima. Aquellas pequeninas almas voavam na amplidão, como serenas e doiradas nuvens, que levassem todas as celestiaes chimeras que haviam sonhado. O que os seus olhos ainda viam, e o que os seus ouvidos percebiam eram coisas que lhes embalavam o entendimento levando-o para mundos sidereos e encantadores. Esse gemer da sombra que escurecia o mar immenso, o rebrilhar da abobada celeste na grande festa da noite outomnal, faziam-lhes caricias no cerebro, sem lhes causar pavor. Esquecidas as existencias terrenas, só viviam na amplidão infinita, as pobres almas ingenuas!...

Os seus corpos sem peso, vagueavam suspensos no mundo ethereo; a imaginação alargava-se-lhes como o fumo do incenso ao evolar-se dos thuribulos sagrados na festa paschal. Iam intemeratamente por essa amplidão do mar, fortalecidos pelas idéas de mysterio com que a noite estrellada seduz as mentes infantis.

A sombra espessa cahira pesada e igual sobre a rugosa superficie das aguas, dissolvendo os rochedos da praia, esfumando, em tenue esbatido, o terreno onde estava a casa de moradia. Encantava-os a phosphorescencia das ondas, enfeitiçava-os o lacrimar argenteo do ceu, sentiam os corações subir em extasis... De todas as realidades só a brancura da areia percebiam estendida como um lençol e o ruido do mar que regougava a seus pés. Os ouvidos, porém, já de muito habituados a este som tantas vezes ameaçador, quantas muitas carinhoso e meigo, não presentiram que elle lhes rugia de todos os lados. Estavam cercados pelas aguas em revolta e só d'isto tiveram a primeira suspeita, quando pelo rochedo subiu uma onda, cuja espuma em flocos lhes voou para os cabellos incultos que fluctuavam ao sabor da brisa. A pequenina Zefa soffreu um rebate de susto, e agarrando-se mais fortemente a seu pequeno irmão, gemeu receiosa:

—Tenho medo!...

Tone despertou do sonho de poeta em que vivera! Como tivesse mais dois annos, sentiu o peso das suas responsabilidades. Era escuro e o bramido erguia-se energico e temeroso. Lembrou se então de descer da rocha e fugir ao perigo; mas, circumvagando o olhar inquieto, logo reconheceu o bloqueio que o mar lhes estabelecera. Titubeante, mas querendo fingir coragem, disse:

—Não tens medo Zefa. A gente vae-se já embora...

Que especie de soccorro esperaria Tone, sabendo que todos os dias aquelles rochedos da praia se escondiam nas aguas, amedrontados pela furia do protentoso mar?! Talvez o não soubesse dizer; porém o coração esperançado, sempre ouvira que, para lá da abobada celeste, existia o omnipotente Deus que valia aos desgraçados nas horas dos grandes infortunios. Um acto simples do seu querer, manifestado sobre o mundo n'um gesto formidavel, seria logo obedecido pelos mares e pelos montes, pelas estrellas e pelo sol! Era só apegarem-se com elle, levantarem o pensamento até junto do seu throno celestial, todo oiro e luz, e ali supplicarem cheios de vehemencia e fé!

Precisavam fazer um grande esforço, pois tinham de ir para além de tudo quanto se via no espaço infinito. E logo que o Pae-do-céu os ouvisse, aquelle mar enfurecido se tornaria bonançoso, a sua voz horrenda seria apenas um cantico, as aguas recuariam mansas até os confins do mundo, e elles veriam desenrollar-se diante dos seus pequeninos pés uma estrada singella e vulgar, que os conduziria ao seu casal. E o coração amargurado e inquieto de Tone, tumefeito de consoladora esperança, voou pelos espaços, em quanto cahia supplice sobre a rocha erguendo as mãos e aconselhando:

—Resa muito, ao Senhor, Zefa!

A pequenita ajoelhou como elle ajoelhara; pôz as mãosinhas, fitou nas estrellas os olhos cheios de lagrimas. Não sabia ainda resar, mas os seus labios delgadinhos imitavam n'um aneio as palavras fervorosas que seu irmão dizia alto: «Padre nosso, que estaes no ceu...»

O mar não se apiedava. Os seus bramidos eram violentos e coléricos. De onda a onda as aguas subiam mais. A todos os momentos os corpos lhes eram salpicados de espuma e as pobres camisinhas de linho grosso já estavam encharcadas. Zefa, d'um primeiro lamento tímido e perigoso, foi subindo a um pranto sentido. Chorava copiosamente em gritos, mas a vontade energica de Tone ainda procurava sustentá-la contra esta fraqueza. Sem uma lagrima, sem uma ruga de pavor no rosto e com voz clara animou-a:

—Cala Zefa, não chores. O pae está ali—(apontou o vasto oceano)—e vem buscar a gente para irmos todos para a nossa mãe.

Acreditaria Tone, n'este providencial soccorro?! A furia do mar augmentava de instante a instante, as vagas ameaçavam-no de mais perto, elle continuava com a irmãinha estreitada contra o seu corpo valoroso. Ambos esperavam, com os cabellos empastados e as camisas colladas á pelle, que da infinita bondade do céu viesse o soccorro que os restituisse aos braços de sua mãe. Do mysterio insondavel da noite é que viria a voz salvadora, ou fosse na vontade protentosa de Deus abrandando a inclemencia do mar, ou na força amorosa de seu pae cuja sombra tantas vezes conheceram a vaguear sobre os rochedos e sobre as aguas!...

E sua mãe? aquella boa alma consoladora que os aconchegava ao seio nas crises das doenças?! Zefa entregava-se á protecção de Tone; este, de animo varonil, alguma coisa via surgir ou do ceu omnipotente, ou do mar mysterioso, ou da terra sempre querida.

Da terra querida chegou-lhes realmente o primeiro som d'uma voz fortalecedora e meiga, quando estavam no maior desespero. «Tone!»...«Zefa!»...—dizia um grito sahido do medonho seio da noite. Havia n'esse grito mais desespero e mais lagrimas do que furia no bramido do mar, e gottas d'agua nos seus abysmos insondaveis. Era a voz da Mãe que procurava seus filhos na praia e que no meio d'angustias os pedia á immensa escuridão. Aquelle som carinhoso e desesperado chegou aos ouvidos dos apavorados innocentes, quando os seus pequeninos pés já se mergulhavam na agua, que recuando mais uma vez pareceria arrependida da propria crueldade.

«Mãe!... Mãe!»...—clamaram tranzidos de medo, com o ultimo vislumbre de esperança posto na voz imprecaviva e meiga, que atravessara o medonho falar das ondas. Ouvia-os-hia a desventurada? Parece que sim, por certo guiada pelo coração, pois que n'um fugaz momento de calma clamou com mais força ainda:

—Onde estaes filhos!...

Elles responderam em desfalecido choro, mas vehementes com a energia do desespero:

—Aqui mãe!...

Sem duvida aquelles olhos d'amor adivinharam o lugar; e o perigo, que era eminente. Para os filhos se dirigiu, como uma loba, como uma leão, energica, impetuosa, inconsiderada, guiando-se apenas pelo instincto que vinha do fundo das suas entranhas. Do rochedo onde os filhos estavam estreitados n'um supremo abraço, separava-a o mar que se balouçava dolentemente, crescendo a cada nova onda, ameaçando-a com dentes e garras sanhozas de tigre. Na limpidez do céu estrellado via os dois pequeninos corpos muito unidos, fortalecendo-se cada um na fraqueza do outro.

A mãe, impellida pela energia da sua amavel loucura, entrou resolutamente na agua animando as creanças com a palavra clara, encorajando-as com o denodado exemplo.

—Esperae, esperae! Não vos atireis por ora, filhos!

Suppunha ter ainda tempo de se approximar do rochedo e recebê-los nos braços para com elles fugir para o humilde tegurio. A frialdade da agua não lhe diminuia o calor do sangue em fervura, o impeto das ondas não lhe quebrava a força dos musculos, o terror do abysmo não a cançava.

la avançando com prudencia, já immerso o corpo até aos hombros, os braços levantados para animar os filhos, com a sua approximação. Fazia todos os esforços de valor moral, para que elles acreditassem na efficacia d'aquelle auxilio. As criancinhas, silenciosas, com o terror vago nos olhos, percebiam o lento chegar d'aquella mulher fragil, sublimada por uma coragem indomita. Mas a valentia do mar augmentava de instante para instante. Quando a

mãe sentiu que se ia afundar, atirou-se n'um arranco sublime contra as encapelladas ondas. Os filhos, por instincto, logo a imitaram para serem recolhidos n'aquelles braços de caricias. Estreitaram-se fortemente, uniram-se n'um supremo esforço; porem, a furia impiedosa do mar separou-os logo. Os corpos fluctuaram até que uma vaga soberba e altaneira os cobriu, envolvendo-os n'um sudario de espuma, levando-os para o negro abysmo, onde iam encontrar a sombra querida do pae que por lá vagueava.

O GAMARRÃO

Dia de finados, dia lugubre, dia triste!... Pelas oito horas da noite, dos lados de Serpins, sentiu-se grande reboição. Muita gente a correr. Francisca, a criada do morgado, pedindo socorro n'uma voz esganiçada. Seriam ladrões? pegaria algum fogo? armar-se-hia qualquer desordem? Ninguém o sabia. Para lá se dirigiam em tropel homens armados de roçadeiras, espingardas velhas e varapaus— todos n'uma attitude combatente, falando alto! O sacristão direito á torre para tocar a rebate, mulheres e crianças alarmando a villa correndo e gritando, os prudentes a fecharem as janellas para se não metterem em barulhos, nem servirem de testemunhas... era o que se via.

Averiguou-se, por fim, que o morgado Gamarrão se encontrara repentinamente mal com uma colica, resultado de uma copiosa ceia de castanhas com geropiga. Homem sanguineo, rebojava-se pelo chão da cosinha como uma pipa, dava urros que nem um touro, os olhos esboghados rebentavam-lhe das orbitas. Dous valentes creados sopesaram o moribundo como um sacco de trigo e atiraram-n'o sobre a cama. O cirurgião Mendonça, seu velho inimigo, veio quando elle já nem respirava e dirigindo-lhe a ponteira da bengala, desprezou-o:

—Resem-lhe por alma, se é que a tinha. Está prompto, não torna a dizer asneiras.

O mulherio, em volta da Francisca, acompanhava-a na sua grande dôr, chorando com ella, consolando-a com delicadeza. Não se comprehendia o sentimento da rapariga por este mastodonte avaro e gordo, o mais embirrento homem das redondezas; porém ella, recusando consolações, explicou:

—Não que era muito meu amigo. Tinha-me promettido umas arrecadas para o Natal. Ai! meu rico amo!

Porém todos estavam certos que o morgado lh'as não daria. Era uma alma de presunto, como dizia o Mendonça, não tinha amor a vivente. Durante um longo periodo, talvez de trinta annos, ninguem soube que o Gamarrão escrevesse ou recebesse uma carta. Orphãos, viuvras e necessitados que á sua riqueza fossem buscar amparo, em vez de beneficio, tinham como certo o abraço selvagem d'este urso indomavel.

O seu unico herdeiro vinha a ser um sobrinho residente em Trancoso. O administrador do concelho, o Menezes, promptificou-se a escrever ao collega de lá, participando-lhe o occorrido. Não se fez esperar a resposta telegraphica, dizendo que em breve chegaria a Serpins o dr. João Gama, sobrinho do morgado.

Gente credula em demasia! Sem nenhuma especie de informações, logo se deitaram a imaginar este homem differente do fallecido. Que seria risonho e condescendente, esmoler e affavel.

Prepararam-se para o receber, affectuosamente nos braços, logo que elle chegasse e resolveram consideral-o como o bemvindo.

A tarde em que elle appareceu era lamacenta e chuvosa; as pessoas, as arvores e o ar mostravam-se fuscos e encebados. Quando viram o dr. Gama, julgaram assistir á ressurreição do tio— anafado, soberbão e de tal volume que lhe custou a sahir da diligencia. O cocheiro commentou:

—Devia pagar dous lugares. Já em Braga foi a mesma chalaça, para o metter dentro.

Porém, elle, ao encontrar-se fóra d'aquella velha arca de Noé, sentiu a ampla sensação da liberdade conquistada e mostrou-se sorridente, benevolo e acariciador. A primeira impressão foi boa e não desmanchou o que tinham presumido.

O administrador, ao voltar de Serpins, affirmou na botica:

—Temos homem. Talvez se faça alguma cousa.

Ao que o Mendonça retorquiu, chupando o cigarro:

—Elles são parentes, meu amigo!...

Increparam-n'o pela duvida.

—Então você não admite...

—Admitto tudo... mas não me cheira.

Que deixassem a cousa por sua conta, pediu o Menezes, premeditando um golpe de grande politico. A questão era de geito. Todos comem palha, o caso é saber-lh'a dar. Má impressão não lhe fizera, e uma carta que recebera do collega de Trancoso, avivara-lhe as esperanças. E logo no dia seguinte de manhã apresentou-se em casa do *novo conterraneo*, palavras estas que pronunciou de modo a imprimir-lhes a ideia de naturalisação official, de uma especie de carta de cidadão, passada ali mesmo por elle.

De tudo se fallou. O Menezes gostava de ostentar importancia—que tinha relações, que recebia muitas cartas, que em Lisboa falava com ministros. Sendo ferrenho regenerador, affirmava que o Lopo, o Barjona e o proprio Fontes o tratavam affavelmente e o recebiam em cavaqueiras intimas. Fazia gestos largos, conquistando, dirigindo, aconselhando.

—Seu tio—disse depois de conveniente preparação—era muito estimado entre nós. Esmoler, chão no tracto, bondoso, o que se chama um coração aberto. A sua piedade e religião eram proverbias.

O dr. Gama limpou duas lagrimas que lhe humedeceram as palpebras. Conservou-se silencioso por momentos e em tom compungido respondeu:

—Agradeço-lhe as suas palavras, que sei verdadeiras. Conheci esse coração magnanimo, esse homem antigo, esse tio admiravel! Era tal como diz, um santo, um bom.

—Julguei que nunca vira seu tio...—balbuciou timidamente.

—Durante estes ultimos vinte annos carteamo-nos sobejamente. Os nossos corações uniram-se em bellas paginas, como só elle as sabia escrever.

—Não o apreciei debaixo d'esse ponto de vista, mas sim na convivencia. Era um homem altamente religioso e não d'esses

modernos que chasqueiam dos bons principios. Uma festa, aqui popularissima, á Senhora do Regaço, e que elle todos os annos fazia á sua custa, com pompa e luzimento, dera-lhe entre a nossa gente verdadeira nomeada de bom catholico. N'este ponto julgo adivinhar que v. s.^a não quebrará a tradição...

O dr. Gama concentrou-se. Tomou aspecto reflexivo, enguliu em sêcco duas vezes.

—Se meu religioso tio—respondeu—a cuja memoria tanto devo, costumava fazer a festa da Senhora do Regaço, com pompa e luzimento, não serei eu que venha interromper essa piedosa pratica. Preciso, porém, consultar os seus livros e papeis secretos, para conhecer os precisos termos em que elle procedia, e da mesmissima fórma eu proceder tambem.

—Deixaria elle apontamento a tal respeito?— —observou o duvidoso Menezes—Isso não offenderia a sua modestia?...

—Não, de certo não. Conheço a fundo a alma de meu tio, pela nossa activissima correspondencia. Esses documentos e livros devem existir; estou certo que existem.

Causou estranheza tal revelação. Teve, porém, o valor de alegrar e alimpar a embirrenta e sordida memoria do avaro Gamarrão. Quantas virtudes n'este mundo se mascaram de vicio, para não as offender a luz crúa da publicidade!—consideravam philosophicamente alguns homens meditativos d'aquella terra.

Affluir muita gente a visitar o novo morgado de Serpins.

De aldeias proximas vieram, por caminhos pedregosos, varios ecclesiasticos e proprietarios montados nas suas eguas lanzudas.

Falaram n'elle para deputado do circulo e d'ahi cada um tirava esperanças de engrandecimento pessoal. O provedor da Misericordia, animado pelo bom acolhimento que tivera o Menezes, procurou estar só com o homem, para lhe recommendar á generosidade o hospital, cuja vigilancia a seu cargo tinha.

—Seu caridoso tio, meu velho amigo, era o melhor protector da Santa Casa. Nas festas do anno e no anniversario da morte da

senhora morgada, tínhamos sempre presentes de roupas, gallinhas e dinheiro. Sem um tal auxilio não poderíamos viver, e ousou pensar que o seu continuador, o seu herdeiro, não nos faltará igualmente com a sua protecção.

—Se meu caridoso tio—retorquiu solemne—cuja memoria tanto respeito, auxiliava o hospital d'esta terra com roupas, gallinhas e dinheiro, não serei eu que lhe desmereça a santa memoria, deixando de o fazer. Preciso, porém, de consultar os seus livros e papeis secretos, para conhecer os precisos termos em que essas dadivas eram feitas, para as continuar.

—E haverá, porventura, esses documentos?

—Decerto! Oh! quasi que o posso jurar! Eu conhecia-lhe profundamente os habitos.

Depois d'isto os cavalheiros mais grados reuniram-se na idéa grandiosa de solemnes exequias por alma do morgado de Serpins. O presidente da camara, homem circumspecto e idoso, foi encarregado de levar este projecto ao regozijo funebre do dr. Gama, que se mostrou sensível a taes provas de affecto, confessando:

—É bem certo que a virtude sempre terá o condigno premio, digam o que disserem scepticos e maldizentes!

O presidente ponderou:

—Muito esperavamos d'este querido conterraneo. Ainda ha bem pouco tinha promettido auxiliar-me n'uma empresa difficil. Ha aqui uma rua que é a grande arteria da nossa circulação. Estreita n'um ponto, para se alargar é necessario demolir um pequeno predio, que pertencia ao senhor seu tio e presentemente a v. s.^a pertence. Promettera me elle que essa expropriação seria gratuita e a camara da minha presidencia, para perpetuar tão valioso feito, tinha resolvido dar á arteria em questão, que será no futuro uma especie de avenida, o nome do doador. A Providencia mandou outra coisa e agora é o nome de v. s.^a que está na nossa ideia...

—Isso não! o nome d'elle é que será perpetuado! Se meu generoso tio, a cuja memoria tanto devo, havia decidido concorrer para essa obra pela fórma que me diz, não serei eu que deixe de

completar o seu pensamento. Preciso, porém, lêr os seus livros e papeis secretos, para conhecer os precisos termos em que esse tio patriota desejava fazer a cedencia. Todo o meu empenho é cumprir á risca a sua vontade... para mim sagrada e para todos saudosa!

—Modo de pensar e proceder verdadeiramente fidalgo! Receio, porém, que o senhor morgado não tenha deixado escripto... que...

—Tudo escrevia. Durante mais de vinte annos eu conheco-o no intimo. Era um verdadeiro litterato, para a familia. Eu tenho quasi a certeza, ia-o mesmo jurar sobre umas Horas, se necessario fosse, que meu chorado tio deixou alguma cousa a esse respeito... Escrevia tudo, mesmo tudo, não imagina! Ando em busca das suas memorias e vontades e hei de encontral-as. Já mesmo alguma coisa encontrei—o rol das suas rendas em divida. Escrevia tudo, creia...

O dr. Gama agradecera individualmente as homenagens prestadas ao nome do seu antecessor. Exequias magnificas; concorrência de todo o clero do concelho; missa a tres padres; no côro rabecas, clarinetes e flauta; um sermão do afamado padre Carapeta, exalçando por ahi além as virtudes do fallecido!...

Um poeta de veia funebre escreveu uma elegia que foi impressa e divulgada. Um tabellião e o escrevente da fazenda organisaram correspondencias para os jornaes do Porto, avultando os factos. N'uma terra pequena não se podia fazer mais e o juiz de direito, homem entendido, affirmou que nas grandes se não faria melhor.

Todo o mundo julgava o dr. Gama contente e sazonado. Foi, porém, justamente depois d'esta solemne demonstração que elle começou a mostrar-se sibyllino e rijo. Não dava occasião a largas conversas, e as que não podia evitar, guiava-as para um campo generico, pronunciando sonoramente as palavras do alto do seu magnifico busto. Uma vez que manhosamente o levaram, n'uma especie de visita, ao predio a demolir para o alargamento da rua, elle deixou-se conduzir, achou magnifica a idéa, mas evitou fazer qualquer promessa compromettedora.

Queria este Gama faltar áquillo em que já concordara? Não podia ser... julgavam-n'o incapaz... era talvez feio... No entanto tornava-se urgente uma aclaração e para a obterem concertaram-se o Menezes, o Provedor e o Presidente, fazendo-se acompanhar do Mendonça, que era desembaraçado e não tinha papas na lingua. Vestiram se apparatusamente de sobrecasaca, chapéu alto, luva... tudo como o caso requeria. Entraram n'aquella sala humida e fria da casa de Serpins. As janellas davam sobre um laranjal, cujo verde escuro entenebrecia o ambiente. O tecto abahulava-se n'uma intenção de amplitude, concentrando a claridade. As cadeiras dormitavam aos lados, quasi em abandono!

Palraram sobre todas as cousas—lavoura, demandas, politica, melhoramentos... e n'um a proposito bem aproveitado, o presidente pôz timidamente a questão:

—V. s.^a bem sabe... Temos os nossos orçamentos a mandar para cima... Quereríamos alguma cousa de certo. As suas promessas...

—Promessas, promessas... Eu por mim ainda não tive tempo de pensar a sério nos objectos das nossas ponderações...

—Mas os nossos compromissos... a festa da Senhora do Regaço á porta...—insufflou o Menezes.

O provedor accrescentou:

—Os doentes necessitados não pódem esperar. V. s.^a comprehende...

—Comprehendo, porém são cousas difficeis. Immenso que fazer! Uma casa grande e muito embrulhada na administração. Caseiros, rendas, generos, gados, o diabo! Ainda não pude... realmente ainda não pude...

O Mendonça, que era azedo, esperto e embirrava com o morto, aproveitou o momento para desbravar o terreno e ao mesmo tempo lançar grossa mancha em todos os Gamarrões, pois fôra sempre seu parecer que este sobrinho equivalia á besta do tio. N'um tom que, á primeira vista, se poderia julgar inconveniente disse:

—Meu caro senhor, cartas na mesa. Estes cavalheiros tiveram de v. s.^a solemnes promettimentos. Fundados n'elles fizeram declarações lá fóra e com todo o direito vêem exigir que v. s.^a cumpra a sua palavra. Ora eis ahi está o que é, sem mais refolhos.

—A memoria de seu tio tudo merece—insinuou o presidente, para avelludar a dura arremetida do Mendonça.

O sobrinho do Gamarrão atirando solemnemente com o busto para diante, ergueu a cabeça, e de palpebras meio cerradas, affirmou:

—Se meu nobre tio, cuja memoria eu venero e acato no mais alto grau, costumasse fazer todas essas dadivas, que os senhores dizem, de tal teria deixado apontamento ou lembrança que ainda não encontrei. Porém que encontrasse ou que encontre, eu desde este momento solemne declaro que acho abominavel, (abominavel é o termo!) este procedimento de quererem influir no tribunal da minha consciencia! É cousa que se faça, o perturbar uma consciencia, seja ella de quem fôr, de um rei ou de um mendigo?! A um homem delicado e quasi timido, como eu, impôr-lhe um tal onus e n'esses termos! Não se poderá taxar de indelicadeza, de violencia e até de coacção!? Eu recuso e recuso terminantemente.

Foi terrivel o assombro!

Os quatro olharam-se sem comprehender! Depois das exequias, do sermão, da poesia, das correspondencias, sahir-se com esta! O Mendonça, azedo e ironico, atirando com a ponta do cigarro para o sophá, retorquiu em voz levantada:

—Lérias, cantigas!... O que você não quer é dar nada, eis ahi está. Por força havia de ser um avarento como o jumento de seu tio. Pela cara se lhe tiram as obras. É um Gamarrão segundo.

E retirando-se após os outros, que já se dirigiam para a porta, accrescentou:

—Um alarve d'estes só se ensinava com meia duzia de lambadas. É o que elle merecia. Grandissimo pulha!

O dr. Gama ficou estarecido e apopletrico. Que procedimento inaudito! Que formidavel canalha! Correu á varanda trasbordando de impetuosa raiva e vendo-os ainda no quinteiro gritou lhes:

—Comedores! Nem vintem! Ouviram seus comedores!?

O Mendonça voltou-se e n'um gesto de punhos cerrados aggrediu-o:

—N'essas ventas, n'essa cara de cabaça é que devia ser! Grandissima cavalgada!

E todas as bellas esperanças e promessas foram poeira levada pelo vento d'esta discordia, derivada d'uma velhacaria dupla.

O CALVARIO DO AMOR

I

Seriam duas horas d'uma fria noite de março, quando a cavalgada sahia o largo portal do Corcovado, em direitura á egreja da freguezia, que ficava a uma boa hora de distancia.

A noiva, joven e formosa, com vestido de seda clara semeado de florinhas azues, montava soberba mula, ajaezada á hespanhola e coberta de valioso teliz de veludo encarnado com brilhos d'oiro, peça antiga na casa de D. Bento d'Osma, o ditoso noivo, que aos sessenta annos ia receber como esposa a encantadora Maria. Pelo caminho aspero e pedregoso, ladeado de pinheiraes sombrios, de penedias soberbas, de campos ferteis, de precipicios fundos onde grasnavam aguas tumultuosas, sentia-se a animação da extensa cavalgada. As lumieiras, que os creados sustentavam altas, erguendo os braços para aclararem maior area do caminho, produziam sombras phantasticas que se espalmavam nos muros e deitavam nos campos, dando a este quadro de vida commum, aspecto tão singular que ao longe pareceria festa de demonios em delirio. As aves silvestres e os animaes bravios que tal presenceassem, acordados do seu repouso, assim o deviam pensar, pois fugiam uns voando, outros correndo e sumindo-se todos no denso negrume da noite. Ia na frente a noiva, delgada e airosa, dentro do seu vestido claro, os cabellos negros e fartos ornados de flores naturaes, as mais bellas flores dos jardins d'Osma, onde as havia raras e viçosas todo o anno. Ao lado de Maria, D. Bento, ainda vigoroso, montava magnifico cavallo baio adrede comprado para este acto solemne. E logo a seguir o pae da airosa menina, o José Pereira do Corcovado, da conhecida casa do Corcovado e seus quatro filhos, Manuel, Thomaz, Vicente e José, rapazes valentes e destemidos, pimpões de varrer tudo em romarias e feiras, quando se junctassem os quatro. Cercava-os o maior numero das lumieiras, para acautelarem a noiva contra qualquer estorvo do caminho

turtuoso e difficil, e assim assegurarem tambem aos que vinham atraz, transito livre. Estes eram pessoas de differentes edades e feitios; senhoras velhas de vestidos serios de seda preta e meninas novas todas de claro, desde a cor de rosa virginal até ao verde-prado que é esperança. Os homens antigos estadeavam as suas casacas de gollas altas e bofes nos peitilhos das camisas; os rapazes d'agora vestuario delambido e collarinhos pegados á pelle do pescoço. Havia alguns padres na extensa cavalgada, de sobrecasaca grave, bota eclesiastica de borla no joelho, ou bute simples nos mais pobres que não tinham para abastanças, volta no pescoço, e deitando a sua sentença latina do alto das suas eguas de farta cauda e largo ventre prolifero. Os da rectaguarda mofavam do velho D. Bento, pela desproporção na idade com Maria, e alludindo á violenta e conhecida paixão, que por ella tinha, o João da Cunha, da casa da Maceira, disse um conceituosamente:

—Póde muito bem ser um segundo tomo do velho D. Thomaz que se casou com a D. Paulina, morgada da Cerdosa^[2].

—Que lhe preste—acrescentou Frei Ignacio pitadeando-se.

Era realmente coisa sabida que João da Cunha amava perdidamente Maria; e tão perdidamente a amava e tão de receiar era uma vingança dos rapazes da Maceira (que tambem eram quatro e não inferiores em valentia aos do Corcovado), que os irmãos da noiva iam adeante a guardal-a e promptos para tudo. Arrebatando-a ao amado preferido, levavam-na juncto do altar para a entregarem ao morgado d'Osma, senhor de Osma e de muitas propriedades de Minho e Douro. João só podia alardear boa linhagem e muito amor, quanto a haveres a casa era pequena e filhos muitos. Quando n'isto falaram ao velho do Corcovado desatou n'um berreiro de espantar lobos: «que amor sem riqueza era bonito, mas julgava-o destempero; que se lhe queria a filha viesse pedil-a trazendo titulos de propriedade para a merecer. Elle por sua parte, tinha boa casa; mas herdeiros cinco».

—Portanto, que tire d'ahi o sentido—rematou para o enviado.

O da Maceira que era ousado e temerario aproximou-se um dia do velho e perguntou-lhe de cabeça alta:

—Como quer o senhor José Pereira que eu arranje assim de repente dinheiro?

—Isso é contigo e não commigo.

—E com quanto se contenta?—disse sarcastico.

—Com muito; dinheiro quanto mais melhor—respondeu o velho no mesmo tom.

—E quanto tempo me dá para arranjar isso com que lhe possa comprar Maria?

—Ella não é negra. Não te me faças birbante que se os meus rapazes ouvem...

—Bem me importo com ameaças! Peço um anno, para ir ao Brazil entender-me com meu tio Antonio, que lá tenho. Aceita?

—Vae ao Brazil, vae onde quizeres, eu já falei.

E voltou-lhe as costas sem mais ceremonias.

O rapaz sahiu o portal do Corcovado com uma batalha no cerebro. A sua idéa n'aquelle instante, foi roubar violentamente Maria, fugir com ella para sitio alpestre e ignorado, e lá viverem vida selvatica d'amor, sustentando-se de leite e fructos da terra. Chamava-o, a grandes vozes, o coração, para essa existencia poetica, altiva e nomada, querida da imaginação de todos os independentes, como apropriada á vida feliz. Alimentarem-se de caça, do mel das abelhas, de medronhos e hervas; beberem o leite, a limpida agua das fontes por escudellas de madeiras ou de cortiça; vaguearem no silencio magestoso das mattas escuras, pouco conhecidas dos homens; suspirarem juncto das estrellas na amplidão das serras altas, absorverem a largos pulmões o ar fresco e aromatico das brizas que vem dos codeçaes floridos e das urzes sempre verdes... era o que lhes deleitaria a sensibilidade, irmanando-os com os pastores, com os anjos e com os poetas. Nos

primeiros colloquios d'amor, que tivera com Maria, quando ainda eram creanças e simples, já detalhavam a vida dos ermos, baseando-a no aspecto ditoso e feliz dos pegureiros, que na primavera subiam ás montanhas com os seus rebanhos, e no que sabiam de contos de fadas e moiras encantadas. Era essa existencia que lhes convinha: uma cabana e dormir entre a lã das ovelhas, imaginar ao som gemente dos regatos e deleitar os olhos no azul infinito que não tem fim—um viver só pelo goso de existir e nada mais.

Então ninguém sabia ainda que elles se amavam, a flor doente de sensibilidade que lhes estava rebentando no coração era apenas presentida pelas ingenuas creanças. A modo que iam crescendo tomava esse sentimento vago uma fórma mais definida e concreta, os olhos do corpo, ensinados pela experiencia, iam corrigindo as incertas aspirações da alma contemplativa e um dia disse João a Maria: «Quando nos casaremos nós?»; ficando absortos n'um spasma de mente a voarem pelos espaços sidereos.

Casar! palavra magica e dolente em que tudo se comprehende e pouco se diz. Seria só a união dos corpos? Seria a harmonia dos corações? Seria a orquestração das palavras melodicar que sentiam nos ouvidos, quando de noite pensavam um no outro? Que seria?!... O contacto das suas pelles, quando se abraçavam e beijavam nos brinquedos infantis, despertava-lhes, por vezes, fulgurações no cerebro, chispas nos nervos, deleites celestiaes. Casar seria a absorpção de dois entes n'um ente novo e mais complexo; mas o casar ideal, a completação ambicionada era fugir, não ver homens, nem casas, nem mares turbulentos, e só conhecer serras tranquillar, arvoredos mysteriosos, e animaes amigos. Poderiam realizar estas sublimes aspirações?...

Foram crescendo os corpos; adelgaçava-se a nuvem em que divinamente viviam occultos; era mais palpavel a realidade, João e Maria para casarem precisavam merecer-se. Por isso elle foi principiar os estudos, com idéa de seguir uma carreira, que lhe desse no mundo uma situação. Maria ficou na aldeia, entre as mesmas arvores, contemplando os mesmos penhascos e o mesmo céu, e, quando não teve comsigo João, cruciante foi a sua dôr.

Porém logo nas primeiras férias todas as saudades se diluíram e a alegria d'esse primeiro encontro e dos seguintes compensara-os da magua da primeira separação.

O velho da casa do Corcovado, mais experiente e sagaz do que os filhos, foi quem primeiro deu pelo caso. Não lhe convinha: determinou acabar aquillo d'uma vez. Formou uma assembléa com os seus rapazes: fechando-se n'um quarto com elles, expoz o caso e pediu-lhes alvitre no modo de proceder.

—Isso dá-se cabo d'elle, é o melhor—disse Thomaz, o de genio mais violento.

E o Vicente secundou-o:

—Sahe-se-lhe ao caminho longe d'aqui, quando vier a férias; arruma-se-lhe um estalo na cabeça e enterra-se bem fundo n'um campo, onde ninguém o encontrará.

—Não é preciso tanto—disse o velho concentrado e tenaz. O D. Bento d'Osma gosta da pequena; porque já m'o disse. Maria fez desoito; arranjam-se os papeis em segredo, chama-se aqui sem ella o esperar, fala-se-lhe tezo, e casam-se sem dar tempo a que o marmanjo consulte os irmãos.

—Que nós não tememos—disse o Manuel, o mais velho, applaudido pelos mais novos.

Maria por um acaso feliz estava no quarto contiguo e como falassem alto ouviu a conversa. Foi grande a sua perturbação, mas simulou o contrario para a defesa. Descobriu meio de tudo communicar ao mais velho da Maceira, o Gonsalo, para o tornar conhecido do irmão, asseverando-lhe que, por sua parte, estava prompta para quanto João entendesse necessario fazer-se com o fim de defenderem o seu amor. Foi n'essa occasião, que o namorado desejando levar as coisas a bem annunciou ao velho José Pereira, primeiro por um enviado, depois directamente, os projectos em que estava de conquistar no mundo posição que lhe desse direito á mão de Maria, terminando pela affirmativa de ir ao Brazil. Tal viagem, porém, nunca pensou em realisar-a e a promessa era

apenas um estratagemma de ganhar tempo, para concertar um plano de fugir com a sua amada.

[2] Amores, amores...

II

Simulou-se na Maceira o caso da partida de João para a companhia do tio que tinha no Brazil, tudo com o apparato do estylo: enxoval, despedidas, choros, a sahida do rapaz acompanhado de seus irmãos, e até um telegramma do Porto, que participava o embarque. Fez-se a representação com a maior verosimilhança. O namorado desapareceu da aldeia e falava-se d'elle com saudade e sympathia. Os do Corcovado, acreditando só metade do que viam, principiaram logo a dispor as coisas para o enlace de Maria com D. Bento.

O Manoel, que era o de mais tino, sahiu uma noite a cavallo levando comsigo dois creados só até ao limite da aldeia: ia tractar com o morgado d'Osma de coisas de escriptura e dote; informal-o do que havia e do que seu pae com todos elles tinha accordado. Assentes as bases do contracto com o noivo, que não offereceu difficuldades, pois toda a sua ambição era obter a mocidade de Maria para caldear com a sua velhice, logo se despacharam os dois mais novos, Vicente e José, para irem a Braga tractar secretamente dos papeis do casamento. No entretanto, dentro do Corcovado não se dormia descançado: havia armas promptas, e esculcas de noite no velho casarão. Conheciam bem os da Maceira: sabiam-nos ousados, valentes e até loucos d'audacia. Ainda que João houvesse partido (do que não tinham absoluta certeza), ficavam os outros que eram capazes de armarem uma batalha campal, para garantirem ao irmão ausente, uma desaffronta e uma vingança estrondosa. Dispunham os seus meios de resistencia para se defenderem, ainda que preferiam que tudo se passasse com normalidade e socego. Esconderam, pois, entre si e D. Bento o plano urdido, simularam vida tranquillã e ordinaria, simularam mesmo a crença no descuido dos da Maceira, na partida de João, e já em Braga corria velozmente o processo ecclesiastico com todas as licenças

necessarias para em vinte e quatro horas, logo que taes licenças chegassem, se realisarem as nupcias.

Em Braga era tambem onde estava João da Cunha, á espera de aviso dos irmãos, para regressar á aldeia na oportunidade conveniente, e aqui foi avisado por um amigo, de que os papeis andavam em segredo, nas mãos do senhor Arcebispo. Logo comprehendeu tudo e na manhã seguinte, depois de andar duas noites a cavallo, chegou á Maceira, onde entrou tanto a occultas, que só os irmãos e o pae d'isto tiveram conhecimento, pois elle tomara a precaução de despedir o arreeiro com a cavalgadura fora do lugar, que atravessou a pé, não seguindo veredas nem caminhos, mas atravessando campos e saltando muros. O que logo ficou assente entre todos foi que Maria não casaria com D. Bento d'Osma, ainda que fosse necessario matarem e morrerem.

A pobre menina, vigiada e guardada, como se sentia, não pôde, durante esses dias crueis, mandar nenhum enviado ao Corcovado. Vivia em grande amargura e afflicção por suspeitar coisas tenebrosas do que em volta d'ella se tramava. O seu amor e a exaltação do seu espirito eram tamanhos, que pensou em suicidar-se, antes que ceder a quaesquer conselhos ou pressão de pae e irmãos, para preferir outro homem a João. Porém era alma juvenil e crente, não podia comprehender que a Providencia divina, e Maria Santissima, de quem sempre fôra tão devota, podessem concordar em tal iniquidade. Ora não querendo Deus e não o consentindo a Virgem, nada podiam os homens—pensava ella.

Os papeis chegaram de Braga ao mesmo tempo que vestidos e enfeites para o dia solemne das bodas, que podiam realisar-se d'um para o outro momento. D'isto foi avisado D. Bento d'Osma, por uma carta, enquanto Maria era chamada á presença de seu pae e irmãos, que sisudos e graves como juizes a sentencear, lhe disseram a resolução em que tinham assente. O pae rematou o longo arrazoado dizendo:

—De modo que tu vaes ser senhora d'uma das maiores casas da provincia e mulher d'um dos maiores fidalgos conhecidos.

—Mas se eu não gosto d'elle, que é um velho e antes quero João da Cunha, apesar de pobre!...

—Tolices dos desoito annos—commentou sarcasticamente o velho. Com esse não te dava eu consentimento, nem com um bacamarte cheio de zagalotes assente no meu peito.

—Pois com outro não caso—disse resoluta e sem lagrimas.

—Isso veremos—disse Manoel, o mais velho dos irmãos. Ainda que tenhamos de te levar para a egreja atada de pés e mãos, has de ir.

—Não será preciso...—acrescentou o Thomaz, pronunciando as palavras com ironia feroz. Irá muito bem a cavallo e nós veremos.

—Carrascos!—pronunciou Maria, cahindo redondamente no chão, rigida como um cadaver.

A este tempo os da Maceira já estavam conhecedores do resolvido matrimonio de Maria com D. Bento d'Osma. Essa informação trouxera-a de Braga o proprio namorado. Mostravam-se, porém, naturaes no trato e despreoccupados do que se passava; mas entre si assentaram o raptar Maria antes do casamento, no proprio acto nupcial, ou até dos braços de D. Bento, se não pudesse ser d'outro modo. Quem os conhecesse bem, sabia que tentariam o supremo golpe, atravez de difficuldades, que outros pudessem julgar invenciveis. Entregar Maria intacta ao irmão era o supremo desejo de Gonçalo, Antonio e Thomé. Porém, vencer, á valentona, todos os obstaculos que os do Corcovado teriam accumulado em volta da desejada rapariga, para que não fosse tocada por mãos impuras, é que não poderiam... Necessario era, pois, servirem se do engenho, primeiro que da força; e tiveram artes de fazer chegar ás mãos da fraca creatura, as palavras animadoras d'uma carta que João lhe escreveu, em que explicava o proposito em que estava. Esse papel foi levado á casa do Corcovado por um pedinte de classica barba longa, curvado e de voz lamentosa quando pedia.

Abeirou-se da porta da cosinha, e como fosse desconhecido e significasse vir de longe (talvez de romagem a S. Thiago de Compostella, pois trazia conchas cosidas nos andrajos) as creadas interessaram-se por elle e attenderam-n'o. Vinha esfomeado e friorento; pedia o caldo da esmola e o agasalho do palheiro; como soubesse contar historias e ler a signa, entreteve os creados e ficou por ali coisa de tres dias. Os proprios irmãos de Maria gostaram do pobre e escutaram-lhe os casos; o velho José Pereira, ouvindo-lhe dizer que fôra soldado no tempo dos francezes, que acompanhara o general inglez pela Hespanha dentro, conversou com elle e mandou dar-lhe uma tigella de vinho. Maria, a quem o misero, lendo nas linhas da mão aberta predestinou alegre e risonho futuro, sorriu-lhe no meio das suas amarguras. Foi n'este acto que o pedinte lhe introduziu na manga do vestido a carta de João da Cunha, o que tanto alvoroçou a pobre menina, que só por um milagre de energia não cahiu com um desmaio. Assim ficou ella instruida do plano concertado pelo seu namorado.

III

Ia a cavalgada pelo tortuoso caminho que do Corcovado segue para a egreja, onde a festa nupcial de Maria com D. Bento d'Osma se ia realizar. Apesar das lumieiras (que só adeante, junto da noiva, faziam grande illuminação) aquelle acompanhamento de tão longa enfiada de gente de cavallo, atravez da noite escura, semelhava uma forte corrente de ferro de muitos e grossos elos, obrigada a repetidas curvas n'um subterraneo; ou, então, qualquer monstro de cobra-crotal curveteando em numerosos accidentes de terreno, para escapar a um perigo que receasse, ou attingir a presa que lhe fugisse. Os que cercavam a noiva tinham entre si poucas falas, como se fôra avançada de numerosas forças que temessem qualquer cilada. Intrigava-os o aspecto sereno e a alma resignada de Maria, que sabiam coagida para aquelle acto. Jactanciosos, como eram os do Corcovado, passou-lhes pela mente que o animo da irmã se tivesse submettido á dura necessidade, logo que reconhecera o inane de qualquer resistencia. Essa mudança no

espírito da namorada poderia ter desenganado os da Maceira, não sendo até impossível que realmente João estivesse já além dos mares. Maria apenas mostrara furtivas lágrimas ao paramentar-se para a festa com o seu ultimo vestido de virgem, e antes de sahir de casa esteve no oratorio resando ferverosamente a Nossa Senhora dos Desamparados, de quem era devota. Conservara-se bastante tempo estranha, absorvida, quasi extatica, com os olhos sofregos na imagem querida, talvez pedindo-lhe fortaleza ou confessando-lhe os ultimos peccados de pensamento. Tudo parecia natural e simples e indicava que estivesse resignada. Porem, seus irmãos, por um resto de precaução, aperceberam-se para o caminho até á egreja, pois era longo, máu e iam de noite; ainda que este estado d'alma lhes parecesse logico, pois sabiam o espirito de piedade religiosa, com que sua santa mãe fallecida, a tinha educado. Em tão supremo lance da vida d'uma rapariga de desoito annos, era natural profunda commoção, pelo quanto apresentaria de desconhecido e nevoento o novo dia que se lhe ia abrir na existencia. O seu silencio era o fructo de todos os sentimentos desencontrados, que lhe moravam no peito, o fructo da curta e variada historia da sua vida, com um amor precoce e violento, que vira desfolhado no cumprimento do sagrado dever da obediencia ao pae, severo mas bom. Assim o presumiam todos; por isso a desconfiança não era absoluta e os meios de defesa eram incompletos.

Scintillavam as estrellas no firmamento, n'essa immensa aboboda negra como o veludo, em que grandes e bellos diamantes estivessem collados desde infinitos tempos, e tremelusissem por um movimento ondulatorio do proprio céu. Fendiam as lumieiras, com alegres chammas, a sombra compacta da noite. O estrepito da cavalgada, perturbava o silencio, tal um caminhar de tropas. As sombras iam a grandes passos parecendo espectros. A amplitude da treva absorvente tornava mesquinha a existencia do homem. Os que se dirigiam na tortuosa estrada sentiam-se oprimidos no peito, mas a vista alegrou-se-lhes quando, vencida uma corcunda de caminho, descobriram a egreja rural, lá no fundo, com as vidraças a jorrarem luz, como se fôra noite faustosa de romaria. Quadro ao mesmo tempo phantastico e jubiloso, este apparecimento subito do modesto templo, assim illuminado, surgindo do infinito ventre da

escuridade infinita. Era como um facho espetado n'uma grande caldeira de breu. Em todos os corações houve sobresalto de gozo, até mesmo no de Maria. D. Bento d'Oisma descobrira o sacrario da sua felicidade; o velho do Corcovado o remate das suas aspirações de grandeza; seus filhos, julgaram afastados os receios de mau encontro dos da Maceira, que mesmo que fossem vencidos lhe aguariam o prazer da festa. E Maria o que descobrira para sorrir?... —Alguma esperança?... era aquelle luzeiro, alegria na tristeza das suas amarguras?...

De todos os corações se levantara um peso; amplificara-se o sentir e o desejo de cada um; etherisara-se-lhes a imaginação em hymnos triumphaes. Os formosos olhos de Maria sorriram á profunda escuridade, talvez por á sua mente ter chegado em recordação, qualquer promessa do seu amado. Desciam para o valle onde brilhava a egreja, lentamente, no meio do fogo das lumieiras. Ao chegarem á borda do adro, o leve corpo da noiva, para ser tirado de cima da mula, ricamente ajaesada á hespanhola com teliz de veludo encarnado lampejando oiros, cahiu nos braços de Manoel, seu irmão mais velho. Repicaram faustosamente os sinos n'este instante, annunciando o momentoso acontecimento, ás estrellas que luziam, aos montes silenciosos, aos animaes bravios escondidos nas suas tocas. As aves occultas na espessura das mattas e no interior dos silvedos, quando ao romper da manhã viessem gorgear as suas impressões, decerto relatariam o acontecimento singular que lhes fizera abrir os olhos para a egreja illuminada, e os ouvidos para o jocundo repicar dos sinos. Que necessidade de perturbar a escuridão infinita e solemne, o silencio augusto e magestoso com signaes de festa humana?— perguntariam ao recommçarem os seus amores, ebrios de rosea alvorada.

Pela porta do templo, amplamente aberta, entraram os convidados. No interior, grande perfusão de lumes em todos os altares, para se celebrar a sumptuosa festa. Sorriam os santos, o rosto da Virgem era expressivo e carinhoso, os anjos, os seraphins e cherubins, que nas columnas do altar mór se suspendiam entre nuvens, brincavam alegremente.

A luz espaneceu a tetrica escuridade; o cheiro do incenso e da cera do qual as paredes estavam impregnadas espiritualisara-se com o calor das velas. Os numerosos convidados sentiam-se satisfeitos e communicativos, tinham abundancia de palavras para encher a conversação. A modesta igreja rural, mais uma vez era perturbada na sua tranquillidade: assim cheia de movimento e sussurro de festa, deixava de escutar a musica do ribeiro, agora crescido d'aguas, e de ligar o seu viver obscuro ao das arvores amigas que lhe cresciam em volta, enfolhando-se todos os annos na primavera para a festejar...

Maria subiu o corpo do templo, até ao altar mór, ao lado de seu pae, um velho robusto, de barba em volta da cara sadia, altos collarinhos em camisa de bofes, a casaca das suas bodas (quarenta annos antes) tapando-lhe a nuca com a alta golla. Ao passar em frente da imagem de Nossa Senhora, da qual era solícita devota, ajoelhou orando com fervor, o que fez com que muitos assistentes entrassem em piedoso recolhimento espiritual, imitando-a na mystica submissão. Pediria coragem para o difficil transe?... confessar-se-hia humilde peccadora por ter tido idéa de resistencia á vontade de seu pae?!... No alto da igreja, onde de novo se curvou reverente para fazer as suas supplicas ao Altissimo, cercavam-na as senhoras mais gradas da vizinhança, amigas e parentas, as de Refuinho, da Torre Velha, do Ramisco... que todas como ella resavam com recolhimento e fervor. Davam assim tempo a que o padre Pitança se revestisse na sacristia acompanhado d'outros padres. O cura Clemente Carvalhosa, já velho, alquebrado e doente, não podia vir a estas festas de noite, por causa do seu rheumatismo: substituiu-o o corpulento Pitança. Quando este reappareceu juncto do arco cruzeiro, coberto com a longa capa d'asperges, a batina occulta sob a alva de celebrante, a estola cahindo-lhe serenamente sobre o amplo peito de caçador e occulta pelo solemne pluvial, o grande vulto do sacerdote assim paramentado, tinha a magestade do d'um bispo da idade-média, guerreiro, soberbo e forte. Um absoluto silencio se estabeleceu rapidamente, em respeito ao acto momentoso que se ia celebrar. D. Bento d'Osma, radiante dentro d'uma farda de fidalgo em que se não encontrava muito á vontade, sorria d'um modo caracteristico,

trabalhado interiormente por grande confusão de idéas e sentimentos. Maria estava pallida, mas o seu rosto mostrava serenidade e o seu olhar firmeza. Quando os nubentes davam o primeiro passo para o celebrante, no meio do silencio de tanta gente, attenta e commovida, no meio da gloria de luzes que transformavam o ambito da modesta egreja n'um templo de apothese... é que um avejão, phantasma ou demonio, ou muitos demonios juntos se lembraram de lançar pela egreja fóra os seus gritos lamentosos, terriveis, amedrontadores, e tão lamentosos, terriveis e amedrontadores, que rebentaram simultaneamente no tecto e nas campas, por traz do altar mór e no côro! Não eram vozes com semelhança de humanas, era um como fremito horrendo que se sentisse ao mesmo tempo no céu e no cimo da terra, que surgisse da profundeza dos abysmos infernaes e tivesse a mesma natureza e raiva das imprecações dos condemnados. Todos ficaram transidos de mêdo, e se sentiram faltos do sentimento da realidade: deante dos olhos desvairados dos assistentes, assim colhidos de surpresa, e n'este primeiro momento, parecera-lhes que os mortos haviam rompido o lagedo das sepulturas ao clangor da trombeta final, ou que eram os santos que desciam espavoridos dos altares para recolherem ao logar seguro da celeste morada. Viam o tecto do templo vergar sob o peso da vontade divina, que procuraria assim castigar algum grande peccado, ou impedir tremenda iniquidade. A confusão de todos os cerebros foi completa quando no pulpito, no côro, e no recanto da pia baptismal appareceram tres grandes fogueiras com fumo de polvora e reboar de estoiros, como n'um incendio de magica. Da primeira perturbação logo se passou ao terror fundado na evidencia de um fogo no sanctuario. As vozes em grita, supplicantes e desvairadas, junctavam-se ás das aventesmas e ao rebate dos sinos. A maioria procurou fugir pela porta principal que estava aberta de par em par; os mais serenos, os que poderiam formular raciocinio no meio d'esta grande confusão foram levados na onda. Os rapazes do Corcovado, paraliticos na vontade, tiveram um vislumbre da possibilidade d'um acto de vingança dos da Maceira, mas não se poderam concertar para a defeza. Muitas senhoras fugiram para a sacristia, e no meio d'ellas foi Maria. A sacristia estava ás escuras e a porta para o adro viam-n'a aberta...

Por ali entrara um vulto humano que rapidamente tomou nos braços a noiva, decerto para a salvar do pavoroso castigo que a todos ameaçava. O seu corpo gentil, dentro do vestido de casamento, a cabeça enfeitada de flores, os olhos bellos que tantas lagrimas amargas tinham chorado, o peito ancioso que em silencio suspirara sentidas endeixas d'amor... tudo levou esse salvador providencial e ambos se sumiram no negrume d'essa noite fria de Março. Festejavam-na do céu as estrellas, acompanhava-a o murmurio das fontes, cantava-lhe aos ouvidos a ligeira brisa, e a escuridade amiga e silenciosa encobria estes amores deleitosos. João da Cunha, celere como um gamo, saltou primeiro o muro do adro levando consigo a penna leve do corpo da sua amada, atravessou veloz um campo, saltou outro muro e no caminho d'além, atirou Maria para sobre uma egua valente, montando depois n'um cavallo fiel. E como se isto fôra um vôo de lendas scandinavas, lá foram os dois vencendo encostas, galgando ribeiros, entranhando-se de cada vez mais no seio protector e cumplice da noite calada e escura. Escutavam de vez em quando para ver se outro tropel de cavallos os seguiria; mas João confiava sereno na promessa de seus irmãos, que lhe haviam offerecido as vidas para o livrar de perseguidores.

IV

A perturbação de todos os que assistiam á cerimonia matrimonial foi maior do que podiam esperar os inventores do estratagema. Alarmados pelo subitaneo alarido de vozes de duendes, almas-penadas, diabos ou o que quer que era, em furia e delirio; accrescentado o primeiro barulho com o reboiço que se sentira no telhado da egreja, que parecia derruir-se; levado ao auge o desconcerto com o rapido apparecimento da chama azulada do incendio, com o cheiro da polvora e estrondo de bombas, acompanhados do toque desesperado de sinos a rebate... produziu-se em todos os cerebros um movimento de terror e assombro facil de comprehender. O povo casual e os creados das lumieiras, que tinham deixado as cavalgadas no caminho para assistirem á festa, foram os primeiros a fugir e encontraram-se desvairados no adro,

cegos no meio da escuridade pelo brilho que nos olhos traziam da farta iluminação das tochas. A sua grita e clamor acabou de apavorar os proprios animaes, que, n'um tropel desvairado, correram pelos caminhos e atravez dos campos, como fugidos d'uma casa em chamas. Os convidados, apesar de numerosos, não eram bastantes para acudir ás supplicas das senhoras, presas d'um extraordinario medo e algumas desmaiadas. Os minutos que durou a intensidade do perigo, pareceram annos de castigo e tormentos, a todos que se encontraram no meio do horrivel drama. Os homens mais resolutos, serenos, e affeitos a perigos julgaram que este era o seu ultimo instante de vida terrena e já sob os proprios pés sentiam abrirem-se-lhes escancaradas as verdadeiras gargantas do inferno. Ás vozes rogativas das senhoras, acudiram alguns: o padre Pitança, caçador e temerario, encontrou-se entre ellas de capa d'asperges, falando alto, dizendo palavras incoherentes, mas que davam sentimento de realidade; os do Corcovado correram em busca de Maria... D. Bento d'Osma, esse cahira de joelhos no sitio em que estava na capella mór—tinha as mãos erguidas, os olhos espantados, no semblante o esgar dos epilepticos, e murmurava palavras de prece batendo os dentes. Estava inerte, não procurava evitar a condemnação que o abatera, não pensava em resistir á divina vontade, que o punia sem misericordia.

Porém os do Corcovado procurando sua irmã gritavam por ella na igreja, no adro, na sacristia... por toda a parte. Não a encontrando vieram á fala para cerzirem as suas idéas, e facil lhes foi concordarem no que poderia ter sido aquella emboscada. Sentiram-se realmente apavorados e grotescos.

—Nada! é lá possivel!—ainda teimou o mais velho—procuremol-a melhor, que estará por ahi cahida sem sentidos...

Procuraram com vellas e tochas acesas, que arrancaram dos proprios altares, e de momento a momento a suspeita d'uma cilada dos da Maceira tomava maior vulto e lhes enchia o espirito d'uma colera crescente. A elles se juntaram o velho pae e o D. Bento d'Osma, que os creados haviam arrancado á sua paralisia, e todos chamavam por Maria e pronunciavam o seu doce nome, com ancia e carinho, atirando-o para o ventre mysterioso d'aquella negra e

hostil noite de Março. Nem acordada, nem desmaiada, nem viva, nem morta a encontravam, por mais que empregassem vozes supplices ou de desespero. Agruparam-se com os parentes e o noivo de Maria, os convidados e os proprios creados. Assim todos reunidos, de tochas na mão, em volta da modesta egreja rural semelhavam multidão imprecativa de povo e não gente na ancia d'um interesse terreno. A noiva não respondera, nem ás primeiras vozes carinhosas do pae e do noivo, nem ás palavras já cheias de ira de seus irmãos. Na egreja, na sachristia, no adro não a descobriam... logo, Maria, ou voava para celesteas alturas com as suas azas de pomba virgem, ou fugira nos braços do seu amado, o João da Cunha da Maceira.

—Com dez mil demonios, que sou capaz de trincar o coração a esse malvado, como Pedro, o Crú, fez aos carrascos de sua mulher —rugiu o velho do Corcovado, com a face incendiada em desespero.

—Rapazes!—berrou D. Bento d'Osma á multidão dos seus creados—mil cruzados novos aquelle que os pilhar.

E os irmãos de Maria, concertados em identico pensamento de vindicta e com a imagem sarcastica e victoriosa dos da Maceira deante dos olhos, clamaram:

—Os nossos cavallos depressa que não os deixaremos descansar, nem nas profundezas do inferno!

Não era muito facil encontrar os cavallos, pois quasi todos tinham fugido espavoridos. Como se poderia ir ter com elles atravez da vaga escuridão da noite, por caminhos e veredas incertas? Correram os creados, que os conheciam e a cujo chamamento e vozes os animaes estavam habituados. Partiram do adro, cada um com a sua lumieira erguida como um tropheu, chamando e assobiando, em direcções diversas. Que coisa esta de homens com vozes bradantes, armados de fogachos furando a espessa treva, a saltarem muros, e a correr pelos campos, estradas e atalhos! Seria ás arvores hirtas e silenciosas, ás estrellas sorridentes e alegres, aos espaços mudos e infinitos que elles supplicavam? Lá iam com assobios e palavras semeando a negrura torva. Ao fim d'algun

tempo alguns voltaram com os animaes que buscavam e lhes haviam obedecido, reconhecendo-lhes o imperio a que estavam sujeitos. Já se tinha passado talvez mais de uma hora, quando os parceaes de D. Bento e os rapazes do Corcovado puderam montar os seus fieis cavallos, para irem no alcance dos fugitivos—duração infinita para os apaixonados corações se distancearem no goso d'uma felicidade tão rudemente conquistada.

Mas para que lado correriam os perseguidores, se os terrenos eram tão vastos, as montanhas tão silvestres e asperas? Como nortear a marcha em noite escura de breu, por veredas multiplas e perigosas? Reuniram conselho para deliberar.

—Para a Maceira?—lembraram os rapazes do Corcovado.

—Não seriam tão asnos que em tal ratoeira cahissem—observou o prudente José Pereira.

—Para o Cerdal, pois são amigos de Cesario.—opinou uma voz.

—Meu primo não me faria o agravo de lá os receber—inteirou D. Bento d'Osma.

—Sigam para os montes—ordenou o padre José Pitança, de estola sobre o amplo peito, mas já sem pluvial, que largara para se desembaraçar em qualquer lucta de braço a braço, se necessidade houvesse de a sustentar.

—E se elle a fosse depositar respeitosa e intacta no Ramisco, para depois seguir o processo judicial!?—aventou com a sua voz meliflua o desembargador João Xavier.

Esta lembrança esdruxula, deixou perplexos e irritadas todas as vontades e corações que desejavam uma acção violenta e immediata de assignalada desforra. O sangue dos do Corcovado borbilhava em fremente cachoeira e Thomaz, que era dos quatro o de animo mais ardente e vingativo, disse:

—Qual asneira! Vamos lá para cima que até me parece que já os estou sentindo correr adeante.

E esporeou energicamente o seu cavallo, que lhe respondeu com um salto, vencendo á desfillada a ladeira, onde as ferraduras feriam

lume nas lages. Manoel o mais velho ainda teve tempo para ordenar, gritando:

—Cada um pelo seu caminho e por edades. Eu á direita.

Abalaram encosta acima, acicatando com violencia os animaes. Alguns dos amigos e convidados de D. Bento d'Osma seguiram-nos animados d'um generoso espirito de desforra. No pavor da noite, este galope de combate, amplificou-se primeiro, foi esmorecendo gradualmente, restando por fim nos ouvidos dos que tinham ficado, uma ressonancia como de sons repercutidos no fundo d'um poço. O padre José Pitança, de alva e estola, no meio do adro, estendeu com vigor os braços, increpando no vago com os punhos apontados ao céu:

—Grandissimo patife! Que o esborrachava...

—Uma costa d'Africa é que precisa—ameaçou o velho José Pereira.

—Uma costa d'Africa!—rugiu D. Bento d'Osma. Uma forza! mil forcas é que merecia.

Porem quasi todos entenderam que deviam ir para o Corcovado, onde estava a mesa preparada para o começo do festim da boda. Ali aguardariam os acontecimentos. Muitos porfiavam em acreditar que os fugitivos seriam alcançados. Porem a maioria das senhoras, cujos nervos tinham sido desorientados com a commoção causada por tão estranho, quanto inesperado, successo, preferiram as suas proprias casas, onde melhor se aquietariam com rezas e com descanço ao seu conchego habitual.

V

Noite escura e triste; noite, cheia de negruras no céu e no coração! Pouco depois de João da Cunha e Maria partirem a gallope para o seu louco destino, entraram com elles pavorosos receios, tremendo um por causa do outro. Durante muito tempo os acompanhou o alarme de vozes em grita, que se produzira na igreja e no adro, e que se fôra estendendo pela aldeia, tal onda de

revolta popular. Como fossem subindo a céu amplo sobre o valle, onde a agitação se alastrava, ouviram, até muito longe, esse rumor sinistro, perseguidor e amaldiçoante; mas depois que venceram o primeiro cabeço de monte, era antes um sussurro de mar a bater em rochas escarpadas, isso que lhes chegava aos ouvidos. Mais além, só conheciam a impressão arquejante que lhes ficara vibrando no cerebro perturbado. De vez em quando sonhavam tropel de cavallos que lhes viessem no encalce e paravam attonitos com o ouvido á escuta; conhecido o erro continuavam animados pela doce esperança de viverem no seu amor absoluto, reciproco e vehemente. Maria, apesar de animosa e a tudo resolvida, não deixava de temer a vindicta de seus irmãos, e no escuro da noite mysteriosa murmurou como n'uma prece: «Deus nos proteja! Se nos apanham está tudo acabado!» Ao que o intrepido amante oppoz, com voz decisiva: «Nada receies. O meu corpo será mais difficil de trespassar, que um duro penedo!» Continuavam a rasgar a treva densa, por caminhos perigosos e pouco calcados de gente. João conhecia todos aquelles montes como os campos da sua aldeia; palmilhara-os, durante annos, acompanhado do seu perdigueiro, em todos os carreiros e veredas. Cego que elle se houvera tornado, determinaria a posição dos ribeiros e rochedos e as nodoas das bouças. Por tanto, para se dirigir na selva escura d'esta noite espessa, bastava-lhe o sorrir das estrellas do céu e a ditosa ventura de ter a seu lado aquella a quem amava. Eram favoraveis as circumstancias para não serem encontrados e para chegarem ao ponto ditoso, onde descançariam longe da furia e perversidade humana. Trazia esse quadro na menina dos olhos; era uma casinha alpestre, armada entre fragoas. Porém, como estivesse ainda muito distante e os montes fossem largos, só quando se annunciasse a luz solar poderia definitivamente nortear-se, para chegar em direitura, ao paraíso onde podiam florir os seus amores. Por agora só pensava em distanciar-se de onde estavam os seus temiveis inimigos; queria apenas retirar-se do perigo, livrar a sua felicidade da furia dos irmãos de Maria, que seria cruenta se se viessem a encontrar, n'essa noite, face a face. Armara-se para chegar a todos os extremos d'um combate sanguinoso: preso no arção trazeiro levava duas clavinhas carregadas com zagalotes, nos coldres duas

magnificas pistolas de cavallaria com balas, no bolso interior um acerado punhal de lamina triangular. Preparara-se para uma rude empresa de morte e amor, venderia muito cara a vida e a fortuna de viver. Mas distancear a hypothese horrenda e desgraçada d'um encontro funesto com qualquer dos que o perseguiriam, era o seu anhelos, o seu unico desejo. Por isso procurava com ancia ganhar distancias, mettia por atalhos perigosos, evitava quanto podia a proximidade de casas e povoados, onde se podesse dar indicio da sua passagem. Nem sempre o pudéra conseguir e n'um lugar que atravessaram, o ruido dos cavallos devia ter sido percebido por um grupo de mulheres, que enfornavam a broa da semana. Cresceram os pavores e receios que enegreciam a imaginação de Maria; porém João aquietou-a dizendo-lhe que, aquelle caminho era forçado para muitos logares distantes, uns dos outros. Continuaram silenciosos e cheios d'esperança na negrura cumplice da noite, porém o sussurro dos ribeiros que iam grossos d'aguas, o acordar repentino d'algun animal bravio que fugisse por entre carrascos e tojos, a propria voz do vento que passava nos codeças e bouças se transformavam na mente de Maria em signaes de gente amotinada que os perseguia, em prenuncios de embuscadas que seus crueis irmãos tivessem armado contra o seu unico, verdadeiro e sentido amor. A aldeia ficava-lhes de cada vez mais distante, lá em baixo, em fundo valle. Demonstrava-o o passo mais lento das cavalgadas que era já de fadiga. Tambem agora tinham de caminhar com maior prudencia, pois João confessava-se no limite dos montes seus conhecidos e familiares. Podiam esbarrar com algum ribeiro que os obrigasse a retroceder, por isso procurava sempre os pontos mais altos, onde essa contraria probabilidade diminuia. Às montanhas succediam outras montanhas, sempre n'um levantamento gigante que parecia ter limite no céu, onde talvez fossem cravar seus dentes de penedias asperas. Só as estrellas os acompanhavam com riso carinhoso e só estas é que davam a luz tenue, que lhes deixava distinguir os asperos carreiros, brancos sobre a terra negra. O ar tambem era mais leve e mais cortante, a modo que a sombra da noite se ia adelgaçando. Ao nascente, para onde levavam voltados os rostos, já viam com antecendencia a promettedora chegada do sol, essa alegria sumptuosa do mundo!... Eram menos inquietas e

vibrateis as pestanas argenteas dos astros, que se sentiam cançados da continuada vigilancia durante a longa noite. Visto não terem podido combater victoriosamente a treva densa, deixavam essa encantadora tarefa ao seu glorioso avô, que traria a brilhante poeira de oiro fino, para enfeitar as cristas das montanhas, enchendo de luz a profundeza dos valles e os recessos das penedias. Maria anciosa por encontrar o limite no seu caminhar perguntou:

—Estamos ainda muito longe?

—Andaremos, com dia, talvez uma hora.

—E a gente que nos encontrar?...

—Só pastores e ovelhas poderemos encontrar.

—Santo Deus! Esses pastores não nos denunciarão?

—Os teus irmãos não nos fazem, decerto, para este lado, e daremos informações erradas a quem falarmos.

—Em todo o caso fujaamos sempre...—rematou inquieta.

Seguiam, já n'uma penumbra fofa, o carreiro aberto, ao longo da espinha d'um monte amplo, pelos pés senhoris das ovelhas e cabras que ali passavam diariamente. Um bufo, que levantou o seu vôo pesado, de entre um massiço de penedos, gerou subito alarme no peito de Maria, denunciado n'um grito de susto, que o seu amado acalmou com a explicação prompta do facto. A luz do sol, ainda distante, provocava este e ainda outros signaes de renascimento da vida terrestre. Já a massa espessa das montanhas se definia em formas comprehensíveis á vista: agigantavam-se os penedos com aspecto de homens associados em conversa; as arvores, dispersas nos terrenos aridos, recortavam-se no céu que se ia acinzentando; as aguas da chuva que se tinham accumulado em covas naturaes, eram espelhentas. Com taes prenuncios de dia entrava nos corações amantes, a fé e a esperanza na felicidade do amor. Tão de breu fôra essa noite, que só agora sentiam a posse completa das proprias individualidades, até então amalgamadas com a espessura da treva.

A proxima chegada do sol aclarando o firmamento, que parecia de vidro fosco, apagava gradualmente todos os luzeiros pendurados pelo ar. Formara-se um nimbo lacteo sobre o horisonte. Pipillavam as timidas calhandras erguendo-se do seu leito, entre carquejas, com as pennas irriçadas pelo frio, o que lhes avultava o tamanho. Das bouças já sahiam gaios, grasnando como patos selvagens; levantavam-se melros cortando o crepusculo com o seu vôo rectilíneo e silvo agudo; surgiam pêgas a palrar como velhas dementes. Era a gloria da luz e da vida que renascia e animava a solemne mudez das montanhas crespas. Um ligeiro sorrir dos labios de Maria denunciou que o coração se lhe descomprimia, que a sua alma ingenua e pura, aceitava de boamente os perigos do dia, em troca da escuridade protectora da noite. Não assim João da Cunha, receioso dos males que podiam agora nascer. Se os do Corcovado houvessem acertado na perseguição, se os visse apparecer na volta d'um monte ou do meio d'um matagal, seria tamanha a desgraça, que só a morte a podia definir. Correria o seu sangue e o sangue dos de Maria. Todo o que se vertesse havia de ser em desproveito da sua ventura, que não mais poderia brotar. Mas com um movimento energico de cabeça afastou para longe ideias tetricas; de novo no amplo e corajoso peito entrou a esperança risonha e cariciosa. As montanhas eram largas, os caminhos muitos e intrincados, só um grande infortunio o levaria ao encontro dos seus algozes. Consumidos os dias de gozo, doces como o mel, que viessem as perseguições e os flagellos crueis, pois o encontrariam resolute e altivo, como era natural do seu animo levantado e temerario.

Subiam, subiam ainda na encosta d'um monte, que tinha outros mais altos para os lados do céu. Os já andados escorriam lá para o fundo, em successão de valles, n'um dos quaes assentava a risonha aldeia d'onde haviam partido. Ao vencerem um alto cabeço deram de frente com o olho redondo do sol, que os fitava impavido e dominador.

—Ainda é muito longe?—perguntou Maria.

—Mais uma legua para andar.

Desciam na vertente d'além: n'esse alvorecer encontraram a primeira pastagem de boa relva, mosqueada de malmequeres, goivos e junquinhos nascidos no sopé d'uma penedia d'onde brotava agua, e o primeiro rebanho guardado por um pequeno pastor. Era um rapaz franzino e sujo: ao ver aquella formosa senhora, vestida de claro e com flores na cabeça como qualquer santa, acompanhada por tão garboso cavalleiro, logo se levantou da lage onde estava sentado, conservando-se com o grosso barrete na mão, até que elles chegassem.

—Bom dia rapaz—saudou João da Cunha.

—Bô dia—respondeu em voz rouquenha. Agora não ha romaria: eh! voncês p'ra onde vão?

—Levar uma promessa á Senhora Aparecida—respondeu João.

—Tão linda como a Senhora Aparecida é essa senhora. É sua?

—É minha, é Joaquim. Chamas-te Joaquim?

—Não senhor, sou Zé.

—Pois toma lá este dinheiro e dá-o á tua mãe para te mercar uma camisa. Se por aqui vierem uns senhores a cavallo diz-lhes que não viste passar ninguem.

—Se voncê quer, digo. Hei de rezar por vós, que não ides bem p'ra Senhora Aparecida, mas p'ro Senhor Bô-Home.

—É que vamos primeiro ao Senhor Bom-Homem e depois á Senhora Aparecida—explicou.

—Antão, havendes de tornar para traz.

—Pois tornamos.

—Isso é falar. Deus os acompanhe.

Ficaram receiosos d'este encontro, como já o vinham das mulheres que enfornavam o pão. O convivio humano era-lhes n'este momento antipathico. Da intelligencia alheia, só perigos lhes poderiam advir. Maria levava o rosto palido e fatigado; desejava chegar breve ao ponto da terra, onde pudesse repousar e esconder-

se. O seu amado compreendeu-lhe este secreto pensamento tão legitimo e natural. Chegados a um sitio d'onde se lhes desdobrava aos olhos um largo ondeado de montanhas, João apontou a brancura d'uma ermida, que se destacava sobre a mancha negra d'uma matta e disse:

—Acolá, vês?

—É uma capella!

—Para além da capella está a casa.

—Quanto tempo?

—Pouco tempo.

Metteram por uma esplanada coberta de penedias em cujas anfractuosidades podiam esconder a sua marcha. A luz do sol já enchia os montes e até os valles cobertos pelo nevoeiro matinal. O ar rescendia a aromas, que se levantavam da terra, das flores e hervas alpestres. Passavam no céu, azul palido, aves de grande corpulencia, abutres e aguias, que pousavam nos pincaros mais levantados. Os negros corvos crocitavam perto, subindo do chão para os penhascos. Apparecia aqui um coelho que rebolava pela terra arenosa; rompia adeante um par de perdizes, já acasaladas no começo d'amores; erguia-se uma lebre, veloz na carreira, corveteando de orelha guicha. Maria, certa do limite da sua jornada, mostrava rosto mais desanuveado; todo o seu desejo e ambição era, n'este momento, esconder-se como timida corsa no denso matagal, que fazia mysteriosa negrura, juncto da alva capella que João lhe apontara. Não tardou muito que aportassem ao carinhoso abrigo. Bem mereciam este repouso, depois de tão longas horas atormentadas pelo esforço corporeo e pelas preocupações do espirito. As horas, muitas ou poucas, que ali permanecessem, ignorados e tranquilllos, encher-os-hiam de amor ardente, para entorpecerem a sensibilidade, enquanto não vinha o desenlace da arrojada aventura.

—Ninguem nos supporá aqui, meu amor—suspirou João ao saltar do seu cavallo.

—E de quem é esta casa?—perguntou Maria ao cahir-lhe nos braços, para descer da egua.

—D'um amigo de longe, que só vem aqui, de anno a anno, fazer as suas caçadas.

Depois de recolher as cavalgadas, entraram na modesta cabana, coberta de colmo. Logo fecharam a porta sobre os seus corpos cansados. João ao apertar Maria nos braços nervosos exclamou desvairado.

—Até que emfim! Podem agora vir todos os tormentos da terra!...

VI

Dia venturoso, primeiro dia d'amor, em casa modesta e simples, cercados do silencio dos ermos, bafejados pela brisa balsamica e leve, aquecidos pela chama copiosa do bello sol de primavera. Da terra humilde dos montes nasciam flores, abrindo no vasto azul o sorriso, que de noite cubiçara o brilho das estrellas. As aves simples, que a floresta enchiam de seus encantos, ignoravam a apothese que estavam fazendo d'aquella felicidade. Tudo que havia de rescendente nas duas almas, ditosas e bellas como os lyrios brancos, subia em anhelos para as celestiaes alturas, enchendo os espaços infinitos de sua fragancia.

O dedicado amigo de João da Cunha, que lhe cedera este sagrado abrigo, havia-lh'o provisionado de modo que não fosse necessario, logo de entrada, qualquer contacto com gente do povoado. Por isso n'este primeiro dia, nem as janellas descerraram, vivendo os dois na escuridade que mais os unia no seu amor immenso. Os serranos, que por acaso passavam, não presumiriam viv'alma dentro d'aquella casa simples, construida entre penhascos aproveitados como tractos de paredes. As duas unicas janellas eram aberturas naturais das fragas: por ali entravam outr'ora as aves de presa, que nos reconcavos faziam seus ninhos. As duas portas collocadas no afastamento mais largo dos penedos aglomerados, davam entrada uma para a cosinha, outra para a casa de jantar e dormitorio. As cavalgadas arrumavam-se n'uma loja

aberta na espessura da terra no ponto inferior do fraguado. O telhado de colmo era preso, para resistir ás ventanias invernaes, com pedras e paus atravessados. As aberturas desnecessarias tinham sido tapadas grosseiramente com pedra avulsa, sem o esmero de rebouco de argamassa exterior. Esta rustica morada assentava a mais de meia encosta, por cima da afamada matta do Medronhal. As duas janellas abriam para o declive dos montes e via-se, em corrida extensão, a severa e funda garganta, por onde sussurravam as grandes aguas, que vinham de longe, formando o ribeiro da Marnoca, celebre pelas suas trutas. O inverno tinha sido aspero e copioso, o degelo das neves altas, ainda em principio, engrossava a corrente que n'um fragor de trovão se despenhava de rochedo em rochedo, por entre togeiras virgens, onde não pousaria o pé rustico do pegureiro, se para ali se lhe extraviasse a rez. Havia até sitios perigosos, aos quaes é duvidoso que pudesse chegar, lobo esfomeado em procura de presa. Eram brenhas selvaticas e dantescas onde, só no torrido estio, entrava o sol para calcinar as pedras. O contemplal-a apenas, enchia a alma de pavores e mysterio. Os dois amados, na escuridade da sua cabana e cercados do silencio do ermo, que este aspero ruido tornava mais completo, sentiam-se tão fóra do mundo e dos homens, que os seus corações já palpitavam unisonos e sem receio. Era sua aspiração e desejo, viverem, assim infinitamente, n'esta paz tranquillã de sepultura, formando um ser de dois seres, com um unico sentir e uma só vontade—louca aspiração de juvenil egoismo, de que só pode dar razão a immensa felicidade que fruïam. Eram como essas aves que outr'ora ali tinham formado seus ninhos toscos, na ignorancia de tudo que não fossem montes e estrellas. Independencia absoluta da vida esquecida dos que se persuadem que no amplo universo, nada mais existe do que o amor. Veio-lhes a fadiga e o somno, que mais dilatada lhes tornou a ventura, continuando-a pelo sonho em céus deslumbrantes. Quando acordaram já o sol declinava no horisonte, arrastando a resplendente juba loira pelo cume das montanhas. Abriram então uma das janellas para se despedirem do astro que, fulgurando, deixava o mundo e levava comsigo a alegria da terra.

N'uma d'essas toscas aberturas a poente, appareceram amarellecidos pela ultima luz d'esse venturoso dia, as duas cabeças

unidas, os dois corpos enlaçados. Demorando-se na contemplação do formoso espectáculo, Maria, tinha ainda o seu vestido de noiva e na cabeça as flores com que lh'a haviam enfeitado. O crepusculo cobriu-a lentamente com o seu veu de gaze fino, como a uma criança que dormisse, sombreando-lhe o rosto com tintas de melancolia.

E para orquestrar este quadro de simplicidade antiga e paradisiaca, subia do fundo da garganta escura da floresta o som magnifico e potente das aguas, como um hymno religioso, que se amplificasse solemne nas abobadas d'uma cathedral. Fechava-se assim este primeiro dia enebriante e ditoso: viera a noite alargar o vasio de todas as existencias, afofar com sombras os meandros da vida universal.

Accenderam lume, para se aquecerem.

Em frente um do outro, sentados em toscos escabellos de carvalho annoso, estavam em silencio, enredando os seus pensamentos. Presas as suas linguas nas circumstancias d'esta existencia anomala e feliz, communicavam-se por meio de sorrisos e beijos. Maria, porém, rompeu o encanto da sua mudez, considerando:

—Até quando durará isto?!

—Hade durar sempre—affirmou João.

—Talvez bem pouco dure...

—Teu pae perdoa-nos...

—Nunca nos perdoará—disse repassada d'angustia. Não o conheces.

—Seremos do mesmo modo felizes.

—Porém como!?...

João fez um gesto amplo e vago de quem acredita no céu clemente e mysterioso, dentro do qual se conservam em amalgama todas as soluções felizes da existencia humana. Apesar d'isto, continuaram tristes e absorvidos na sua tristeza, deante do lume

alegre e crepitante, com chamas que se levantavam e diluam como as esperanças. É assim toda a ventura: ergue-se com impeto, flameja triumphal, desaparece como a chama, como ella deixando a treva e o frio. Porém estes amores apenas começados estariam, por certo, bem distantes do seu fim: no querido ermo, protegidos pela treva densa, principiava a primeira noite fecunda e bella. Fecunda e bella foi, mas tinha de acabar como o dia. E acabou: já no ambiente se sentia o acordar de existencias chamadas pelo reaparecimento do sol, o qual, os ditosos amantes, tambem de novo vieram saudar.

Abriram a porta que dava para nascente, e abraçados como duas estatuas em grupo, appareceram risonhos deante do sol:—Maria com o seu vestido de noiva machucado, as flores da cabeça emmurchecidas; João o rosto mais severo e palido do que ao findar o precedente dia.

Rompeu o grande astro por entre penedias: primeiro como uma gema d'ovo, amarella e redonda; depois com a irradiação d'uma enorme fornalha que estivesse no infinito. A todos a luz patentearia a realidade da Terra: a Maria e a João mostrava-lhes a extensão aspera e vaga da montanha, um chão arenoso e safaro, cheio de granitos e pobres plantas, sempre açoitadas de ventanias e chuvas, crestadas pelas neves duradoras, roidas do dente damnhinho das cabras. Contemplavam essa aridez impressionante e forte das serranias, que educa as vontades para a victoria e para o sacrificio, que prepara o cerebro para extremos de abnegação até á morte. Sentiam essa grave austeridade contrastando com a terna ventura dos seus corações, jovens e amantes, com o sentir mais delicado das suas organizações creadas na tranquillidade e maciesa das veigas floridas, de culturas abundantes que agudam a sensibilidade. O bello sol reunia-lhes os dois corpos n'um feixe de luz, atando-os com os seus raios d'oiro; o seu magnifico beijo matinal sellava a incomparavel ventura d'este amor incomparavel. Tão descuidados e seguros se encontravam em momento tão ditoso, que João não teve duvida em propor á sua amada o sahirem á procura d'um rebanho, que lhes dêsse leite para o almoço.

Foram enlaçados, como dois ramos nascidos do mesmo tronco. Rostos alegres e corações abertos á aventura iam pelo monte além,

descendo para sitios onde presumiam pastos. Amplificavam-se-lhes os pulmões para n'elles entrar o ar fresco; dilatavam-se as narinas excitadas pelos aromas da brisa silvestre. Andaram bastante para encontrar o primeiro rebanho: quando voltavam, ao ninho d'amor, com a caneca a transbordar de grosso leite, é que ouviram latidos d'uma matilha, que de longe vinha batendo a serra para o Medronhal. Continuava a subir aparatosamente o sol, no céu tranquillo e mudo, desdobrando pelas corcovas das montanhas, pelo apertado das gargantas, e pelos ferteis valles o seu lençol de luz. Os cães ladravam ainda longe, porém a revoada dos seus ganidos, misturados a tiros de espingarda e a gritos de batedores, subia pela encosta acima, como o fumo d'uma nevoa, que o vento sul levantasse. O rosto de Maria alterou-se, parou com o ouvido á escuta e perguntou:

—Que será?

—Alguma batida ao bicho bravo. O fogo é lá p'ra baixo—explicou João.

—Vamos depressa para casa!...—pediu receiosa.

—Pois vamos—concordou abraçando-a pela cintura, para andarem mais depressa.

Caminhavam diligentes e celeres, não reparando que se lhes vertia o leite da infusa. Dominava-os apenas a idéa de não serem vistos de viv'alma, de se esconderem na modesta choupana, com portas e janellas fechadas, n'uma escuridade completa. Porém, os seus passos deseguaes e nervosos foram sustidos n'um momento, pela apparição d'uma sombra... d'um phantasma... d'um homem a cavallo, que apparecendo ao norte se dirigia como elles, para o lado da ermida branca.

—Olha gente!—exclamou Maria. Se nos vê, santo Deus!...

Esconderam-se por traz d'um macisso do urzal virgem, que pegava com o Medronhal. D'ali queriam observar o destino do cavalleiro. O silencio de João, as linhas do seu rosto contrahido e pallido, o peito tão quieto que nem respirava, denunciavam a negrura do seu coração. Compreendeu o perigo: ainda que aquelle

homem fosse um estranho, que os não conhecesse, havia de causar-lhe surpresa o encontral-os n'aquellas rudes paragens, sósinhos, tão jovens, tão namorados e tão dignos um do outro. Levaria a noticia do singular encontro e estariam logo descobertos. Pelo menos seriam obrigados a mudar d'abrigo e a esgotar depressa o primeiro calix da sua ventura.

—Talvez passe para diante—ciciou-lhe, quasi ao ouvido, o namorado de Maria.

Mas o cavalleiro, caminhando devagar e cauteloso, como avançada na observação de campo inimigo, estava ainda bastante longe para só se distinguir o seu vulto com o chapéu desabado, a espingarda atravessada nos joelhos, o grosso tronco, firme sobre a sella.

—Peor é—considerou João—se ha por aqui alguma porta de espera; porque então fica.

—O que é uma porta de espera?—perguntou anciosa Maria.

—O ponto onde pode romper a caça—esclareceu.

Do lado esquerdo surgiu outro cavalleiro com o equal aspecto de descanço, da mesma forma vestido e armado, convergindo tambem para o sitio da ermida. Viam-no mais perto, sem que pudessem ainda definir particularidades. Porém, quando chegou a um altinho, onde o recorte do seu corpo e da cavalgadura se fez com maior precisão e nitidez, Maria deu um grito, que pela intensidade da dôr que exprimia, seria capaz de acordar lastimas nos reconvos d'aquellas montanhas.

—É meu irmão Thomaz!

A João da Cunha cahiu-lhe da mão o tarro de leite, que se verteu pela terra. Affirmado-se com acuidade de vista, levou a mão ao punhal que tinha no bolso rugindo:

—Pois matto-o.

Em casa é que tinha as armas, com que poderia fazer frente aos seus inimigos; mas a casa estava distante, e tinham de subir um pedaço de encosta aspera. Chegariam a tempo se corressem;

porém, as pernas de Maria, recusavam-se a andar. Era mortal a pallidez do seu bello rosto, tremula de commoção a sua voz melodica, pavorosa a angustia da sua alma; o seu corpo sem energia, deixava-se desfallecer sobre o chão. João da Cunha, o valente rapaz, principiou a tremer como um vidoeiro, açoitado por ventos furiosos. Maria agarrando-se fortemente ao seu corpo supplicava-lhe:

—Esconde-me, esconde-me. Que me não vejam!

Subia, magestoso e grave do fundo da matta, o sussurro do ribeiro da Marnoca, cujas grandes aguas se despenhavam, avolumando-se-lhes o som, com as ressonancias da montanha. Essa voz rouca e solemne attrahia os dois corações amantes, que só poderiam encontrar refugio nas covas fundas, onde a corrente uivava e onde o javali se escondia. N'essa tetrica escuridade de noite haveria por ventura, abrigo e defesa contra a furia e colera dos irmãos de Maria?

—Vamos, vamos para baixo e se lá ainda nos encontrarem, jura-me que me has de mattar com esse punhal, antes que elles me toquem!—clamava a amada, enleando-se ao tronco do seu amado.

VII

Conservava-se silencioso João da Cunha, porem tinha o semblante terrivelmente tetrico. Já se ouviam mais perto os tiros de espingarda e os gritos d'alarme dos batedores, e com este novo perigo mais se estreitavam os corpos dos dois namorados. Obedecendo ao chamamento da voz em supplica e reconhecendo a inutilidade de quaesquer esforços para se deffender, João deixava-se arrastar por Maria para o fundo abysmo da garganta escura da montanha, onde se despenhavam as aguas em precipicios. No ultimo relance em que viu, por entre o urzal virgem que os occultava, os dois cavalleiros, reconheceu serem Thomaz e Vicente, os dois mais temiveis dos do Corcovado. Aproximava-se portanto, o fim do seu tragico amor. Com a robustez do seu corpo agil, ia amparando o corpo delicioso de Maria, que já se entregava sem

animo. A cada paragem indispensavel para refazer forças ella solicitava de João, com verdadeiras lagrimas, que a deixasse esconder-se mais na escuridade. Já tinha os pés e os braços ensanguentados de roçarem nos silvedos e nas arestas vivas do granito; o vestido rasgado pelos espinhos dos abrolhos e das tojeiras! João, apesar de toda a solicitude, não conseguia afastar com as suas mãos piedosas todos esses duros obstaculos. Tambem elle tinha a carne dilacerada e dos olhos vermelhos e vehementes sahiam-lhe expressões alternadas de colera e de pavor. Mas iam descendo sempre, amparando-se para não reboarem pelo ingreme declive, do fundo do qual vinha o bravio ronco das aguas, que se precipitavam de penedo em penedo, por entre nuvens de espuma branca. O espirito de Maria sentia consolação em embrenhar-se n'esta sombra de noite, cada vez mais espessa; mas o barulho dos batedores e dos cães chegava-lhe de muito perto. E quando se encontrou á borda do ribeiro gemebundo, com a pelle rasgada em feridas, o vestido de noiva em farrapos, os cabellos desgrenhados e sem flores, disse com expressão de alivio e desafogo:

—Podemos morrer. Aqui não nos verão!

O seu amado estava silencioso e rigido no meio da desventura, que por todos os lados o cercava. Em breve ali chegaria a sofrega matilha, que podia denunciar a estada d'elles n'aquelle mattagal aspero, escondidos no reconcavo d'um penedo, abraçados n'um ultimo alento d'amor. João que já uma vez batera aquellas brenhas, em alegre e bulhenta companhia, via-se agora como o timido veado, occulto por medronheiros, altas giestas e urzes seculares, com o fim de se furtar á impertinencia de miseros rafeiros!... Do peito sahiam-lhe impetos de coragem, tinha subitaneos repellões de musculos que o animavam a mostrar-se aos seus inimigos, tal como era, indomito e sem temôr. Poderia subir n'um arranco, qual outro cabrito montez, aquellas rochas escarpadas; poderia haver ás mãos as clavinas e as pistolas: depois em campo claro, peito a peito, combater com denodo, matando e morrendo. O seu coração ousado era uma cachoeira de sangue n'estes momentos; exaltava-se-lhe a mente n'uma febre de lucta. Erguendo-se, alto como um gigante, exclamou com os braços para o céu:

—Sem ao menos ter aqui as minhas armas com que te possa defender!...

Maria dedusindo d'estas palavras do seu amado, que elle tivesse o pensamento de se ir aperceber para a lucta supplicou:

—Não me deixes só! Ninguém nos imaginará n'esta cova.

—Depois de darem busca á casa e encontrarem cavallos e mais coisas que nos pertencem, como não adivinharão?...

—Falta-lhes ainda descobrir-nos.

—Bastam os cães para nos denunciarem, como se fossemos bicho medroso...

Humilhou-se, abatendo de novo o seu corpo sobre a terra humosa. Havia gemer de raiva n'aquelle peito ancioso. Com aspecto torvo e fronte livida, olhava com vista negra para a espessura da matta, onde o vivo sol da manhã, apenas gerava uma penumbra. Zumbiam abelhas colhendo o alimento do rosmaninho, da flôr do tojo e dos sargaços; os innocentes piscos de peito vermelho volitavam de galho em galho; passara uma cobra entre o folheto, que tapetava o chão. A espessura do medronhal já se enfeitava com rebentos novos; a vida universal, independente e descuidosa, crescia, remoçava-se á vista d'aquelles corações desfallecidos e sem esperança.

A grita dos batedores avultava em intensidade. A matilha em busca accesa estava perto, subia e descia as penedias, entrava nas covas e na negrura dos mattos. Os dois amantes, ouviam perto os latidos; sentiam o ganir e o choro proprio da canzoada na ancia da procura. João da Cunha, paralytico na sua vontade e remettido á impotencia do seu aspero desespero, não falava: fechou os olhos para não ver, tapou os ouvidos para não ouvir. Maria, com a sua alma candida cheia ainda de fé e esperança, estava de joelhos, as mãos erguidas, orando fervorosa e supplicante, o pallido rosto innundado de lagrimas. Deu um grito e interrompeu a prece, ao ver por entre a espessura da velha urze que tapava a bocca do antro onde se tinham escondido, o negro focinho d'um valente cão do Crasto, que rosnava. João ergueu-se de repente, apurando todos os

seus sentidos, e ficou ameaçador com o punhal na mão. O animal recuou, subindo para um penedo d'onde principiou a ladrar e a arremetter com ferocidade. Era um animal medeano, mas de cabeça poderosa: tinha o focinho agudo, a bocca rasgada como a dos lobos, as orelhas cortadas, em volta do pescoço uma colleira de pregos. O corpo zebado de negro, em fundo pardacento, lembrava a pelle da hyena. O pello do dorso, mais cerdoso, estava erriçado pela colera; os olhos sanguineos, em circulo negro, olhavam com ferocidade; os dentes brancos, fortes, eguaes, arreganhavam-se deixando ver a lingua comprida, como uma chamma. Ladrava com desespero, resfolgando-lhe as narinas, pois via João da Cunha, com o punhal na mão, em attitude aggressiva. Outros cães da matilha vieram junctar as suas vozes ás do denunciante; os batedores, suppondo peça de caça renitente, algum javalli encurralado entre penedos, animavam com gritos os animaes, em quanto se iam approximando.

O lance era de extremos perigos. João da Cunha, palido como a morte, estreitava ao seu valente corpo, o leve corpo de Maria, cujos irmãos, ao suspeitarem do valor do signal dado pelos cães se tinham já reunido juncto da ermida para conferenciarem.

—São elles—disse Thomaz, o de coração mais duro. Examinei aquella casa, tem coisas que lhes pertencem. Ha um cavallo da Maceira.

—Não nos fugirão agora—disse rancorosamente Vicente.

N'estas palavras havia alegria e impiedade. Concertaram o seu plano, que consistia em descerem, ao mesmo tempo, de quatro pontos differentes, convergindo para o sitio onde o ladrido se accentuava mais vivo e feroz. Porfiavam por chegar primeiro que os batedores, para só por si liquidarem este pleito. Tinham calma no aspecto, mas levavam no coração, muito mais goso e ferocidade, do que teriam para desalojar a mais temivel das feras.

Tamanha era a perseguição que os mastins lhes faziam que João e Maria tiveram de sahir do seu esconderijo, para ficarem em terreno aberto, onde se pudessem defender. Os cães do Corcovado, ouvindo a voz carinhosa da sua ama, tinham-se afastado da

contenda; mas os restantes, especialmente o que primeiro os descobrira, mostravam-se de cada vez mais inimigos. Houve um instante em que o assedio se tornou tão violento que João da Cunha pronunciou alto:

—Maus raios! Eu sem lhes poder chegar!...

N'este apertado lance é que Maria descobriu, n'uma clareira, cercada de urzes e medronheiros, passar seu irmão mais velho, o Manuel, com a espingarda ao hombro, dirigindo-se para o sitio onde os cães ladravam.

—Estamos descobertos!—disse apontando.

—Inferno!—bramou João da Cunha. Não ter comigo as clavinas!

Este apparecimento levou Maria para as visões da loucura. Pelo ramalhar das arvores, em cujos braços as espingardas se prendiam, pelo ondear dos mattos, percebia-se claramente que tambem os outros do Corcovado para o mesmo ponto convergiam.

Maria pensou em encontrar sitio, ainda mais inacessivel, lá para o fundo do precipicio. João desvairado, acompanhava-a, amparando-a, para a não deixar cahir. Nenhum d'elles sabia para onde era levado pelo destino, pela força interior que os impellia, mas ambos comprehendiam que mais para baixo era mais cavernoso o marulho da corrente, mais denso o arvoredado. Havia ahi uma queda de muitos metros, onde a agua levantava alegres nuvens de espuma, e depois se expraia em larguesa de bahia tranquilla. Sem conhecerem o risco, para ahi se dirigiram, attrahidos pela escuridade e para se livrarem da perseguição crescente da matilha. Entraram n'uma passagem estreita, onde o ribeiro corria precipitado. O negrume do logar e o fragor da corrente cegava-os e ensurdecia-os. Chegaram á fraga d'onde a catadupa se precipita no fundo barathro. Ahi apareceram abraçados um ao outro, tão meigos e sorridentes, como no primeiro momento d'amor, e n'esse supremo instante é que uma voz de vingança se lhes levantou fronteira, ameaçando-os:

—Nem mais um passo, que os varo!...

Era o Thomaz, que os apontava com a arma aperrada.

Maria deu um grito de pavor desprendendo-se dos braços do seu amado. Tapou os olhos para não ver e correndo pela lage fóra, precipitou-se na cachoeira fremente. João com os dentes cerrados de desespero, os olhos em chamas de loucura, ainda tentou agarrar-a; porém acompanhou-a na queda, sem poder tocar-lhe no vestido de noiva.

O cadaver de João da Cunha, foi encontrado, depois, entre as penedias, com o craneo esmigalhado. Já os corvos crocitavam em volta da sua misera podridão. O de Maria, colhido amorosamente pela massa das aguas ao cahir appareceu boiando no remanso limpido, como o de Ophelia, retido por um innocente ramo d'urze. Foi d'esta humilde planta, que o seu corpo gentil recebeu o ultimo beijo de carinho.

FIM

*** END OF THE PROJECT GUTENBERG EBOOK A NOSSA
GENTE ***

Updated editions will replace the previous one—the old editions will be renamed.

Creating the works from print editions not protected by U.S. copyright law means that no one owns a United States copyright in these works, so the Foundation (and you!) can copy and distribute it in the United States without permission and without paying copyright royalties. Special rules, set forth in the General Terms of Use part of this license, apply to copying and distributing Project Gutenberg™ electronic works to protect the PROJECT GUTENBERG™ concept and trademark. Project Gutenberg is a registered trademark, and may not be used if you charge for an eBook, except by following the terms of the trademark license, including paying royalties for use of the Project Gutenberg trademark. If you do not charge anything for copies of this eBook, complying with the trademark license is very easy. You may use this eBook for nearly any purpose such as creation of derivative works, reports, performances and research. Project Gutenberg eBooks may be modified and printed and given away—you may do practically ANYTHING in the United States with eBooks not protected by U.S. copyright law. Redistribution is subject to the trademark license, especially commercial redistribution.

START: FULL LICENSE

THE FULL PROJECT GUTENBERG LICENSE

PLEASE READ THIS BEFORE YOU DISTRIBUTE OR USE THIS WORK

To protect the Project Gutenberg™ mission of promoting the free distribution of electronic works, by using or distributing this work (or any other work associated in any way with the phrase “Project Gutenberg”), you agree to comply with all the terms of the Full Project Gutenberg™ License available with this file or online at www.gutenberg.org/license.

Section 1. General Terms of Use and Redistributing Project Gutenberg™ electronic works

1.A. By reading or using any part of this Project Gutenberg™ electronic work, you indicate that you have read, understand, agree to and accept all the terms of this license and intellectual property (trademark/copyright) agreement. If you do not agree to abide by all the terms of this agreement, you must cease using and return or destroy all copies of Project Gutenberg™ electronic works in your possession. If you paid a fee for obtaining a copy of or access to a Project Gutenberg™ electronic work and you do not agree to be bound by the terms of this agreement, you may obtain a refund from the person or entity to whom you paid the fee as set forth in paragraph 1.E.8.

1.B. “Project Gutenberg” is a registered trademark. It may only be used on or associated in any way with an electronic work by people who agree to be bound by the terms of this agreement. There are a few things that you can do with most Project Gutenberg™ electronic works even without complying with the full terms of this agreement. See paragraph 1.C below. There are a lot of things you can do with Project Gutenberg™ electronic works if you follow the terms of this agreement and help preserve free future access to Project Gutenberg™ electronic works. See paragraph 1.E below.

1.C. The Project Gutenberg Literary Archive Foundation (“the Foundation” or PGLAF), owns a compilation copyright in the collection of Project Gutenberg™ electronic works. Nearly all the individual works in the collection are in the public domain in the United States. If an individual work is unprotected by copyright law in the United States and you are located in the United States, we do not claim a right to prevent you from copying, distributing, performing, displaying or creating derivative works based on the work as long as all references to Project Gutenberg are removed. Of course, we hope that you will support the Project Gutenberg™ mission of promoting free access to electronic works by freely sharing Project Gutenberg™ works in compliance with the terms of this agreement for keeping the Project Gutenberg™ name associated with the work. You can easily comply with the terms of this agreement by keeping this work in the same format with its attached full Project Gutenberg™ License when you share it without charge with others.

1.D. The copyright laws of the place where you are located also govern what you can do with this work. Copyright laws in most countries are in a constant state of change. If you are outside the United States, check the laws of your country in addition to the terms of this agreement before downloading, copying, displaying, performing, distributing or creating derivative works based on this work or any other Project Gutenberg™ work. The Foundation makes no representations concerning the copyright status of any work in any country other than the United States.

1.E. Unless you have removed all references to Project Gutenberg:

1.E.1. The following sentence, with active links to, or other immediate access to, the full Project Gutenberg™ License must appear prominently whenever any copy of a Project Gutenberg™ work (any work on which the phrase “Project Gutenberg” appears, or with which the phrase “Project Gutenberg” is associated) is accessed, displayed, performed, viewed, copied or distributed:

This eBook is for the use of anyone anywhere in the United States and most other parts of the world at no cost and with almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away

or re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included with this eBook or online at www.gutenberg.org. If you are not located in the United States, you will have to check the laws of the country where you are located before using this eBook.

1.E.2. If an individual Project Gutenberg™ electronic work is derived from texts not protected by U.S. copyright law (does not contain a notice indicating that it is posted with permission of the copyright holder), the work can be copied and distributed to anyone in the United States without paying any fees or charges. If you are redistributing or providing access to a work with the phrase “Project Gutenberg” associated with or appearing on the work, you must comply either with the requirements of paragraphs 1.E.1 through 1.E.7 or obtain permission for the use of the work and the Project Gutenberg™ trademark as set forth in paragraphs 1.E.8 or 1.E.9.

1.E.3. If an individual Project Gutenberg™ electronic work is posted with the permission of the copyright holder, your use and distribution must comply with both paragraphs 1.E.1 through 1.E.7 and any additional terms imposed by the copyright holder. Additional terms will be linked to the Project Gutenberg™ License for all works posted with the permission of the copyright holder found at the beginning of this work.

1.E.4. Do not unlink or detach or remove the full Project Gutenberg™ License terms from this work, or any files containing a part of this work or any other work associated with Project Gutenberg™.

1.E.5. Do not copy, display, perform, distribute or redistribute this electronic work, or any part of this electronic work, without prominently displaying the sentence set forth in paragraph 1.E.1 with active links or immediate access to the full terms of the Project Gutenberg™ License.

1.E.6. You may convert to and distribute this work in any binary, compressed, marked up, nonproprietary or proprietary form, including any word processing or hypertext form. However, if you provide access to or distribute copies of a Project Gutenberg™ work in a format other than “Plain Vanilla ASCII” or other format used in

the official version posted on the official Project Gutenberg™ website (www.gutenberg.org), you must, at no additional cost, fee or expense to the user, provide a copy, a means of exporting a copy, or a means of obtaining a copy upon request, of the work in its original “Plain Vanilla ASCII” or other form. Any alternate format must include the full Project Gutenberg™ License as specified in paragraph 1.E.1.

1.E.7. Do not charge a fee for access to, viewing, displaying, performing, copying or distributing any Project Gutenberg™ works unless you comply with paragraph 1.E.8 or 1.E.9.

1.E.8. You may charge a reasonable fee for copies of or providing access to or distributing Project Gutenberg™ electronic works provided that:

- • You pay a royalty fee of 20% of the gross profits you derive from the use of Project Gutenberg™ works calculated using the method you already use to calculate your applicable taxes. The fee is owed to the owner of the Project Gutenberg™ trademark, but he has agreed to donate royalties under this paragraph to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation. Royalty payments must be paid within 60 days following each date on which you prepare (or are legally required to prepare) your periodic tax returns. Royalty payments should be clearly marked as such and sent to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation at the address specified in Section 4, “Information about donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation.”
- • You provide a full refund of any money paid by a user who notifies you in writing (or by e-mail) within 30 days of receipt that s/he does not agree to the terms of the full Project Gutenberg™ License. You must require such a user to return or destroy all copies of the works possessed in a physical medium and discontinue all use of and all access to other copies of Project Gutenberg™ works.
- • You provide, in accordance with paragraph 1.F.3, a full refund of any money paid for a work or a replacement copy, if a defect in the electronic work is discovered and reported to you within 90 days of receipt of the work.

- You comply with all other terms of this agreement for free distribution of Project Gutenberg™ works.

1.E.9. If you wish to charge a fee or distribute a Project Gutenberg™ electronic work or group of works on different terms than are set forth in this agreement, you must obtain permission in writing from the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, the manager of the Project Gutenberg™ trademark. Contact the Foundation as set forth in Section 3 below.

1.F.

1.F.1. Project Gutenberg volunteers and employees expend considerable effort to identify, do copyright research on, transcribe and proofread works not protected by U.S. copyright law in creating the Project Gutenberg™ collection. Despite these efforts, Project Gutenberg™ electronic works, and the medium on which they may be stored, may contain “Defects,” such as, but not limited to, incomplete, inaccurate or corrupt data, transcription errors, a copyright or other intellectual property infringement, a defective or damaged disk or other medium, a computer virus, or computer codes that damage or cannot be read by your equipment.

1.F.2. LIMITED WARRANTY, DISCLAIMER OF DAMAGES - Except for the “Right of Replacement or Refund” described in paragraph 1.F.3, the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, the owner of the Project Gutenberg™ trademark, and any other party distributing a Project Gutenberg™ electronic work under this agreement, disclaim all liability to you for damages, costs and expenses, including legal fees. YOU AGREE THAT YOU HAVE NO REMEDIES FOR NEGLIGENCE, STRICT LIABILITY, BREACH OF WARRANTY OR BREACH OF CONTRACT EXCEPT THOSE PROVIDED IN PARAGRAPH 1.F.3. YOU AGREE THAT THE FOUNDATION, THE TRADEMARK OWNER, AND ANY DISTRIBUTOR UNDER THIS AGREEMENT WILL NOT BE LIABLE TO YOU FOR ACTUAL, DIRECT, INDIRECT, CONSEQUENTIAL, PUNITIVE OR INCIDENTAL DAMAGES EVEN IF YOU GIVE NOTICE OF THE POSSIBILITY OF SUCH DAMAGE.

1.F.3. LIMITED RIGHT OF REPLACEMENT OR REFUND - If you discover a defect in this electronic work within 90 days of receiving it,

you can receive a refund of the money (if any) you paid for it by sending a written explanation to the person you received the work from. If you received the work on a physical medium, you must return the medium with your written explanation. The person or entity that provided you with the defective work may elect to provide a replacement copy in lieu of a refund. If you received the work electronically, the person or entity providing it to you may choose to give you a second opportunity to receive the work electronically in lieu of a refund. If the second copy is also defective, you may demand a refund in writing without further opportunities to fix the problem.

1.F.4. Except for the limited right of replacement or refund set forth in paragraph 1.F.3, this work is provided to you 'AS-IS', WITH NO OTHER WARRANTIES OF ANY KIND, EXPRESS OR IMPLIED, INCLUDING BUT NOT LIMITED TO WARRANTIES OF MERCHANTABILITY OR FITNESS FOR ANY PURPOSE.

1.F.5. Some states do not allow disclaimers of certain implied warranties or the exclusion or limitation of certain types of damages. If any disclaimer or limitation set forth in this agreement violates the law of the state applicable to this agreement, the agreement shall be interpreted to make the maximum disclaimer or limitation permitted by the applicable state law. The invalidity or unenforceability of any provision of this agreement shall not void the remaining provisions.

1.F.6. INDEMNITY - You agree to indemnify and hold the Foundation, the trademark owner, any agent or employee of the Foundation, anyone providing copies of Project Gutenberg™ electronic works in accordance with this agreement, and any volunteers associated with the production, promotion and distribution of Project Gutenberg™ electronic works, harmless from all liability, costs and expenses, including legal fees, that arise directly or indirectly from any of the following which you do or cause to occur: (a) distribution of this or any Project Gutenberg™ work, (b) alteration, modification, or additions or deletions to any Project Gutenberg™ work, and (c) any Defect you cause.

Section 2. Information about the Mission of Project Gutenberg™
Project Gutenberg™ is synonymous with the free distribution of electronic works in formats readable by the widest variety of

computers including obsolete, old, middle-aged and new computers. It exists because of the efforts of hundreds of volunteers and donations from people in all walks of life.

Volunteers and financial support to provide volunteers with the assistance they need are critical to reaching Project Gutenberg™'s goals and ensuring that the Project Gutenberg™ collection will remain freely available for generations to come. In 2001, the Project Gutenberg Literary Archive Foundation was created to provide a secure and permanent future for Project Gutenberg™ and future generations. To learn more about the Project Gutenberg Literary Archive Foundation and how your efforts and donations can help, see Sections 3 and 4 and the Foundation information page at www.gutenberg.org.

Section 3. Information about the Project Gutenberg Literary Archive Foundation

The Project Gutenberg Literary Archive Foundation is a non-profit 501(c)(3) educational corporation organized under the laws of the state of Mississippi and granted tax exempt status by the Internal Revenue Service. The Foundation's EIN or federal tax identification number is 64-6221541. Contributions to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation are tax deductible to the full extent permitted by U.S. federal laws and your state's laws.

The Foundation's business office is located at 809 North 1500 West, Salt Lake City, UT 84116, (801) 596-1887. Email contact links and up to date contact information can be found at the Foundation's website and official page at www.gutenberg.org/contact

Section 4. Information about Donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation

Project Gutenberg™ depends upon and cannot survive without widespread public support and donations to carry out its mission of increasing the number of public domain and licensed works that can be freely distributed in machine-readable form accessible by the widest array of equipment including outdated equipment. Many small donations (\$1 to \$5,000) are particularly important to maintaining tax exempt status with the IRS.

The Foundation is committed to complying with the laws regulating charities and charitable donations in all 50 states of the United

States. Compliance requirements are not uniform and it takes a considerable effort, much paperwork and many fees to meet and keep up with these requirements. We do not solicit donations in locations where we have not received written confirmation of compliance. To SEND DONATIONS or determine the status of compliance for any particular state visit www.gutenberg.org/donate. While we cannot and do not solicit contributions from states where we have not met the solicitation requirements, we know of no prohibition against accepting unsolicited donations from donors in such states who approach us with offers to donate.

International donations are gratefully accepted, but we cannot make any statements concerning tax treatment of donations received from outside the United States. U.S. laws alone swamp our small staff. Please check the Project Gutenberg web pages for current donation methods and addresses. Donations are accepted in a number of other ways including checks, online payments and credit card donations. To donate, please visit: www.gutenberg.org/donate.

Section 5. General Information About Project Gutenberg™ electronic works

Professor Michael S. Hart was the originator of the Project Gutenberg™ concept of a library of electronic works that could be freely shared with anyone. For forty years, he produced and distributed Project Gutenberg™ eBooks with only a loose network of volunteer support.

Project Gutenberg™ eBooks are often created from several printed editions, all of which are confirmed as not protected by copyright in the U.S. unless a copyright notice is included. Thus, we do not necessarily keep eBooks in compliance with any particular paper edition.

Most people start at our website which has the main PG search facility: www.gutenberg.org.

This website includes information about Project Gutenberg™, including how to make donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, how to help produce our new eBooks, and how to subscribe to our email newsletter to hear about new eBooks.